



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

MÔNICA PEREIRA DOS SANTOS

**NERÓPOLIS DO AVESSE: REPOSITÓRIO DE MEMÓRIAS E NARRATIVAS
DO LUGAR**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

GOIÂNIA

2017

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: ☒ Dissertação ☐ Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Nome completo do autor: Mônica Pereira dos Santos

Título do trabalho: Nerópolis do Avesso: Repositório de Memórias e Narrativas do Lugar

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do (s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

Mônica Pereira dos Santos
Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:

Rosângela Luiz B. R. de S.
Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 30/05/2018

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.
Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

MÔNICA PEREIRA DOS SANTOS

**NERÓPOLIS DO AVESSO: REPOSITÓRIO DE MEMÓRIAS E NARRATIVAS
DO LUGAR**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia,
do Instituto de Estudos Socioambientais,
da Universidade Federal de Goiás para
obtenção do título de Mestre em
Geografia, sob a orientação da Profa.
Dra. Rusvênia Luiza Batista Rodrigues
da Silva.

GOIÂNIA

2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Pereira dos Santos , Mônica

Nerópolis Do Avesso: Repositório De Memórias E Narrativas Do
Lugar [manuscrito] / Mônica Pereira dos Santos . - 2017.
cxxx, 187 f.: il.

Orientador: Prof. Rusvênia Luiza Batista Rodrigues da Silva .
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Instituto
de Estudos Socioambientais (Iesa), Programa de Pós-Graduação em
Geografia, Goiânia, 2017.

Bibliografia. Anexos.

Inclui siglas, mapas, fotografias, abreviaturas, gráfico, tabelas,
lista de figuras, lista de tabelas.

1. Discurso Fundador . 2. Memória . 3. Narrativas . 4. Lugar. I.
Batista Rodrigues da Silva , Rusvênia Luiza , orient. II. Título.

CDU 911.3



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: NATUREZA E PRODUÇÃO DO ESPAÇO

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
DE
MÔNICA PEREIRA DOS SANTOS**

Aos trinta dias do mês de novembro do ano de dois mil e dezessete (2017), a partir das 14:00h, no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, teve lugar a sessão de julgamento da Dissertação de Mestrado de Mônica Pereira dos Santos, intitulada: **"Nerópolis do Avesso: Repositório de Memórias e Narrativas do Lugar"**. A banca examinadora foi composta, conforme Portaria n.º 134/2017 da Diretoria do IESA, pelos seguintes Professores Doutores: **Prof.ª Dr.ª Rusvênia Luiza Batista Rodrigues da Silva** (Presidente), **Prof. Dr. Eguimar Fêlcio Chaveiro** (membro titular interno) e **Prof.ª Dr.ª Joycelaine Aparecida de Oliveira** (membro titular externo). Os examinadores arguíram na ordem citada, tendo a candidata respondido satisfatoriamente. Às 14h15 horas a Banca Examinadora passou a julgamento, em sessão secreta, tendo a candidata obtida os seguintes resultados:

Prof.ª Dr.ª Rusvênia Luiza Batista Rodrigues da Silva (Presidente) – Ass. Rusvênia Luiza Batista Rodrigues da Silva
Aprovada (☒) Reprovada ()
Prof. Dr. Eguimar Fêlcio Chaveiro – Ass. Eguimar Fêlcio Chaveiro
Aprovada (☒) Reprovada ()
Prof.ª Dr.ª Joycelaine Aparecida de Oliveira – Ass. Joycelaine Aparecida de Oliveira
Aprovada (☒) Reprovada ()

Resultado final: Aprovada (☒) Reprovada ()

Houve alteração no Título? Sim () Não (☒)

Em caso afirmativo, especifique o novo título:

Outras observações: Alterações solicitadas pela banca.

Reaberta a Sessão Pública, o Presidente da Banca Examinadora proclamou o resultado e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata, que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela Secretária do Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Secretaria Luana de Castro Amorim

Luana de Castro Amorim
Assistente em Administração
Instituto de Estudos Socioambientais

COMPOSIÇÃO DA BANCA

Dissertação apresentada ao Programa Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia, defendida em sessão pública no dia 30 (trinta) de novembro de 2017 às 14h00, no Mini Auditório do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA) da UFG, e avaliada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores doutores (as):

PROFA. DRA. RUSVÊNIA LUIZA BATISTA RODRIGUES DA SILVA

(PPGEO/IESA/UFG)

Presidenta da Banca - Orientadora

PROFA. DRA. EGUIMAR FELICIO CHAVEIRO

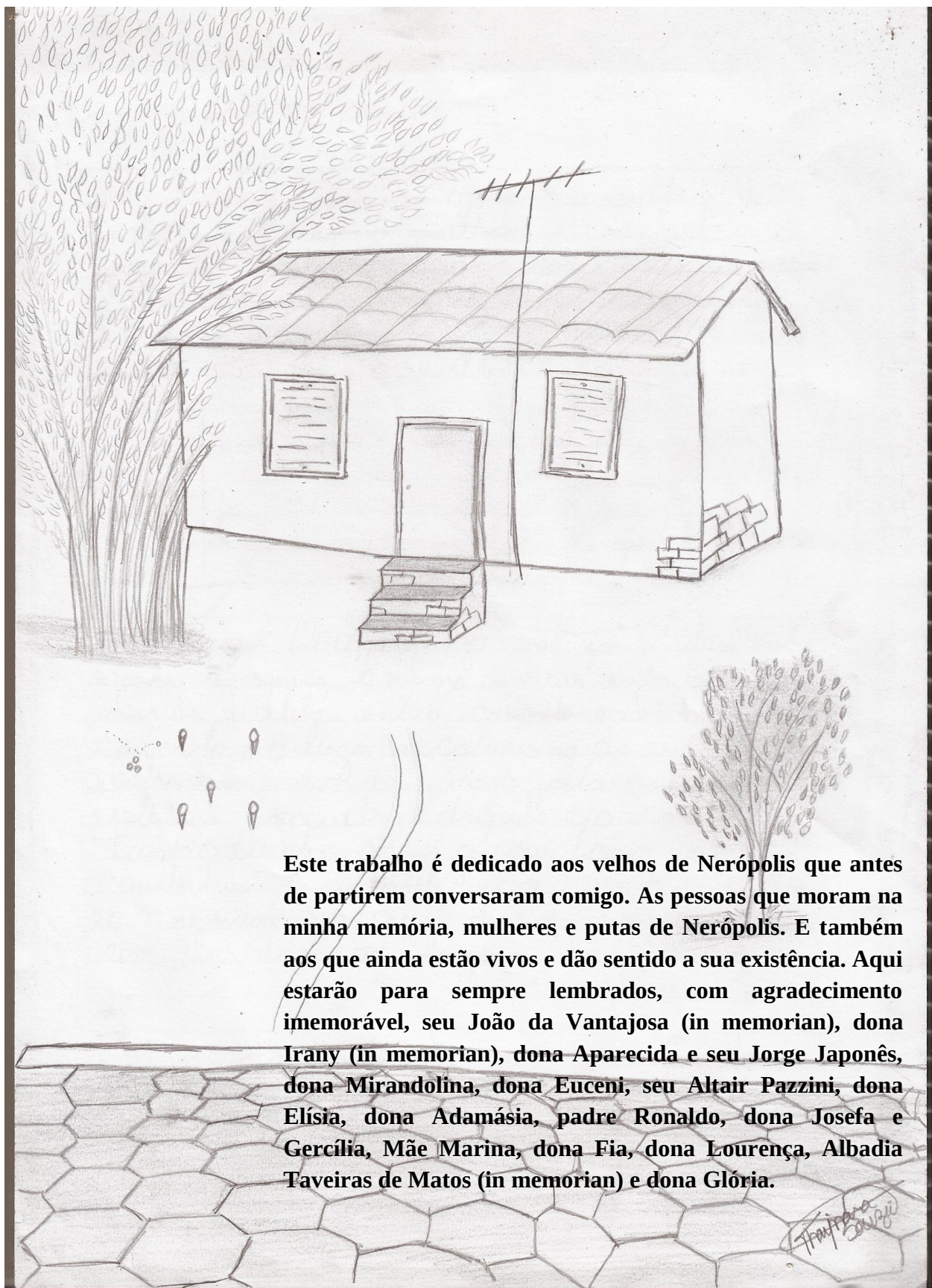
(PPGEO/IESA/UFG)

Membro Interno

PROFA. DRA. JOYCELAINE APARECIDA DE OLIVEIRA

(CEPAE /UFG)

Membro Externo



Este trabalho é dedicado aos velhos de Nerópolis que antes de partirem conversaram comigo. As pessoas que moram na minha memória, mulheres e putas de Nerópolis. E também aos que ainda estão vivos e dão sentido a sua existência. Aqui estarão para sempre lembrados, com agradecimento imemorável, seu João da Vantajosa (in memorian), dona Irany (in memorian), dona Aparecida e seu Jorge Japonês, dona Mirandolina, dona Euceni, seu Altair Pazzini, dona Elísia, dona Adamásia, padre Ronaldo, dona Josefa e Gercília, Mãe Marina, dona Fia, dona Lourença, Albadia Taveiras de Matos (in memorian) e dona Glória.

Tramira Souza

AGRADECIMENTOS

Às pessoas da cidade de Nerópolis por terem descortinado o véu de suas vidas com respeito, afeto e certa desconfiança.

A minha orientadora, Rusvênia, mestra de um conhecimento profundo culta e sensível ao outro, sempre sensível a mim. Agradeço pelo apoio, incentivo, pelas broncas com sentido acadêmico e principalmente pelas falas e conselhos para a vida.

A minha mãe Ana, pelo apoio e por acreditar sempre em mim. Nos momentos em que eu mesma não acreditei.

A Emanuelle pelas leituras, incentivo, confiança e os “*venenos das cobras ninja pokémon*”. Ao Ubirajara pelo carinho e ajuda de sempre. São ambos “amigos de graduação” que ficarão para a vida.

A Steffany, minha irmã, por ouvir mil vezes a história dos Taveira e destruir o arquivo do trabalho de campo.

A Thaynara, minha sobrinha, pelo bem - querer e ajuda na reta final do trabalho.

Ao Wesley, meu irmão, por dez palavras de desincentivo e contraditoriamente mil ações de apoio. Agradeço ainda pelas demonstrações de orgulho que me fazem saber que posso contar com ele a qualquer hora.

Ao Junior, meu sobrinho, por sempre me distrair chamando na janela do quarto, para ir ao lago, andar de carinho de rolimã, ver as suas invenções, ou socorrer o cachorro.

A família Tachini e Silva: Fernando, Rusvênia, Tomás e Santiago, por terem aberto a porta da sua casa e das suas vidas para mim em um momento determinante da minha vida. Gratidão.

A Natália Beatriz, pela escuta profissional e por me apresentar a mim mesma. A Fabiana, também pela escuta e por me reapresentar a mim por intermédio de Mario Quintana e Fernando Sabino.

Ao Napoleão e César, meus cachorros, criaturas de amor fraterno e abraços carinhosos. A mim por aceitar o sofrimento e não desistir.

A VIDA – Mario Quintana

Depois de muitas quedas eu descobri que às vezes, quando tudo dá errado, acontecem coisas tão maravilhosas que jamais teriam acontecido se tudo tivesse dado certo.

Eu percebi que quando me amei de verdade pude compreender que, em qualquer circunstância, eu estava no lugar certo, na hora certa.

Então pude relaxar...

Pude perceber que o sofrimento emocional é um sinal de que estou indo contra a minha verdade. Parei de desejar que a minha vida fosse diferente e comecei a ver que tudo o que aconteceu contribuiu para o meu crescimento.

Desisti de querer ter sempre razão e com isso errei muito menos vezes. Desiste de ficar revivendo o passado e de me procurar como futuro, que é onde a vida acontece.

Descobri que na vida a gente tem mais é que se jogar, porque os tombos são inevitáveis.

Percebi que a minha mente pode me atormentar e me decepcionar. Mas quando eu a coloco a serviço do meu coração, ela se torna uma grande e valiosa aliada.

Também percebi que sem amor, sem carinho, e sem verdadeiros amigos, a vida é vazia e se torna amarga.

Ser feliz é reconhecer que vale a pena viver, apesar de todos os desafios, incompreensões e períodos de crise. É agradecer a cada manhã pelo milagre da vida.

Pedras no caminho?

Guardo todas, um dia vou construir um castelo...

RESUMO

Este trabalho objetiva apresentar a cidade de Nerópolis - Goiás por meio das minhas memórias de infância e pela narrativa dos interlocutores: os “velhos”, que são moradores do Setor Centro dessa cidade que guardam em suas memórias individual e coletiva acontecimentos que me ajudam a conhecer o Distrito de Cerrado, húmus que deu a corporeidade à forma Nerópolis - cidade. No entanto, parto antes deste lugar, lugar de pertencimento. Início o trabalho desmistificando o discurso fundador da fazenda berço Fazenda Taveira, cuja sua história está contida em um simulacro de desencontros quanto a sua localização e, acima de tudo, do silenciamento dos descendente da Família Taveira fundadora. Narrar o lugar onde se viveu uma vida inteira e, sobretudo, conhecer algumas pedras do caminho que calçam o imaginário sobre Nerópolis enquanto cidade, por muitas vezes, me deixou desconfiada de que não estaria sendo fiel ao conhecimento adquirido na academia. Mas, conto com a narrativa dos velhos desse lugar e começo a tecer a rede de relações do trabalho, da fé, da vida presente no cotidiano desses velhos e desta maneira retiro este relicário do discurso formal e oficial e danço a valsa da vida no tempo em que esse lugar era o Distrito de Cerrado.

Palavras-chave: Discurso fundador, Memória, Narrativas, Lugar.

ABSTRACT

This work aims to present the city of Nerópolis - Goiás through my childhood memories and the narrative of the interlocutors: the "old people", who are residents of the Center Sector of this city that hold in their individual and collective memories events that help me to know the District of Cerrado, humus that gave the corporeity to the form Nerópolis - city. However, I leave before this place, place of belonging. He began the work by demystifying the founding discourse of Fazenda Taveira's cradle farm, whose history is contained in a simulacrum of disagreements as to its location and, above all, the silencing of the descendants of the founding Taveira Family. Narrating the place where you lived a lifetime and, above all, knowing some stones of the way that fit the imaginary about Nerópolis as a city, for many times, made me suspicious that it would not be true to the knowledge acquired in the academy. But I count on the narratives of the old people of this place and start to weave the network of relationships of work, faith, life present in the daily life of these old people and in this way I withdraw this reliquary of formal and official discourse and dance the waltz of life in time in which this place was the Cerrado District.

Keywords: Founder's speech, Memory, Narratives, Place.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Seu Jorge Japonês e Dona Aparecida, no seu armazém.	19
Figura 2 : Pé de Angico setor São Judas Tadeu Goiânia Goiás	36
Figura 3: Rotatória da Entrada da Universidade Federal de Goiás GO- 080.	37
Figura 4: Vendinha Distrito de Vila Rica Goiânia Visto Pela GO- 080.	39
Figura 5: Vista aérea da entrada da cidade de Nerópolis- Goiás ano de 2016	40
Figura 6: Cartório Francisco Taveira. Fonte: www.googleimagens.com.br	45
Figura 7: Galeria dos Pioneiros de Nerópolis Representantes.	48
Figura 8: Constituição da minha família	52
Figura 9: Galeria dos Pioneiros de Nerópolis Representantes.	52
Figura 10: - Avenida Juscelino Kubitschek setor Centro Nerópolis Goiás.	61
Figura 11: Mapa de localização do Distritos de Cerrado Goiás em 1940	76
Figura 12: Primeiro Livro de Registro Civil da povoação de Capivara Distrito de Cerrado ano 1904.	80
Figura 13: Casa Rural telhado de quatro águas	84
Figura 14: Registro de internação de idosos no Lar “São Vicente de Paula” / Centro Espirita “Lar, Luz e Caridade de Nerópolis”	91
Figura 15: Constituição da Família de Albadia Taveira.	95
Figura 16: Constituição da Família Taveira: B.A Amarildo Taveira	106
Figura 17: Croqui das Fazendas Berço do Distrito de Cerrado.	108
Figura 18: Mapa de localização dos Interlocutores no Distrito de Cerrado – Setor Centro de Nerópolis.....	115
Figura 19: Casa Telhado de quadro águas Rua Alan Kardec.	117
Figura 20: Mirandolina Nascimento	120
Figura 21: Traçado das ruas do centro de Nerópolis.	126
Figura 22: Ampliação da Igreja de São Benedito no então Distrito de Cerrado nos anos de 1930.	128
Figura 23: Caminho antigo do Distrito de Cerrado à Campinas.	131
Figura 24: Caminhos Antigos, Distrito de Cerrado, Máquinas de Arroz.	132
Figura 25: Estrada da Passaginha	133
Figura 26: Traçado Antigo Caminhos da População de Nerópolis.	134
Figura 27: Prédio da Prefeitura Municipal	139

Figura 28: Rua Aderbal Antunes de Oliveira – Agenor Caldas – Anos 1950.....	183
Figura 29: Mutirão de Limpeza da Cidade anos de 1950.....	183
Figura 30: Reis Comitiva dos Três Reis Magos, Rua Joaquim Nabuco – Setor São Paulo	186
Figura 31: Pagamento da prenda e recebimento da imagem – Setor São Paulo	187

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	IBGE
Juscelino Kubitschek.....	JK
Partido Social Democrático.....	PSD
Telefone de Uso Público.....	TUP
Universidade Federal de Goiás.....	UFG

SUMÁRIO

APROXIMAÇÕES.....	15
PORÕES.....	23
SOMOS TODOS FILHOS DELAS	24
GEOGRAFIA E TRABALHO DE CAMPO, COMEÇOS.....	30
TRAVESSIAS PESSOAIS E ITINERÁRIOS SUBJETIVOS	34
AS PISTAS OFICIAIS DA HISTÓRIA E DA MEMÓRIA	41
CAMPO FRUSTRADO E OS DESAFIOS DA ORALIDADE	52
BRUMAS.....	59
O ENREDO DO DISCURSO FUNDADOR	64
VÃO SURGINDO OS SENTIDOS	71
TAVEIRA: DO SOBRENOME A PESSOA.....	77
CONCLUSÃO.....	141
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	148
ANEXO 1 - SOMBRAS.....	153
ANEXO 2.....	Erro! Indicador não definido.
ANEXO 3.....	158
ANEXO 4.....	181

APROXIMAÇÕES

É possível enfrentar os próprios fantasmas e se pôr a pensar a cidade onde vivemos uma vida inteira? Cidade vivida, cidade da vida, vida na cidade, cidade como extensão da vida corporificada. Como conseguir enfrentar os fantasmas e com um espelho nas mãos visitar os meus porões?

De um ponto de vista bem peculiar escrevo como moradora de Nerópolis. Cresci nesse lugar, assim como esse lugar se transformou aos meus olhos, me transformou. Trago comigo as lembranças de momentos vividos que asseveram as transformações do espaço da cidade. As recordações foram obtidas por meio da minha própria vivência entrelaçando com a vivência de amigos, conhecidos, velhos e velhas interlocutores e também os discursos familiares. Esse é o corpus da pesquisa, os sujeitos e as narrativas da cidade. Desta forma, os relatos são de fora de mim, mas passam por mim e são parte das minhas lembranças também.

Obtidas ao longo da minha existência, em decorrência de conversas, tais relatos tem como ponto de partida pequenas reuniões familiares, anos vividos em horas de diálogos. Tais diálogos eram vistos por mim apenas como “entretenimento”: o juntar-sentir-viver. Juntava e juntava as pessoas em volta do café e a prosa corria solta. Um hábito que necessariamente exigia dispor de algum tempo, para sentar e conversar. Algumas vezes aquele café era acompanhado de bolo caseiro de alguma receita antiga ou compartilhada por alguém ou dos *rápidos-de-fazer* bolinhos de chuva: estratégia da convenção do receber-agradar.

Quitandas que tinham como finalidade, envolver as pessoas presentes em volta das histórias sobre o trabalho na roça, ou como era a vida antigamente, as casas de zona de prostituição, a violência protagonizada entre os peões das fazendas de café nestas casas, as festas religiosas, enfim. Frequentemente estes eram as pautas mais presentes nas pequenas reuniões de infância que geralmente aconteciam nas tardes de domingo, dia de folga do trabalho nas roças. Normalmente durava até o momento em que os presentes começavam a pensar nas horas de descanso que ainda faltava até chegar os próximos dias de folga.

Eram os dias de trabalho que seguiam pela semana, na rotina daquelas pessoas, que viviam numa relação muito próxima do trabalho no campo. Para sustentar a vida como boias frias, nas lavouras e hortas, plantando e colhendo produtos como: café, feijão, milho, alho e hortaliças. Isso quando aqueles braços não estavam envolvidos com o beneficiamento de alho, nos galpões que existiam nos bairros e nas fazendas próximas a cidade, limpando, selecionando e fazendo as tranças (restando) o produto, que rendeu a Nerópolis um dos seus muitos títulos, neste caso *cidade do alho*.

As lembranças que coloco aqui começam na ainda infância. Veiculam-se a um tempo onde as crianças cresciam mantendo parte da sua vida no vaivém das brincadeiras de rua, nos pomares e córregos que ainda existiam “dentro” da cidade. Inúmeras foram às tardes em que eu saía para buscar frutas nos pastos e pomares das fazendas mais próximas de casa ou para pegar lenha que sustentava os fogareiros e os fogões. Apesar do esforço físico que esta atividade exigia eu ia sem nenhum pesar, pois quando terminava poderia tomar banho de córrego no Ribeirão Capivara. Para mim este agraciamento era uma espécie de pagamento pela atividade que embora fosse árdua fazia parte das tarefas desempenhadas pelas crianças. Aliás, relatos sobre a participação das crianças nas atividades infantis das sociedades rurais são objeto de reflexão e pesquisa.

Outro passeio bastante comum no passado era caminhar pelas ruas dos setores mais velhos da cidade: o Setor Central e o Bairro Botafogo. Os passeios ajudavam a conhecer barreiras presente no espaço que naquele tempo eram grandes e desafiadoras para nós. Como a primeira vez em que atravessei a Avenida Juscelino Kubistchek, via que separa os primeiros setores erguidos pelos moradores deste lugar, no sentido leste/oeste, orientação pela qual a cidade se expandiu inicialmente. Minha aventura infantil tinha como uma única preocupação conseguir voltar para casa sem ser descoberta pela minha mãe. Isso significava basicamente não machucar e nem ser visto por um vizinho que poderia me denunciar.

Muitas são as memórias da infância e dos itinerários percorridos de casa para a escola. A travessia daquela avenida era um acontecimento: primeiramente porque a vida em Nerópolis se desenrolava quase que exclusivamente do lado direito da avenida, sentido sul para o norte, entre as ruas Pedro Júlio situada no sentido vertical e Antônio Roncato na horizontal, ambas no centro da cidade. A ligação dessas duas ruas forma um

traçado parecido com a de um esquadro. Dentro da sua área podíamos andar livremente, uma vez que nele se localizavam os lugares de frequentar com regularidade: a escola, a igreja, a praça, a padaria, a feira, as biroskas, o armazém, o ginásio de esportes e a casa dos amigos. Ademais éramos proibidos de atravessar a avenida sem estarmos acompanhados devido a movimentação de carros e caminhões de carga, que cruzavam a pista longitudinalmente, em direção à região norte e nordeste do estado ou rumo a cidade de Goiânia, ao sul.

Nerópolis da infância é um lugar de atravessar.

A posição da avenida naquele tempo escondia a sua real significação para a dinâmica da cidade, pois estabelecia uma ligação entre Nerópolis e a Cidade de Goiás, antiga capital do Estado de Goiás. Tal situação indica que a história de Nerópolis não é tão *simplória* quanto acreditávamos ou como foi contada, no período em que ocupávamos os bancos da escola primária no Colégio Estadual José Valente, assentado ao lado da Igreja Matriz de São Benedito, próximo a Delegacia de Polícia, como uma reta, que ligava a Prefeitura Municipal aos demais prédios tidos como *importantes* para o funcionamento da vida ordinária da cidade. A ordenação do centro revela o *patrimônio leigo* que foi encoberto pelo processo que proporcionou a mudança de Nerópolis da condição de *Distrito de Cerrado* para *município de Nerópolis*.

Quantas vezes subi as escadas da Câmara Legislativa para gritar meu nome da sacada do prédio da Câmara Legislativa e ouvir o eco. Esse local servia de palanque para as figuras políticas do lugar. Nossa motivação era ouvir o eco e a reação das pessoas que estavam nos corredores da Praça do Correto, procurando com o olhar, por entre as árvores e a sacada. Enquanto isso eu ficava escondida atrás da pequena parede, achando graça daquela situação. Outras vezes, saí correndo, saltando os lances de escada, fugindo para não ser pega pelas funcionárias que limpavam a câmara no dia de sessão.

Tem também as histórias dos trotes telefônicos feitos no “orelhão” que ficava em frente ao Posto Telefônico, ao lado da Igreja Matriz, que podia ser visto de longe pelos seus usuários, por causa da cor vermelho vibrante que cobria a estrutura da cabine. Aquele orelhão tinha em seu painel interno caracteres escritos com a letra preta sobre um fundo branco, alguns símbolos de emergência desenhados nas cores vermelho e amarelo. Pratiquei muitos trotes usando o telefone público uma vez que era uma

brincadeira comum das crianças da minha geração. Confesso que sempre interrompia a ligação assim que se iniciava o toque de *chamada a cobrar*, pois tinha receio de ser descoberta. Afinal, havia poucos “orelhões” no centro. Não seria difícil para alguém deduzir de qual lugar as ligações estavam sendo feitas, uma vez que os demais telefones ficavam no Bairro Botafogo ou dentro do Posto Telefônico. Para fazer uso destes outros aparelhos era preciso entregar o número desejado para a telefonista, para que ela realizasse a ligação o que estava fora do cenário brincante e infantil. Telefone era coisa de gente adulta.

Mesmo com esse receio nunca deixei de telefonar para o orelhão que ficava em frente à Delegacia de Polícia. Estava assentado há poucos metros do local onde eu me encontrava com outros amigos e de lá podíamos ouvir o barulho do toque que ressoava pela rua, ininterruptamente. Até, o momento em que o escrivão da polícia saía na calçada e desligava o telefone. Muitas vezes o escrivão, olhava na nossa direção enquanto tirava o telefone do gancho e encerrava a ligação, sem dizer nenhuma palavra. Isso colocava fim momentâneo aquela espécie de brincadeira, mas ainda se repetia por outros anos e em outras circunstâncias.

Outros lugares também compõem o nosso mosaico de lembranças e fazem parte da nossa infância neste lugar. Dentre eles esta o armazém do seu Jorge-japonês e da dona Aparecida, que ficava na esquina da rua da escola e era um dos lugares mais frequentávamos. Seja para buscar algum mantimento “em cima da hora”, ou para comprar alguma coisa que alimenta-se o nosso prazer, essas guloseimas de mercado, doces e melados que estavam inseridos, no-de-vez-em-quando da rotina alimentar, baseada em frutas, carnes, ovos, legumes e cereais.

Todos os dias, quando íamos para a escola passávamos, em frente ao armazém do seu Jorge-japonês e da dona Aparecida. Muitas vezes ficávamos sentados no alpendre da casa deles, esperando o portão da escola abrir ou a sirene soar, anunciando o início do horário da aula. Aquele alpendre continha revestimento de *tijolinho-a-vista* na cor vermelha, cobrindo do chão até as paredes. Era cortada por duas colunas de concreto arredondadas, pintadas de branco. Estar ali me passava à sensação de segurar o teto sobre a cabeça, pois o pilar segurava o pé de parede que fazia a vista da frente da casa.

Aquele alpendre era o meu lugar todas as tardes antes da sirene da escola soar. Mesmo nos dias em que eu não tinha dinheiro para comprar lanche no armazém ficava ali protegida a sombra dele. Era melhor ainda quando eu tinha dinheiro para comprar o lanche. Preferencialmente escolhia os salgadinhos de milho da marca *milhopã* e o waffer de morango e chocolate com o desenho do fofão.

Figura 1: Seu Jorge Japonês e Dona Aparecida, no seu armazém.



Fonte: trabalho de campo (06/ 2017)

Mesmo sendo frequentadora assídua desse armazém, para comprar algum mantimento para casa de última hora, ou o lanche escolar, recebíamos o mesmo tratamento que outros clientes menos assíduos por parte dos balconistas. Para sermos atendidos no armazém do seu Jorge japonês era necessário ficar de pé esperando o momento. O único privilégio era dado aos clientes idosos, atendidos primeiramente; mas quando a Dona Aparecida estava trabalhando na sessão do armarinho, local em que os salgadinhos estavam localizados, tínhamos mais sorte, porque ela conseguia fazer atendimento que contemplava os velhos e as crianças, numa espécie de escalonamento. Para tal era necessário ficarmos de pé diante do balcão esperando em uma fila imaginária até a hora de chegar a vez. A comerciante olhava a posição de nossas mãos e a nossa postura diante do balcão. Tínhamos uma regra a seguir e essa era conhecida, incorporada, silenciosa. A isso Pierre Bourdieu denominou *habitus*, um conhecimento

adquirido, um haver, capital de um sujeito, ou seja, indica a disposição quase postural de um sujeito em ação (BORDIEU 1989, p. 65). A exigência da postura e do respeito significava se colocar diante o balcão, segurando as mãos à frente do corpo, em silêncio. Algumas vezes ela falava que desta maneira era mais fácil para ela perceber que a gente queria alguma coisa, nesta dança íamos seguindo entre a vida escolar e as outras atividades do cotidiano.

Ao voltarmos para casa, passávamos em frente à loja de tecido do seu João da Vantajosa que fica ao lado do armazém do seu Jorge-japonês e da dona Aparecida na Rua Antônio Roncato. Pode parecer uma redundância especificar um lugar para se chegar a outro. Mais é dessa forma que mencionamos alguns endereços, fazendo referência a pontos comerciais ou a casa de alguma pessoa conhecida. Na casa da dona Gloria era possível comprar manteiga de leite; tem também a birosca do seu Nenê; o depósito de construção do Evandro; a loja de roupa do seu Kamal; o forno do seu Josias; a fábrica de doce do seu Humberto, assim como tantos outros lugares.

Essas narrativas descritas até agora foram o mote de um processo muito difícil a uma proposta de escrita de dissertação que é exercitar uma etnografia espacial. Para Mattos (2011, p.64), a etnografia nos permite caminhar na tentativa de significar o local pela narrativa descritiva onde podemos usar os “termos que são mais próximos possíveis daqueles usados pelos atores sociais que participaram do projeto, termos que eles usariam se lhes fossem permitido falar”.

Fazer isso é diferente de escrever “protocolos” de fala onde se desenvolve uma interação com grande detalhe do comportamento do que as pessoas fazem. Estes podem ser acurados, mas o que os torna etnográficos são as descrições feitas usando os termos mais próximos dos problemas e significados numa perspectiva das pessoas mesmas. No entanto, daquela loja em especial, não consigo lembrar a estampa de nenhum tecido que ficava à mostra, dependurado nas hastes do lado de fora debaixo da marquise ou nos rolos de tecido nas prateleiras que decoravam todas as paredes no fundo da loja. Mas lembro da lixeira que ficava na calçada. Aquela lixeira tinha um formato diferente das demais que estavam espalhadas na parte central da cidade, tinha a forma de um triângulo invertido. Era pintada de vermelho com alguns caracteres azuis na lateral e uma pequena alça na sua tampa.

Lembrar deste objeto conseqüentemente me faz lembrar de que o dono desta loja não gostava que crianças ficassem na sua calçada em frente, argumentando que isso “atrapalhava” o movimento de fregueses. Por isso, até hoje, sinto-me incomodada ou vigiada quando caminho pelo lado direito da rua Josefina Ludovico de Almeida, e involuntariamente passo para o lado do armazém do seu Jorge, porque este é um caminho confortável e de boas lembranças.

As memórias do lugar constituem relações que são sociais e espaciais.

As ruas Pedro Júlio, Antônio Roncato no setor Centro de Nerópolis, é a minha casa materna, nesta cidade. Bosi (2003, p. 435) diz que nos espaços da memória: “A casa materna é uma presença constante (...). Nem sempre é a primeira casa que se conheceu, mas é aquela em que vivemos os momentos mais importantes da infância”. Ela é o centro geométrico do mundo, a cidade cresce a partir dela, em todas as direções. A partir desta casa que busco entender a cidade de Nerópolis, apoiado nas minhas lembranças, nas narrativas dos interlocutores e nas leituras que realizei para conhecer esse lugar e esses sujeitos dentro das teorias desenvolvidas na academia; Nerópolis se tornou outra cidade para mim. Por esse motivo não dividirei o texto desse trabalho em capítulos. Serão partes de um campo de significação e sentido no qual teço a escuta da vida ao inserir, o vivido dos narradores a partir das suas lembranças que se tornam narrativas, e encontro outros sujeitos, e dessa maneira procuro explorar uma cidade pelo seu avesso.

Tecer a vida em um lugar como este me leva a estabelecer relações tanto com os lugares, quanto com as pessoas do lugar. Essas relações ficam marcadas, registradas na memória e constituem a minha identidade com o lugar. Quando nos tornamos adultos e relembremos alguns momentos da nossa infância ou identificamos, alguns comportamentos que foram adquiridos durante esta fase. Muito disso permanece e se reproduz ao longo da vida adulta. Assim, os meus interlocutores são sujeitos da cidade, velhos e ex-comerciantes, pessoas comuns que tem a dizer sobre a cidade. Mas não chego neles de supetão.

Na primeira parte do texto escrevo e reflito a maneira como entendi que era possível fazer pesquisa no campo da Geografia (urbana? agrária? cultural?) olhando o processo de dentro. Porque eu poderia escrever sobre a formação do Mato Grosso Goiano, sobre o papel de Anápolis; o Nero Macedo que deu origem ao nome da cidade.

Poderia também escrever sobre a promessa da estrada de ferro chegar, que nunca se cumpriu. Sobre como é se sentir ser de um lugar que fica no entroncamento das duas principais cidades do Estado – Goiânia e Anápolis. E talvez essas questões apareçam. Mas fiz aqui um esforço de outra natureza????.

Início com a construção do objeto de pesquisa, onde teço os elementos que me fazem dizer como lido com a imagem que construí da cidade e como reconstruo esse imaginário que produz um pensamento sobre a cidade. Mas é o espelho que está em minhas mãos e que viro, onde vejo a imagem e me escondo, volto a ver e me revejo. Eu e a cidade, minhas histórias que se cruzam com o que ela desejou ser e não realizou o que eu quis fazer e ainda não fiz. As narrativas que me levam a essa viagem formam a abertura da minha reflexão acerca do objeto de pesquisa. Traço também, nesse contexto, os nexos da interpretação geográfica do lugar e do espaço, seus conteúdos, ruralidades e etnografias da vida de sujeitos que me acompanham nessa jornada.

Na continuidade exploro o discurso fundador da Fazenda Taveira e o patrimônio leigo que deu origem a cidade de Nerópolis. Conhecer o Distrito de Cerrado que hoje é o setor Centro, por meio da identificação de elementos que o caracterizam como um patrimônio leigo. Para isso, conto com ajuda dos interlocutores moradores deste setor que guardam na sua memória as lembranças de como eles produziam a vida no patrimônio e nas fazendas vizinhas. Os sujeitos que produziam artigos que propiciavam uma articulação comercial com outros lugares, revelando práticas sociais neste espaço por meio de fotografias, croquis e relatos. Também tive a intensão de conhecer e pensar acerca da representação social que a família Taveira, fundadora da cidade possui em Nerópolis.

Também pretendo iniciar a tecer a rede de relações contida no trabalho, na fé e vida dos *meus interlocutores*, jogando luz no cotidiano que estava presente no Distrito de Cerrado húmus da cidade de Nerópolis.

PORÕES

Viver apenas num andar é viver bloqueado. Uma casa sem sótão é uma casa onde se sublima mal; uma casa sem porão é uma morada sem arquétipos.

Bachelard (2003, p. 76).

“Você é daqui, de Nerópolis? Você é filha de quem? Em qual lugar você mora?”

(Escutas de trabalhos de campo, 2016).

SOMOS TODOS FILHOS DELAS

Como cheguei a Nerópolis? A minha mãe fugia da minha avó desde os doze anos de idade juntamente com uma irmã mais nova. Vovó e as filhas moravam no Setor Jardim América em Goiânia. Minha mãe e minha tia vinham para Nerópolis, atrás de outra tia que morava em um dos bordéis da Rua Antônio Roncato. Foi no tempo do *Bordel Bola Verde*. Elas fugiam dos maus tratos domésticos de vovó, em busca de alguma liberdade. Por aqui ficavam na casa das mulheres que não trabalhavam nos bordéis, mais que vivam em função deles, lavando as roupas, cozinhando e vigiando os filhos e filhas das putas. Respeito às putas e assim me refiro a elas porque foi assim que as conheci; convivi com elas desde criança, nos quintais das casas, nas ruas, nos mercados, na feira, na igreja e nas festas desta cidade.

Em outro tempo elas foram muitas. Muitas putas. Havia (nesta rua que me referi) um total de doze casas de “zona”, doze bordéis. No entanto, apenas algumas permanecem na minha lembrança. Ainda hoje aceno e cumprimento dona *Maria do Angico*, “paia de arroz”, *Anona*, “a mulher de roupa branca”, a “Lôra”, a “Tóxica”, a “Julieta” que é uma ex-dona-de-bordel e que desistiu da função por causa de um romance. Julieta tem uma história muito engraçada: ela alugou o bordel que “tocava” e se tornou uma *esposa mãe de família*. Quando o bordel acabou de vez, Julieta passou a alugar a casa, que era grande, com muitos quartos, de parede meia, para os pobres da cidade que trabalhavam na roça e ganhavam pouco. Essas foram às mulheres ou as putas mais emblemáticas para mim ao longo da minha infância no setor Centro.

Todas as casas do final da Rua Roberto Roncato foram puteiros ou abrigaram algum tipo de comércio ligado a função. Era bar do puteiro; a casa onde as mulheres dormiam durante o dia, etc. O mais famoso deles foi o *Bordel Bola Verde* assentado no entroncamento da Rua Antônio Roncato com a Rua Pedro Júlio: mas a história desse lugar fica para outra hora (ou para outro trabalho que ainda pretendo fazer, explorando a memória dos puteiros e o cemitério). Peguei gosto pela coisa. Mas voltando ao assunto: depois que os bordéis foram fechados, as casas que abrigavam a diversão, a ilusão e a dor dos adultos que frequentavam aqueles lugares passaram a ser alugadas e outras casas foram “desmanchadas”. As casas que resistiram ao tempo tinham nas suas paredes

de frente, ao lado da porta principal, uma palavra grafada em tinta azul pálida, gastada pelo tempo. Uma palavra: FAMÍLIA.

Uma instituição? Não. Uma palavra que marcava a casa que agora não era mais um bordel, agora era uma casa que abrigava famílias. *Eram as casas de família*. Uma informação social representada por sete letras que formavam um signo que transmitiam a informação que aquele pequeno espaço, não pertencia mais ao bordel, a casa de prazeres, agora abrigava uma família e toda a simbologia social que a família patriarcal representava.

A informação social transmitida por qualquer símbolo particular pode simplesmente confirmar aquilo que outros signos nos dizem sobre o indivíduo completando a imagem que temos dele de forma redundante e segura. Exemplo disto são os distintivos na lapela que atestam a participação em um clube social, e em alguns contextos, a aliança que o homem tem em sua mão (GOFFMAN 1990, p.39).

Palavra família era um símbolo nas paredes, daquelas casas, outrora eram barreiras que abrigavam um pequeno mundo de prazeres e pecado proporcionado pelo corpo e pela carne de homens e mulheres que atravessavam a noite, destoando do comportamento comumente esperado dos membros que compõe esta instituição basilar da sociedade. De todas essas casas, a de que tenho mais recordação é a da casa de Dona Fia, voltada para a Rua Pedro Júlio. Suas paredes eram brancas e escondiam o tom de azul de um bordel que existiu ali. Aquele azul acenava para um passado que a cada dia estava ficando para trás. Dele ficou apenas o seu tom na janela, ou dando forma a palavra família que estava escrita do lado direito da porta da sala de madeira com travas e trameças que asseguravam o telhado e a comunheira da casa, e que servia como uma passarela para a arara. Chamava Lôro; o Lôro da Dona Fia, que andava sobre as telhas e gritava para quem estivesse passando pela rua: “*Filho da putaaa, vai tomar cú, vagabunduu!*”

Dona Fia era uma costureira muito boa e era assim que as mulheres se referiam a ela. Era uma mulher magra e pequena de cabelo preto misturado com fios grisalhos na altura do ombro. Fumante. “*Dona Fia pitava muito! Um pito atrás do outro!*” Para dizer a verdade, foram poucas as vezes que a vi fora da sua casa. Não posso dizer ao certo que a Dona Fia estava na rua, pois, todas as vezes que ela deixou a proteção por de trás daquelas paredes brancas, ela estava apenas em pé plantada ao lado da comunheira da porta da sala fumando após jantar. A casa da Dona Fia era na verdade duas casas,

uma grande e uma pequena. A casa grande é a que ela morava. A pequena que ficava ao lado da área de serviço, no fundo da casa principal, em um galpão pequeno que estava assentado do lado esquerdo da casa grande, era destinada a aluguel. Separados por varais de roupas esticados por bambus assentados sobre o chão vermelho do quintal.

Naquele cômodo de dispensa, morava um Baiano brigador que se chamava Facãozinho. *“Facãozinho bebia muita pinga e arruma confusão”*. Quando saía para rua ele arrastava seu facão no chão e ameaçava o povo, tirando “fogo do asfalto”. Os aluguéis dessas casas supriam o ordenado das costuras que não eram mais feitas por Dona Fia. Dona Mirandolina, depoente dessa pesquisa, mencionou em sua fala que uma vez foi a costureira *“lá para aqueles lados”* (em direção aos bordéis), pois tinha uma costureira muito boa lá na frente. No final de um trieiro. Quando chegou, bateu na porta e ficou esperando. Um homem achou que ela era uma puta, uma mulher sem valor. Quando ela virou e ele viu a aliança, pediu-lhe desculpas, pois viu que ela era casada.

Seu Biderman disse que foi na época do prefeito Milton Santana no final dos anos 1980 que os bordéis acabaram de vez. *“Eu e o prefeito Nilton Santana acabamos com aquilo na época, limpamos a cidade. Para acabar com aquilo lá, tive que chamar a policia para derrubar as casas, para tirar as pessoas de dentro”*. Ouvir a fala de seu Biderman me fez lembrar do cortiço cabeça de porco do Rio de Janeiro, derrubado, destruído durante a reforma do centro do Rio, pelo prefeito Nilo Peçanha, ação expressa no texto de Ana Encarnação Carneiro. O que não é, mais bem-visto no centro na cidade é desmanchado, demolido, enxotado para longe.

No momento em que seu Biderman disse “limpar a cidade” foi inevitável não lembrar de Dona Lourença personagem do último puteiro que funcionava numa casa de cor branca ou azul (a cor bem certa se perdeu na minha memória). Dona Lourença tinha toque – mania por limpeza. Areava as vasilhas da prateleira todos os dias. Areava e areava, com bucha, palha de aço e sabão de quadro, até a espuma ficar azul. Da casa de Dona Lourença o que podíamos ver era a sala. Que sala? Tudo que se podia ver da rua era uma parede branca, mas com o fundo azul, o que revelava a mistura de tintas sobre postas, um banco de madeira cumprido escorado na parede e o piso vermelho - de cimento queimado. Não podíamos andar na rua, na frente da casa dela depois das sete

horas da noite, *Mãe Marina* não deixava¹. Se teimasse era a semana toda presa dentro de casa, de castigo. Nada de brincar de beto, garrafão, pique-esconde, pular corda na rua após as sete da noite. O permitido era apenas televisão e conversa.

A gente nem tentava desobedecer, até o relevo da rua “lembrava” o limite do espaço. Estávamos tão acostumados com a *tolição* que a percepção de pisar, de correr sobre os broquetes da rua, nos avisava onde estávamos: “*você está na frente da casa da Dona Fia! Ela vai contar para Mãe Marina*”, e aí corríamos de volta para a parte da rua que era segura, o intervalo entre a casa da Dona Irani e a casa do Facãozinho, ou seja, frente da casa da Rua Pedro Júlio.

Quando a polícia derrubou a casa de Dona Lourença a mulher sofreu um derrame e foi parar no hospital. Disseram: “*Derrubaram a casa dela, chegaram, tiram o fogão, geladeira e o guarda-roupas, o resto a pá mecânica derrubou. Uma judiação! Foi um grande desespero!*” Fui vê-la no hospital e minha mãe dizia: *Devo muita obrigação a Dona Lourença*. Todos visitaram ela. Todos deviam obrigação. Não sei o que, mas deviam alguma coisa. Talvez um “bom dia? ”; “Boa tarde? ”; “Ô Dona Lourença! Como a senhora está? ” Deviam essa dívida da obrigação de vizinhança, um dia é uma pessoa no outro pode ser você nessa situação.

Nem de longe ela parecia a mulher de outrora: magra, cabelos curtos, calça branca e unhas cumpridas pintadas de vermelho e, às vezes, um cigarro na boca. Estava sempre na beira do tanque, ariando suas vasilhas. Essa é a lembrança que guardo dela. De pé ao lado do tanque areando e areando suas panelas até o alumínio furar. Ela morreu meses depois no setor São Paulo, andando na rua de bengala. Dizem que ela andava triste depois do fechamento do bordel e também porque ficou doente e agora vivia da ajuda dos outros.

Quem sabe talvez deve ser por que estava deslocada, assustada, em um novo lugar, disseram que ela fugia de casa de bengala e pijama, ficava perdida ali na rua próximo à igreja São Paulo. Chorando, dizia: “*Quero voltar para casa! Minha casa. Quero minha casa!*” Assustada e chorando. Todos nós estávamos porque o Setor São Paulo é um bairro, um loteamento popular, que a prefeitura deu para as pessoas que não tinham casa e moravam de aluguel, segundo a fala da minha mãe.

¹ Mãe Marina cuidava de nós, os filhos das trabalhadoras e os filhos das putas. Em breve apresentarei a pessoa nesse trabalho.

Quase todos que moravam no final da Rua Antônio Roncato, nas casas de parede meia, nos bordeis, ganharam lote no setor São Paulo, uns na quadra 13, 8, 22, 2, 6 e na quadra 1, nós ficamos esparramados, mas no mesmo lugar. O mundo contido entre as ruas Pedro Júlio e Antônio Roncato, destruiu e agora todos estávamos longe do mesmo lugar. As relações continuaram, mas agora de outra maneira: nada de jantar para poder ir brincar na rua; ir para escola juntos; saber por que o outro está de castigo e não podia sair.

Mãe Marina, Dona Tereza e a Dona Maria Pretinha ganharam lotes na mesma quadra, no entanto, uma em cada rua do quarteirão. Mas o que nós poderíamos fazer? Restava as crianças daquelas ruas, agora nos encontrar, aos domingos depois do almoço na casa de Mãe Marina para conversar, brincar e maquinar o que poderíamos fazer, ou que íamos fazer no outro sábado e domingo.

O lugar feito, o lugar da existência, e da resistência Doreen Massey “é no lugar que encontramos força para resistir o que vem de fora”. Do quintal desta casa além dos buracos para brincarmos de bolinha de gude fazíamos planos e os executávamos. Antigamente brincamos mais, saíamos juntos para tomar banho no córrego, pegávamos sol na laje do banheiro de uma casa vizinha que estava em fase de construção, íamos para *Fazenda do Cremon* para chupar cana, buscar manga, goiaba, e tomar banho no córrego atrás da *Coniex Press* (atual Kraft Heinz) e no final da tarde era a hora de comer doce de feijão, biscoitos de polvilho frito e pão de queijo na casa da Tia Maria irmã da Mãe Marina, pouco tempo havia chegado de Petrolina. Lembro-me muito de ir à praça ao domingo, para participar de missas que era um pagamento de promessas, levar frango assado e doces para pequenos leilões.

Foi nesta resistência que vivi o final da infância e início da adolescência. Tudo isso acabou quando *Mãe Marina* saiu da casa que ela morava ao lado da minha e se mudou para outra quadra ao lado da nossa, quebrou-se, rompeu a bolha que tínhamos criado e fortificado durante toda minha vida até os 15 anos.

Mantivemos o mesmo contato, mas agora era diferente, nos éramos diferentes, crescemos. Agora tinha namoros, praça, trabalho, colégio, gravidezes, mães solteiras, mas o bem querer continuava o mesmo. Não sei porque, ir na *Mãe Marina* era uma obrigação. Tinha que ir lá para me sentir bem, para conversar com ela, ver como ela

estava. Tinha que ir toda semana mesmo que a vida ocupasse todo o tempo. Nunca passei quinze dias sem visitá-la. A conversa era assim:

- Benção?

- *Deus te abençoe!*

- Como é que a senhora está?

- *Boooo!*

E começava o trieiro da vida. Escuto ela me chamar, “ô Mônica” (estou chorando agora).

Conversas na cozinha ou na área perto do tanque no quintal. Era sempre assim. Sô Hélio, marido dela, era chato. Falava e reclamava de tudo. Ela que era boa sem tanto. Na ausência dela as conversas eram sobre ela. Sempre buscava notícias dela, se ela estava bem e coisa e tal.

Isso acabou quando ela morreu do agravamento de um câncer no fígado provocado por uma hepatite. Segundo os médicos, pegou a hepatite do marido, ex-alcoólatra, que levou uma facada na barriga e fez uma cirurgia no tempo em que a transfusão de sangue não tinha em seu protocolo de exigência o teste de hepatite para o doador. Seu Hélio havia morrido também, seis meses antes, do mesmo problema.

Mas *Mãe Marina* não viveu em brancas nuvens. Hoje penso que são nuvens turvas ao olhar para o papel da mulher em uma sociedade patriarcal afundada nos modos e costumes de gente simples da roça. Assim como na moda de viola *Caboclo na Cidade*.

Até mesmo a minha véia já tá mudando de ideia tem que ver como passeia. Vai tomar banho de praia tá usando mini-saia e arrancando a sobancelha. Nem comigo se incomoda quer saber de andar na moda com as unhas todas vermelhas. Depois que ficou madura começou a usar pintura credo em cruz que coisa feia (Franco 1982).

Ela começou a usar saia, mais não mini, pintar as unhas e a tirar as sobancelhas. Começou a ir ao *Forró das Velhas do Zé da Ieda*, arrumou namorado (s), passou a sair, a passear, a ser feliz. Muitas vezes ouvi alguém dizendo: “*Vê, a dona Marina ali, com aquele homem, ou com um homem beijando. Está diferente. Vê ela lá no forró*”. Nunca

me importei com isso, ela me parecia estar feliz. Continuava sendo a *Mãe Marina* que cuidou de mim para que minha mãe trabalhasse.

O setor são Paulo é feito de homens e mulheres trabalhadores que viviam apanhando café e feijão, colhendo quiabo, pimentão, jiló, pimenta, quebrando milho, cortando arroz, limpando terreiro de café, tirando semente de capim brachiaria, plantado, arrancando, debulhado e trançando alho e tantas outras coisas. Muitos foram morar em outros lugares, outras casas, mais, os que possuem sentido para mim, na minha vida, para minha história estão nessas quadras, saíram das casas velhas e grandes que foram bordeis no centro de Nerópolis e no Distrito de Cerrado.

GEOGRAFIA E TRABALHO DE CAMPO, COMEÇOS...

Normalmente, quando idealizamos um trabalho de campo, queremos descobrir ou encontrar respostas para os questionamentos que foram produzidos durante a pesquisa preliminar, sobre o tema ou assunto que está em discussão. Neste trabalho procuro redescobrir um lugar que é o meu lugar no mundo, é o lugar onde eu morro. Falo em redescobrimto, porque, como já disse antes, sou uma das moradoras da cidade de Nerópolis, uma cidade goiana que se localiza no entroncamento entre as cidades de Goiânia e Anápolis. Busco apresentar nas linhas que se seguem o olhar que adquiri sobre este lugar que não é somente o olhar de uma moradora. É um olhar de uma pesquisadora do campo das ciências humana que teve que se despir de preconceitos para poder conhecer e aceitar academicamente a narrativa oral como forma de conhecimento. A narrativa oral que produz uma geografia da vida de algumas pessoas que vieram de outras paragens e construíram este lugar na medida em que iam produzindo as suas vidas. Essas geografias que estão repletas de histórias, entrelaçadas com acontecimentos que compõem a trajetória de Nerópolis, uma cidade da região do mato grosso goiano,

no tempo em que era Distrito de Cerrado denominação anterior a sua municipalização no final dos anos de 1940.

Falo em redescobrir porque este é o ato de voltar a descobrir algo novo, de descobrir coisas não estranhas, aprender a estranhá-las e decifrar. Como moradora deste lugar sempre ouvi histórias sobre a origem da cidade, ligada a Fazenda Taveira, fundada as margens do Ribeirão Capivara; a Praça do Correto situada ao lado da Praça Matriz de São Benedito, que foi construída em cima de um cemitério; o nome Nerópolis que foi dado em homenagem a um senador que prometeu levar a Estrada de Ferro até a cidade; os migrantes baianos, mineiros, goianos de outros lugares do estado, que vieram para trabalhar nas lavouras de café como meeiros e boias frias; a rua Goiânia que é o lugar onde os trilhos da estrada de ferro iria passar.

No entanto, para mim, essas sempre foram histórias que não tinham densidade necessária para serem analisadas em uma pesquisa acadêmica devido às leituras que tive mais afinidade no decorrer da graduação em Geografia na Universidade Federal de Goiás. Tais leituras e aprendizados estavam sempre ligados a uma análise urbana do espaço sob a perspectiva econômica. Por isso busquei, no início desse trabalho, analisar Nerópolis interpretando a cidade dentro da perspectiva da rede econômica regional que é um dos pilares do programa do curso.

Foi difícil mudar de rumo. Foi difícil acreditar na orientação. Foi difícil fazer esse texto.

A vontade era a de realizar um trabalho sobre Nerópolis abordando inicialmente a cultura do alho, a diminuição da área plantada da hortaliça, a instalação de uma agroindústria de tomate na cidade nos anos de 1990 e o papel dos programas de incentivos fiscais do Governo do Estado. Este desejo me acompanhou durante um certo tempo do curso inicial, esta leitura me interessava, porque integrantes da minha família, trabalharam tanto como boias-frias nos galpões e lavouras de alho quanto como auxiliares de produção nas esteiras e nas máquinas da agroindústria de tomate.

Foi esta a proposta de pesquisa que apresentei como projeto de conclusão de curso a minha orientadora. Mas, durante o diálogo já na primeira reunião, outras questões começaram a chamar a minha atenção. A medida que estávamos montando uma estrutura para o trabalho, selecionando o que seria discutido dentro de cada sessão que integrava a pesquisa, surgiram perguntas que tinham como objetivo responder um roteiro, para compor um breve *histórico* sobre Nerópolis e que iria fazer parte de um dos

capítulos. Naquele momento, foram perguntas relativamente simples sobre o lugar da pesquisa as quais não estava mencionado no projeto.

Porque o nome da cidade é Nerópolis? Qual é a origem desse nome? Quem foi Nero Macedo? Qual a ligação que ele tinha com o lugar, para dar o nome para ele? Cultura do alho? Agroindústria? Qual é a identidade desse lugar?

Suspiro.

Como responder a essas questões? São mesmo importantes?

Em uma fala simples, mais ao mesmo tempo *tensa*, devido a simplicidade das perguntas que foram feitas respondi com as palavras que estava acostumada a ouvir desde criança sobre a história da cidade e que fazem parte de uma espécie de senso comum sobre a identidade do lugar. Para (SOUZA, 2008p. 16) o senso comum “é o conhecimento vulgar que temos da natureza e da vida que partilhamos com homens e mulheres da nossa sociedade (...)”. É um saber que possui base na experiência do cotidiano, na maneira de ver e pensar de uma determinada sociedade, sobre algum assunto. O senso comum faz parte da vivência, é transmitido com base na tradição é compartilhado conforme os valores e crenças de um determinado grupo social. Assim eu disse: “Nerópolis é uma homenagem a um senador chamado Nero Macedo. Este nome foi dado ao lugar, devido a um boato de que o senador prometeu que a Estrada de Ferro que ligaria Anápolis a Goiânia”... o que complemento com a pesquisa: “onde iria passar pelo Distrito de Cerrado, nome anterior de Nerópolis, até o momento da municipalização no final dos anos de 1940. Entretanto, o senador em questão, não possuía nenhum vínculo econômico ou familiar com o Distrito de Cerrado, não faz parte do passado do lugar, não é conhecido, enfim, solidificou o nome numa cidade com a qual ele não tem identidade.

Os neropolinos são filhos de um nome, de um pai cuja paternidade não tem sentido no lugar. Ser neropolino é ser filho de Nero Macedo. É ser filho de alguém que não possui uma identidade neste lugar.

No decorrer da conversa outras perguntas surgiram, todas direcionadas sobre o passado mais distante de Nerópolis. Quais foram os nomes anteriores do lugar? De maneira descontraída respondi que um dos nomes foi Matinha dos Taveiras. Desta maneira que chamamos, na minha casa, a área que fica abaixo da Praça da Igreja Matriz quando vamos a algum *comércio* lá. Mas também teve outros nomes como: Fazenda Taveira, Campo Alegre e Distrito de Cerrado. Em uma espécie de jogo de perguntas e respostas,

os fios da pesquisa para um trabalho de campo foram aparecendo. A medida em que as respostas apresentadas traziam mais perguntas, fomos aprofundando o conhecimento sobre Nerópolis. Mas nada disso fazia muito sentido pra mim. Não parecia pesquisa, parecia mesmo um bate-papo que eu estava acostumada a ouvir.

Mas aos poucos fui entendendo, se é que entendi alguma coisa.

O discurso de origem está ligado a Fazenda Taveira. A narrativa que sustenta esse discurso fala de um homem chamado Joaquim Taveira, que veio de Anápolis, com a família se instalou em uma área próxima ao Ribeirão Capivara onde começou a aglomeração urbana. Todos os nomes anteriores tinham ligação com o lugar e com a família fundadora, até se tornar município de Nerópolis, uma vez que Matinha dos Taveira e Campo Alegre foram denominações dadas por essa família e Distrito de Cerrado foi um nome instituído com referência ao modo como os habitantes da época chamavam o lugar em que o aglomerado estava situado. A fonte dessa informação, além de ser um discurso corriqueiro, está em outros textos, assim também como no encarte de uma agenda dada como brinde pelo Banco Estadual de Goiás (BEG) em uma *feira do alho* da cidade.

Discutindo sobre essa sequência da toponímia outras questões surgiram. Quem são os Taveira? Onde eles estão? O meu silêncio foi inevitável uma vez que os descendentes da família Taveira não são conhecidos pelos moradores por pertencerem a família que deu início ao povoamento e nem possuem uma representação econômica ou política em Nerópolis.

Logo chegamos ao seguinte questionamento: se Nerópolis tem o seu princípio ligado a Fazenda Taveira, qual o motivo de não haver espaço para essa referência na cidade? Onde era a localização da sede da fazenda-berço? A resposta dessas perguntas nos deu os apontamentos a partir dos quais traçamos uma linha de investigação que norteou a construção dessa pesquisa.

Olhei o mapa urbano de Nerópolis com o foco no “centro velho” da cidade. Queria encontrar, naquele momento, vestígios que pudessem me levar a alguma pista sobre a localização da sede da Fazenda Taveira e os descendentes da família que fundou a cidade. Observarmos no mapa elementos do traçado das ruas desse centro que conecta a origem de Nerópolis a formação de um Patrimônio Leigo, segundo a definição da história das cidades dada por Marx (1991).

Diante desta constatação, criamos um roteiro de investigação que pudesse nos ajudar a compreender a cidade de Nerópolis, a partir da sua formação como fazenda,

patrimônio leigo, até os rumores da municipalização, período que comporta os nuances do crescimento do aglomerado urbano inicial da cidade. Além de nos conduzir a resposta da pergunta: quem são e onde estão os Taveiras?

Esta é a proposta que foi construída paulatinamente, para que eu pudesse compreender os discursos que compõe o imaginário social dos moradores, sobre a construção da cidade, por meio dos meandros que o desenvolvimento do trabalho de campo apresentou a cada momento. Em campo ou defronte com as pesquisas de gabinete, juntamente com as observações e contribuições, vindas dos diálogos com a minha orientadora, fui desenhando o objeto e dando espaço para metodologias desse desenho. Esse processo segue a risca a proposta de método presente em (Bourdieu 1983) , onde o objeto de pesquisa se constrói aos poucos, dialogando com o método e dando espaço para as mais heterodoxas formas de pesquisar.

TRAVERSIAS PESSOAIS E ITINERÁRIOS SUBJETIVOS

Parto de Goiânia, mais precisamente do quilometro zero da Rodovia GO- 080 em direção à Nerópolis. Escolhi este local, porque os moradores de Nerópolis quando veem a Goiânia, consideram que estão chegando ou saindo da capital, a partir do momento que eles cruzam a ponte do Ribeirão Meia Ponte. Esse é o marco zero desta rodovia que é uma das vias que dá acesso a cidade.

Estabeleci este marco porque, sou uma de suas moradoras e também cultivo esta sensação, de estar indo para casa ou chegando em Goiânia, tendo como marco, a entrada de Goiânia a partir desse local na GO-080. Acredito que isso se deve pelo fato de que a partir deste ponto se olharmos para trás iremos ver a quinta avenida no setor Santa Genoveva, em Goiânia. Nela estão dispostos elementos que compõe uma vida agitada, onde o tempo se apresenta pela urgência das horas representando aquilo que Milton Santos (2004) chamou de tempo rápido, caracterizado pela presença de alguns componentes espaciais: agências bancárias; carros em movimento e parados nos

semáforos na entrada do aeroporto; postos de combustíveis; lojas de revenda de automóveis; casas de transportes de valores e outros. Componentes de uma paisagem, que são o retrato de um modo de vida no qual esses objetos ajudam a acelerar o tempo que vivemos.

Continuando nossa viagem, estamos indo em direção a outro tempo, que Milton Santos (2004) denominou de tempo lento; para o autor o tempo lento contém a vida propriamente dita. Neste tempo os moradores de um lugar podem ser observados e percebidos realizando as atividades do cotidiano por meio dos deslocamentos das pessoas nas ruas dos seus bairros; as conversas no comércio; nos espaços de lazer; nas trocas de experiências interpessoais.

Neste contexto percebo o cotidiano daqueles que fazem o lugar diariamente. Sobre este tempo que busco compreender o imaginário e os discursos que existem sobre a cidade de Nerópolis; partir da Fazenda Taveira e do seu Patrimônio Leigo o Distrito de Cerrado. No entanto me deparei com um questionamento que se tornou primordial no desenvolvimento deste trabalho. Como fazer um trabalho de campo num lugar que você mora?

Vou prosseguindo a minha jornada rumo a Nerópolis, assim como, o naturalista francês August Saint Hilaire em 1847, em sua expedição a Província de Goyas, narrou o caminho que ele percorreu de Corumbá a Meia Ponte (Pirenópolis), pelas vias estreitas da Serra dos Pireneus. Posso descrever detalhes que lhe chamam atenção na paisagem no decorrer do trajeto. Na medida em que ele ia seguindo pelo caminho numa espécie de apresentação do lugar, torno a trazer a conversa Saint Hilaire 1964, p. 49:

“A região ainda montanhosa, porém mais cheia de mata do que aquela por onde viajara. antes de chegar a Corumbá. No meio das pedras que cobrem o solo, não apresentavam mais do que uns gramado seco, em parte alguma se via alguma flor, nas moitas de arvoredo diversas arvores tinham conservado sua folhagem, mais outras tinha perdido completamente; a terra estava juncada principalmente de folíolos delicados de mimosáceas.(Hilaire 1964, p. 49) ²grifos meu.

Sigo por esse trajeto da GO-080 notando aspectos da paisagem, anotando e analisando elementos espaciais naturais e sociais que compõem este caminho.

Viajo de ônibus por meio da linha 581 ou “leste” como é chamado habitualmente. É através da sua janela, em pé, segurando na barra de sustentação presa

² Folíolos são folhas e mimoseias leguminosas.

no teto que começo a perceber a mudança na paisagem. Avisto um pé de angico grande de copa frondosa que “avisa” que estamos diante de outro tempo - um tempo lento, no qual podemos observar o que esta a nossa volta.

Figura 2 : Pé de Angico setor São Judas Tadeu Goiânia Goiás



Fonte: (trabalho de campo, 09/2017)

Aos seus pés, estão fincados ao chão estátuas de peões montados em bois de rodeios juntamente com imagens de santas católicas, feitos de fibras de carbono e fibras de vidro.

Estão à venda à beira da estrada, demostram um “pedacinho” da *cultura goiana*. O verde das melancias e o amarelo das laranjas, expostas nas barracas de frutas me fazem lembrar a sensação de frescor mesmo presa, neste espaço quente e apertado, no ônibus. Adiante, a rotatória da Universidade Federal de Goiás e a última curva que fazemos por este caminho que, de agora para frente, segue em linha reta.

Figura 3: Rotatória da Entrada da Universidade Federal de Goiás GO- 080.



Fonte: (trabalho de campo, 09/2017).

Perante os meus olhos, começo a ver o verde das pastagens. No entanto, não há nenhum gado sobre ele, apenas, casas de leilão que confinam seu gado em noites de evento transmitidos pela televisão. Após o Posto da Polícia Rodoviária Federal, o cinza do muro do lugar onde estou agora, cerca um pedacinho³ de paraíso, pois, aqui não é roça, nem *rua*. Pequenas chácaras e um vilarejo estão dispostos às margens dessa pista. Noto um, em especial, entre meio o capim colônio e uma moita de bambu. Este me chama a atenção porque a sua entrada é um pequeno tripeiro⁴ de terra vermelha que contrasta ao verde do bambu e o rosa das mangas expostas para venda.

Sua vizinha é uma pequena casa, caiada de um branco azulado aos pés de outro caminho que segue até as fazendas que não podem ser vistas da estrada. A casinha esta protegida pela sombra de três pés de manga, cercado por um pequeno curral, um modelo

³ Neste momento, estou hospedada na casa da minha orientadora, na casa na Estrada dos Colibris, no Condomínio Parque dos Cisnes. Esta temporada fora de Nerópolis se fez necessária para eu conseguir, construir um distanciamento interno do meu objeto de pesquisa. Dessa maneira, conseguir grafar nessas linhas as histórias e estória sobre este lugar.

⁴ Trieiro é um caminho de terra estreito.

da fazenda goiana. Pastos de *brachiaria*⁵ ocupam grandes cercados vazios, outros com gado nelore, vão compondo a paisagem. Mais há alguns pastos que estão cercados e guardam apenas gigantes de aço, torres de transmissão de fios de eletricidades que iluminam as noites dos lugares que estão adiante.

De longe posso ver os pés de paineira, em outras estações os ipês amarelos, na mata do Parque Estadual Altamoura Pacheco, pequenos pontos de vida em tom de amarelo ou rosa. Numa paisagem verde que chega beirar um quadro mórbido, pois, meus olhos nus, não conseguem enxergar a diversidade da vida que está contida na mata. Vai perdendo a intensidade à medida em que as curvas da estrada se aproximam à beira do asfalto. Dessa maneira percebo entre suas árvores, a presença de cipós e *brachiaria* buscando a sobrevivência neste espaço.

Confesso que a certa altura perdi a capacidade de distinguir as espécies que estão contidas na mata, e tudo começa a parecer igual a um painel verde passando incessantemente pela janela. Até o momento em que este painel é cortado, diante dos meus olhos e se transforma em um tapete, agora revestido de leguminosas e sorgo, que servem o gado do confinamento da Fazenda Ana Paula. Cercada pelo azul dos coches de ração enfileirados na beira da cerca, tampados pelo branco do lombo dos nelores que estão na engorda.

Subindo pela estrada a cobertura alaranjada de um ponto de ônibus, avisa que chegamos ao Distrito de Vila Rica⁶ conhecido pelos moradores de Nerópolis como “Vendinha” e avisado: saímos de Goiânia.

⁵ O capim *brachiaria* é popularmente conhecido como capim braquiária.

⁶ O Distrito de Vila Rica pertence ao município de Goiânia. No lugar onde se encontra uma filial da Igreja Mundial do Poder de Deus, funcionava à venda que deu nome ao lugar, até meados do ano de 2013. Naquela ocasião não haviam, construído este muro, no lugar tinha um cerca de arrame liso e um de seus morrões exibia, uma placa branca com letras azuis como os dizeres: Estacionamento para cavalos. Demonstrava a ruralidade que está presente neste lugar, tão próximo do centro urbano de Goiânia. Observação; estas informações foram escritas a dez dias atrás, no entanto, a vida e o campo são dinâmicos, a filial da Igreja Mundial do Poder de Deus fechou. No lugar encontra-se de portas aberta outra concorrente da fé pentecostal a Igreja Deus é Amor de Madureira Campo da Vila Rica. Agora depois de dois, a mesma placa exibe o nome da Igreja Deus é Amor de Madureira Campo Nerópolis.

Figura 4: Vendinha Distrito de Vila Rica Goiânia Visto Pela GO- 080.



Fonte: (trabalho de campo 08/2017).

Uma pequena parada se faz necessário para que alguns passageiros desçam. Estamos perto de chegar ao nosso destino pois, assim que atravessarmos o Córrego da “Passaginha” chegaremos a cidade de Nerópolis.

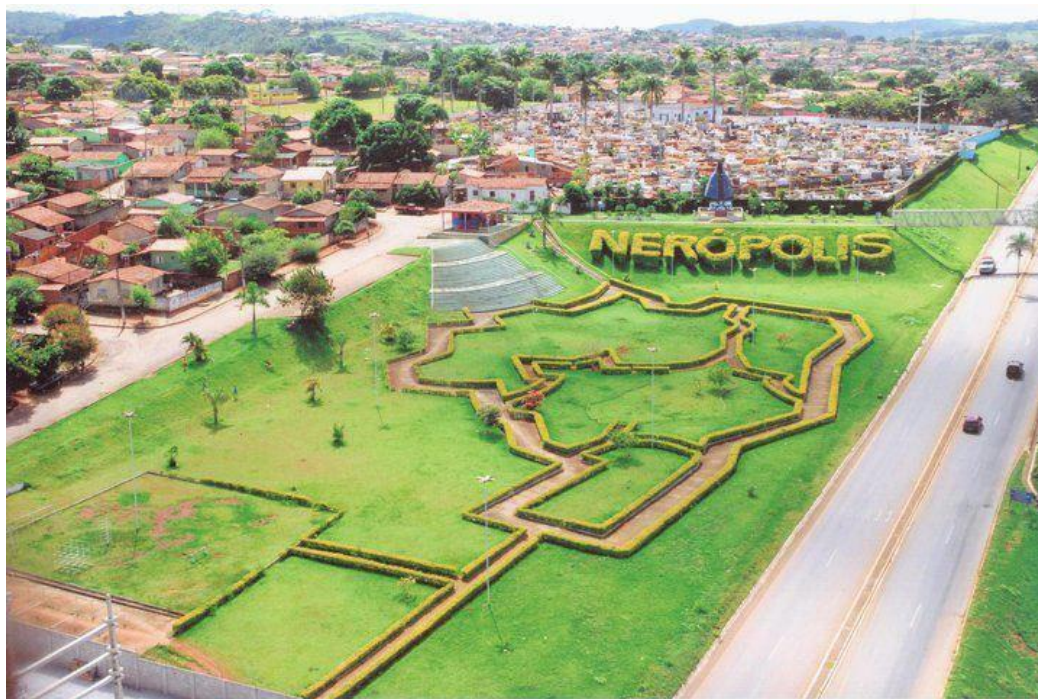
Ainda continuamos, na zona rural por isso continuo a observar pastos vazios ou com gado, dividindo espaço com plantações de mandioca, hortaliças guabiobas e laranjas. Escondem uma casa vermelha que tem na sua porta de entrada uma placa com os dizeres, *Bordado Casa Noturna*. Quando o ônibus passa na frente da casa, sempre percebo um passageiro, procurando com o olhar, por alguma moradora, mais geralmente não há ninguém na varanda do lado de fora.

Uma bica d’água, movida por um pequeno moinho de plástico azul e branco, nos indica que estamos perto da Ponte do Ribeirão Capivara. A sensação fica mais forte quando sentimos o solavanco que o corpo dá quando termina a baixada e inicia a subida da colina em que a cidade esta assentada. Do alto, avisto uma placa azul e branca que marca a entrada do *Centro Espirita Trabalho e Progresso* que deu origem ao povoado do *Guardianópolis* esta escondido atrás das copas frondosas dos pés de angico e

protegido pela tropa de jumentos que vislumbro entre meio a pastagem. Os chifres do gado Guzerá me chamam a atenção pois são como duas hastes e marcam a rusticidade destes animais de pelagem que vão do caramelo ao marrom. Não lembra a pelagem branca do gado que é mais comercializado no estado. No entanto esse tipo de gado possui uma beleza que remete ao início da cultura pecuarista em Goiás.

Muitas vezes, vejo apenas, seus lombos no meio do capim, outras vezes eles levantam a cabeça e seus chifres emolduram a paisagem que temos a diante. O contraste do cinza metálico do telhado da agroindústria de tomate, e o verde que sustenta a pecuária indica: chegamos a Nerópolis.

Figura 5: Vista aérea da entrada da cidade de Nerópolis- Goiás ano de 2016



Fonte: Google imagens.

Aos pés, da Santa Nossa Senhora Aparecida está grafado o nome deste lugar, **Nerópolis**. Poderíamos continuar fazendo esta viagem, pela GO-080, agora Avenida Juscelino Kubitschek, nomeação que ela recebe dentro do limite urbano da cidade. Mais desço do ônibus, no segundo ponto dentro da cidade em frente ao prédio da Prefeitura Municipal. Inicio agora outra viagem onde busco conhecer a cidade de

Nerópolis por dentro, por meio dos olhares e da fala de seus moradores e interlocutores deste trabalho revelam a trajetória da família Taveira e do cotidiano no então Distrito de Cerrado.

Diante deste convite, visto o arquétipo de um guia de viagem para poder narrar e refletir sobre os trabalhos de campo que realizei no setor Centro e Botafogo. Travestir-me foi à maneira que encontrei para conseguir relatar como aconteceram esses trabalhos. Para realizá-los me utilizo deste arquétipo porque parte das histórias que foram contadas sobre esses setores centrais da cidade não eram desconhecidas. Muitas delas se assemelharam a trajetória da minha família. Estão contidas nas memórias que tenho deste lugar. Foram construídas a partir da minha vivência com entes queridos e com as instituições da sociedade organizada que colaboraram para construir uma identidade.

AS PISTAS OFICIAIS DA HISTÓRIA E DA MEMÓRIA

O campo é durante algum tempo uma incógnita pelo simples fato da verdade não existir. Com isso, para mim, o trabalho de campo se tornou uma atividade criativa e construtiva e me fez aprender a ser pesquisadora. Se a verdade não existe e tudo é verdade é preciso um método que o leve a seleção das descobertas. Por isso escolhi fazer uma etnografia uma vez que ela não se reduz a uma única técnica de pesquisa, abrindo a possibilidade de fazer uso de questionários, de entrevistas, observação, para nos ajudar a encontrar os fatos que podem vir a elucidar os nossos questionamentos. (Portinelli 1997, p. 28) “ressalta que as entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam novas luzes sobre áreas inexploradas da vida diária das classes, não hegemônicas”. Por meio da junção de técnicas que podemos chegar a conhecermos os fatos que ditaram os rumos do nosso trabalho de campo, sobretudo porque a etnografia é uma descrição densa, de tudo que o pesquisador enfrenta no campo.

Não encontramos dados em campo, mas informações que costumeiramente chamamos de dados, após um longo processo reflexivo, posterior à sua coleta. Por isso o campo se concretiza em dois momentos diversos: primeiramente o pesquisador

registra as informações mediante o ver, ouvir, observar. Em segundo plano (Uriarte 2003, p.11) “é um ouvir que dá a palavra, não para ouvir o que queremos, mas para ouvir o que os nossos interlocutores têm a dizer”. A princípio, o que fazemos é coletar as informações em forma de descrição, registrando tudo à nossa volta em detalhes. Após o período das anotações, chega outra fase, que é o da “sacada”, quando começamos a enxergar certa ordem no que foi revelado. Quando algumas das informações colhidas se transformam em um material significativo para a pesquisa.

Primeiramente me propus a desvendar o topônimo de Nerópolis, para entender que cidade é esta. Nossa pesquisa iniciou-se em fontes bibliográficas, sobre os temas de Geografia e História de Goiás onde encontramos raros documentos e materiais que continham relatos sobre a cidade nesses períodos. No entanto, os relatos faziam referência apenas a alguns fatos históricos sobre a cidade e não traziam uma abordagem mais aprofundada, ou mesmo de como esse espaço evoluiu, a partir dos processos de ocupação do território goiano. Um exemplo disso nos é fornecido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016):

Em 1894, Joaquim Taveira, anapolino, veio estabelecer-se com sua família no local onde esta situada a cidade de Nerópolis. Acampando nas proximidades do ribeirão Capivara deu início á derrubada das matas, para o cultivo de produtos agrícolas, trazendo o velho Taveira algumas famílias para colonizar o lugar que foi cognominado, pelo povo, de Matinha dos Taveiras. Em 1898, Fulgêncio Taveira, filho de Joaquim Taveira, mudou o nome de núcleo para Campo Alegre, nome sugerido pelo devastamento da floresta. Em 1904, o povoado foi elevado a vila, passando seu território a constituir o Distrito de Campo Alegre, sendo extinto em 1913. Reestabelecido, em 1918, com o nome de Cerrado [...]. (IBGE-cidades @).

Este relato⁷ diz respeito ao histórico da fundação da cidade de Nerópolis e apresenta uma sequência de fatos que ilustram como ocorreu, o início do sítio do município, desde a constituição da Fazenda Taveira a sua evolução para povoado e depois a condição de distrito. Ao mesmo tempo, destaca a participação dos membros da família fundadora diante deste processo ao ceder nomes a este lugar, demonstrando que a família Taveira teve uma participação ativa no desenvolvimento inicial da cidade.

⁷Encontramos este mesmo relato no livro A Estrela do Cerrado História de Nerópolis, realiza uma leitura sobre fatos históricos que incidiram sobre o município e os ciclos econômicas que foram desenvolvidas em Nerópolis.

No entanto, encontramos poucos vestígios desta família em Nerópolis, dando a impressão de que a existência da família Taveira, possivelmente poderia ter sido um artifício criado pela “história oficial”, para fundamentar a criação de Nerópolis. Essa possibilidade nos ocorreu, uma vez que tínhamos descoberto até aquele momento, apenas vestígios simbólicos da família no município, uma vez que o nome da família Taveira, este presente na memória coletiva da população neropolina, por causa do histórico apresentado pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. Ou não?

No entanto, inicialmente, não foi possível encontrarmos vestígios materiais, da atuação dessa família no decorrer do processo de evolução da cidade, presente no seu sítio, oferecendo nome a praças ou a prédios públicos, uma vez que homenagens desse tipo são comuns nas cidades do interior de Goiás.

Normalmente, são homenagens concedidas, a alguns *membros nobres da sociedade* local que ajudaram a construí-la, seja, por meio do trabalho e da posse da terra ou por meio da força política que as famílias fundadoras exerceram no lugar. Como havíamos encontrado poucas informações sobre a família Taveira em Nerópolis, iniciamos uma investigação para localizarmos os descendentes da família, por meio de pesquisas em sites da internet.

Essa busca ocorreu em diversos endereços eletrônicos: da rede social facebook; revista safra on-line; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; blog família Pioneira de Goiás e no Cartório no Brasil. Na rede social facebook, localizamos alguns descendentes da família Taveira, na cidade de Bela Vista de Goiás, no entorno de Brasília e Niquelândia tentamos entrar em contato com vários membros da família, por meio de recados deixados na caixa de mensagem pessoal.

Nas mensagens relatamos que estávamos procurando vestígios dos descendentes da família Taveira fundadora da cidade de Nerópolis, por este motivo estávamos entramos em contato, relatando ainda o desejo de conversar com algum membro da família sobre este parentesco. Mesmo tendo deixado vários recados – mais de 30 mensagens diferentes, a inúmeros Taveiras curiosamente nenhum dos contatados retornou as nossas investidas. Esse pessoal dos Taveiras parecem estar na contramão das redes sociais. Como interpretar esse silêncio. Eu estava achando muito incomum essa forma de iniciar uma pesquisa...

Tentamos novamente entrar em contato, por meio de ligações telefônicas e no entanto não conseguimos falar com nenhum membro da família, nem obter retorno das ligações. Durante as nossas tentativas, para entrar em contato com os Taveira de Bela

Vista, procuramos conhecer o perfil destes descendentes, através de dados postados na rede social; descobrimos que alguns membros da família, exercem profissões ligadas ao setor de saúde, são médicos e/ou odontólogos. No referido município existe um Centro Médico com o nome de *Francisco Taveira*. Também outros membros da família exercem a profissão de advocacia na cidade de Goiânia.

Na revista Safra on-line, achamos uma reportagem do ano de 2013 sob o título: **As fazendas de José Taveira: da cidade e a do campo**. Nesta reportagem, obtivemos informações sobre a genealogia e a trajetória de outro ramo da família Taveira no Estado de Goiás. Conforme Paula (2013):

O patriarca Benício José Taveira, que deu origem aos Taveira de Goiás, foi considerado o maior abolicionista do Norte (no passado, o Centro-Oeste também era considerado Norte do País). Ele era filho de um dos três Taveira que fugiram do Marquês de Pombal em Portugal e vieram para o Brasil. Em Goiás, o berço dos Taveira fica no município de Niquelândia.

E Nerópolis? Cadê os Taveira de Nerópolis.

Nesta reportagem, a autora tece, comentários sobre as atividades que são desenvolvidas por este ramo da família Taveira, ao mencionar que eles são agropecuaristas, estão envolvidos diretamente com entidades políticas do estado. Sendo que alguns deles foram secretários de governos estaduais, outros são políticos em exercício no estado. Além, dessas informações a reportagem nos apresentou outra possibilidade de pesquisa, ao mencionar que os Taveira tiveram participação no processo de fundação de outras cidades no Estado. Ufa, começou a melhorar...

No Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística na página cidades@, podemos verificar que os Taveira, também são citados como fundadores das cidades de Marilândia e Aurilândia de Goiás, essa informação reforçou o discurso que a família foi fundadora de cidades no centro-norte goiano, outra peculiaridade, que diz respeito ao processo que deu formação ao sítio, uma vez que estas são cidades que se desenvolveram a partir da atividade de mineração.

No blog **família Pioneira de Goiás**, conseguimos rastrear indícios da família na cidade de Goiás, na qual exercem as profissões como políticos, médicos e intelectuais e são proprietários do Solar Taveira na Rua Morretti Foggi. A página apresenta o seguinte relato, ao mencionar um dos patriarcas da família. “Dr. Francisco Taveira ficou em Bela Vista por 39 anos, exerceu sua profissão com dedicação além do normal, pois

caminhava horas, para ir ver um doente em fazendas inacessíveis a carros” (Teixeira, 2016). Esta passagem levantou a possibilidade de que os Taveira de Bela Vista de Goiás possuem uma proximidade como os vilaboenses.

Consequentemente os Taveira da cidade de Nerópolis, podem possuir um parentesco próximo com este ramo da família, pois ambas, estão estabelecidas em cidades que formam um “eixo de ligação” entre a Cidade de Goiás, Bela Vista e Nerópolis, as duas primeiras são algumas das cidades mais velhas, das regiões do centro e noroeste goiano.

Na página *cartório no Brasil*, localizamos alguns cartórios, em outras regiões do país os quais possuem como tabeliões responsáveis membros da família Taveira, assim como cartórios utilizando o sobrenome, como nome fantasia dos mesmos. Em Minas Gerais encontramos o *Cartório do Fernando*, tabelião responsável Fernando Carlos Guimarães Taveira; na Paraíba *Cartório Maria do Céu Taveira*; em Pernambuco *Cartório de Registro civil e Tabelionato* cujo, tabelião responsável José Claudio Taveira.

Inicialmente essa busca pelos cartórios foi motivada, porque localizamos na cidade de Goiânia um Cartório sob o nome *Francisco Taveira 4º Registro Civil de Notas*, encontra-se situado na Avenida Tocantins no setor central da cidade como podemos observar na figura abaixo.

Figura 6: Cartório Francisco Taveira. Fonte: www.googleimagens.com.br



Fonte: (trabalho de campo, 06/2016)

A posse da concessão para gerenciar estes cartórios, indica que esta família possuía uma posição privilegiada, devido à importância que a direção de um cartório representava na sociedade organizada, ao resguardar as normas da lei civil, no que se refere à legalização da posse de terra.

Opa, Taveira, cartórios, fundadores de várias cidades, médicos e advogados. A cocha de retalho já tem algumas peças.

Segundo o Ministério Público Federal “Os cartórios são uma concessão do governo em que uma pessoa é responsável por garantir, a idoneidade de registros oficiais como os de bens imóveis, nascimentos, casamentos, óbitos, procurações, testamentos, atas e documentos” (MPF, 2016). Ressalta-se que até a Constituição Federal de 1988 os tabeliães de cartórios eram nomeados pelo governo, em geral a posse titular era passada de pai para filho.

Outra singularidade se deve ao fato de que com exceção da cidade de Goiânia, todas as demais cidades, na qual se localizam os cartórios, tem vínculo com um passado regido pela atividade da mineração. Isso denota como esta atividade possibilitou a formação de cidades no Brasil, assim como, o pioneirismo desta família, possui ramos tanto no litoral do país quanto no sertão mineiro e goiano, concedendo nome a ruas e avenidas na capital do estado de Goiás, demonstrando que eles exerceram certa influência política e econômica nessas cidades.

As investigações realizadas nas páginas da internet demonstraram que o pioneirismo e as articulações políticas, econômicas e sociais perpassam a família, porém, não conseguimos achar pistas, que nos levassem aos descendentes dos Taveira da cidade de Nerópolis, ou que nos ajudasse a compreender a formação inicial do seu sítio. Mediante esta situação, a partir das poucas referências encontradas sobre este ramo da família e da formação da cidade, no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), iniciamos nosso trabalho de campo no município de Nerópolis, procuramos alguns órgãos oficiais presentes na cidade: a prefeitura, a câmara legislativa, os cartórios imobiliários e de registro civil.

O trabalho de campo se constitui em uma tentativa de encontrar elementos que pudessem falar sobre essa cidade durante os momentos em que ela transitou entre, fazenda, povoado, distrito e município, bem como da família Taveira fundadora do núcleo inicial de Nerópolis.

No primeiro órgão oficial, a prefeitura não foi possível encontrar nenhum dos documentos que pretendíamos analisar, por exemplo, mapas da cidade, cartas topográficas, registros imobiliários, fotografias. Nesta pesquisa a campo, obtivemos a informação de um funcionário, que os documentos da cidade, haviam sido queimados, esta é uma prática recorrente das administrações, para desocupar o “depósito” que ficam guardados registros das administrações anteriores.

É assim que a sociedade goiana parece tratar a sua história. Bota fogo em tudo.

No segundo órgão oficial, o Primeiro Cartório de Registros Imobiliários, não conseguimos ter acesso aos registros dos primeiros imóveis da cidade, devido, a instituição resguarda apenas documentos que ditam sobre fatos recentes, posterior ao ano de 1978, pois antes desta data os registros de imóveis eram realizados preferencialmente na cidade de Anápolis.

No terceiro órgão oficial, os Primeiros Cartórios de Registro Civil tiveram acesso ao primeiro livro de registros da localidade, referente ao ano de 1904, no qual encontramos registros de crianças nascidas, na Fazenda Taveira, que deu origem ao núcleo inicial da cidade, assim como, crianças registradas com um sobrenome híbrido Taveira de Mattos, indicando que o sobrenome da família fundadora, sofreu uma alteração, a partir da segunda geração, presente no Distrito de Cerrado.

No quarto órgão oficial, a câmara legislativa localizamos um painel em homenagem aos pioneiros da cidade, entre os homenageados não havia nenhum com o sobrenome Taveira. O painel, no entanto, se configurou como um referencial do poder político da cidade que elegeu alguns sujeitos e silenciou outros que contribuíram com a formação da cidade de Nerópolis. As imagens da galeria estão na câmara legislativa. Exponho a mesma abaixo:

Figura 7: Galeria dos Pioneiros de Nerópolis Representantes.



Fonte: Câmara Municipal de Nerópolis administração, 2010. (trabalho de campo, 2016).

A partir dessa galeria organizei o quadro:

Quadro 1: As Categorias e Profissões Presentes na Galeria dos Pioneiros de Nerópolis Representantes 2010.

Quantidade	Categorias	Profissões
06	Comerciante/ proprietário	Cinema- ceramista - fabrica de doce- mecânica de automóvel- revendedor de gás GLP (de cozinha) - revendedor de combustível automotor (gasolina, querosene, óleo diesel) - açougueiro
01	Comunicação	Diretor dos correios

03	Educação	Diretora de escola- professora
05	Política	Prefeito- primeira dama- vereador- deputado estadual- presidente da câmara de vereadores
04	Produtor	Agropecuaria- alho- café- horticultor
05	Profissional liberal	Carpinteiro- fotógrafo- motorista de ônibus- sapateiro
05	Religião	Loja maçônica- padre- pastor evangélico- médium
05	Saúde	Dentista- coveiro- farmacêutico- parteira- médico
03	Segurança	Delegado- promotor de justiça- tabelião
01	Bem feitor	Fundador do hospital

Fonte: Mônica Pereira dos Santos. Adaptada da Câmara Legislativa de Nerópolis- Goiás 2010.

Ao observarmos o Painel dos Pioneiros da cidade de Nerópolis, encontramos, figuras que tiveram, a sua importância social representada devido aos serviços que prestaram a comunidade, como; a dona Regina parteira, dona Coraci professora, seu Irineu açougueiro, seu Eurípedes coveiro, seu Antônio pedreiro demonstra elementos de uma sociabilidade simples, ligada ao cotidiano, a vida na sua mais estreita relação com o ofício pois, os pioneiros homenageados pela câmara legislativa municipal, são os trabalhadores que exerceram atividades simples, afetava de maneira essencial o cotidiano deste lugar. Ilustram sua relevância, juntamente com outros personagens que retratam instituições que são preferencialmente representadas neste tipo de homenagens, como médicos, políticos, fazendeiros pessoas que são personalidades locais. Porém dentre os pioneiros não há nenhum membro da família Taveira citado como pioneiro da cidade.

Embora o discurso a respeito da Fazenda Taveira fosse forte, por parte dos relatos difundidos pelo (IBGE) e do registro do sobrenome Taveira, no primeiro livro de

registro civil, não encontramos outras pistas que nos levasse a compreender o lugar, bem como documentos referentes à evolução do patrimônio urbano inicial.

Até então, os elementos encontrados na pesquisa junto aos órgãos oficiais demonstram que as informações descobertas na prefeitura, vinculam Nerópolis ao conjunto de cidades que tiveram a mesma prática, e desfizeram dos seus arquivos, por considerar que esses, não tinham mais significado ou importância para a manutenção da ordem prática desses lugares, ou melhor, da ordem burocrática da cidade. Sem, se atentar para a necessidade de se preservar a memória material da cidade, pois a preservação destes documentos poderia trazer a tona a contribuição de sujeitos cuja ação foi fundamental na construção desse lugar, mas, que de alguma maneira, foi subalternizada pela história oficial.

A constatação dessa situação na cidade de Nerópolis no mínimo demonstrou uma despreocupação com a memória histórica da cidade, pois ela não possui um único arquivo no seu órgão mais representativo, a prefeitura. Santos e Silva (2010) ressaltam, que uma cidade que não conta com um arquivo público ou qualquer instituição, que se proponha a zelar pela preservação da sua memória material, através da guarda, conservação e acessibilidade da documentação que as suas instituições produziram ao longo da sua existência, não possui uma ancora, nem tão pouco uma plataforma que a sustente.

Para as autoras a “ancora” asseguraria a preservação da identidade da cidade, diante das mudanças, que ele sofreria na busca pela modernidade, sendo assim, ela não se perderia no decorrer deste processo. Já a “plataforma” permitiria a cidade se lançar no futuro, mais como os pés solidificados no passado, isso daria, a possibilidade dela criar e se recriar, mas, ciente da sua memória.

Neste contexto que naquele momento, supomos que a família Taveira, havia perdido a sua representação na cidade, em decorrência dos enlaces matrimoniais, uma vez que encontramos registros de crianças apenas do **sexo feminino**, no livro de registro civil. Mediante ao fato, de que no patriarcado, o sistema que regia a estrutura familiar no estado, naquele tempo à mulher não perpetuava o sobrenome da família, após o casamento, ela adotava o sobrenome do marido, e este poderia ter sido uma das motivações que levaram ao silenciamento dessa família na cidade.

Levantamos essa hipótese, após refletirmos sobre a complexidade, de se construir uma etnografia ou adotar uma perspectiva etnográfica como metodologia, uma vez que ela concebe a indissociável relação entre teoria e prática reemoldurando a

ordem dos fatos. No entanto, o campo perpassa a teoria, mas não se submete a ela: o campo existe para desestabilizar o nosso pensamento e sentimentos.

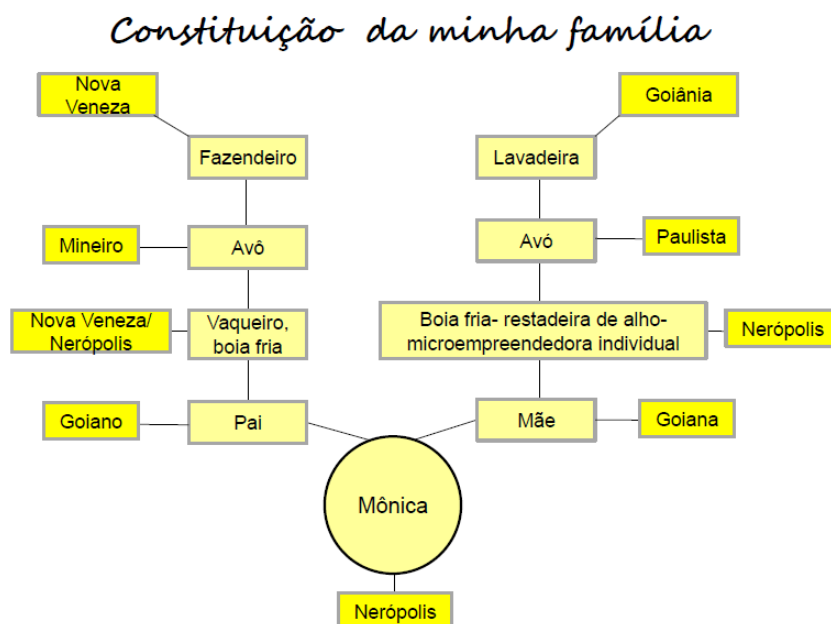
Mesmo que o lócus da pesquisa seja o espaço de vivência do pesquisador, acostumado a ouvir histórias sobre o seu objeto de estudo. Na etnografia é necessário buscarmos peças para montar uns quebra cabeças que vai se formando, durante a construção do objeto de estudo, diálogos, descrições, croquis, perfazem a composição do “jogo”, de procuras e respostas que se torna o trabalho de campo.

Só se torna e, é possível, por meio da interação do pesquisador como os seus interlocutores, sendo que o primeiro é observador e participante, de forma que ele cria uma familiaridade que possibilita as condições indispensáveis para um diálogo “verdadeiro”. Mais isso, necessariamente, não impede que o pesquisador ache menos importante as informações obtidas por ser um morador ou um participante do espaço que esta sendo pesquisado. O pesquisador pode chegar a minimizar algumas informações obtidas durante o campo por achar que elas não são importantes, para se compreender o objeto de pesquisa. Este comportamento pode vir a acontecer, muitas vezes pode ser pelo mergulho familiar devido ao seu tempo de vivencia dele no lugar. Deste modo, se faz necessário que ele torne exótico o que lhe é particular.

Também vamos mencionar como se deu a escolha pelos interlocutores que são os velhos que moram no setor central da cidade. Trazem na sua memória lembranças de como era este lugar. Ecleia Bosi em “Memória de Velhos” expõe que cada geração tem sua cidade na memória de acontecimentos que permanecem como pontos que demarcam a sua própria história. Essas lembranças estão contidas na sua memória individual e coletiva que esses interlocutores adquiriam ao longo da sua existência. Foram produzidas por meio da sua própria vivência ou por meio da experiência vivida por alguma pessoa próxima.

CAMPO FRUSTRADO E OS DESAFIOS DA ORALIDADE

Figura 8: Constituição da minha família



Elaboração própria, 2017.

Figura 9: Galeria dos Pioneiros de Nerópolis Representantes.



Fonte: (trabalho de campo, 08/ 2017)

Ecleia Bosi diz: A pessoa se vê- ou procura vela como uma configuração, ou como um sentido. Uma auto biografia? Não, que eu não dou conta de relatar as cabeçadas que dei, e tudo o que me aconteceu até agora. A experiência em campo na cidade de Nerópolis, na busca por dados sobre a família Taveira e o patrimônio leigo do Distrito de Cerrado, assim como a pesquisa realizada nas páginas das redes sociais da internet, trouxeram um conjunto de informações. A princípio, julguei que não tinha muita importância, uma vez que o campo não apresentou exatamente o que havia proposto durante o planejamento do trabalho. Era encontrar os descendentes da família fundadora e o recorte territorial exato do Distrito de Cerrado. Grafados em mapas e documentos repletos de selos nas instituições oficiais de Nerópolis, tornando desta maneira verdadeiro e evidente todas as histórias que ouvi sobre este lugar.

Naquele momento inicial estava diante de uma série de informações que levava a uma interpretação muito vaga acerca desta cidade. Se tivesse me ancorado apenas no fato de que não ouve o resguardo correto de registros históricos sobre o lugar, bem como a descoberta de ramos da família Taveira em outros lugares, e apenas no passado de Nerópolis, ou seja, no livro de registro civil do Distrito de Capivara do ano de 1904. Não havia obtido nenhuma evidência de onde se localizava a Fazenda Taveira ou o registro de alguma construção que se identifica o patrimônio leigo do distrito.

Confesso que diante deste quadro perguntei- me: “E agora, Mônica?” Porque não tinha encontrado nada do que havia proposto, pois estava armada de toda uma intenção de objetividade para obter e produzir dados e informações mais reais e objetivas que comprovassem de *uma vez por todas* a história de Nerópolis. E então, no meu delírio como geógrafa e pesquisadora das ciências humana, queria respostas, estava nervosa como um poeta ao ver seu poema borrado pela tinta de uma caneta diante do esboço de um trabalho perdido.

Revi os resultados dos trabalhos, e constatei que eles me deram exatamente aquilo que na etnografia é tido como um levantamento prévio, um survey. Para (Brandão 2017, p.12) “muitas vezes é o chegar no campo para conhecer uma comunidade, ir para em cima dela, ir articulando aquele primeiro conhecimento como dados de estudos de uma proposta de pesquisa”. Os campos na verdade foram por assim dizer, a minha primeira entrada como pesquisadora em Nerópolis, porque eles

desconstruíram tudo aquilo que considerava como válido para se fazer ciência. Perseguir a objetividade dos fatos através de documentos que afirmam exatamente o que estava procurando. A experiência de não encontrar o que esperava, redefiniu a proposta do campo, de frente ao Cartório Mauro Velasques na rua Betel, me lembrei da aula de “Geografia de Goiás” do Curso de Geografia na qual o professor Tadeu Arrais, no ano de 2013” disse que:

“Quando você estiver pesquisando a rede produtiva da água mineral e não encontrar dados oficiais sobre a sua produção vá até o canteiro central da Avenida Independência no centro de Goiânia, converse com o vendedor ambulante que vende água quanto o sinal está fechado. Certamente ele irá te dar todas as informações, para você começar a entender como a rede de água mineral funciona em Goiânia. Pergunta: De quem ele compra? Quanto ele compra? Quanto ele vende? Com essas informações iniciais, você pode chegar ao distribuidor e consequentemente até o envasado desta água e desvendar o funcionamento da rede”.

O campo apresentou essa dificuldade inicial, mas resolvi encontrar as respostas para o que estava procurando nas fontes que até aquele momento ignorei veementemente. Os moradores, simplesmente os moradores, ou seja, as pessoas que fizeram a cidade que viveram e acompanharam o seu crescimento ao longo dos anos. De porte do caderno de campo de capa amarela, formulei um questionário de entrevista semi- estruturada com dez perguntas. Estabeleci um critério para encontrar os moradores que se pode lembrar e consequentemente falar sobre a família Taveira e a disposição de elementos arquitetônicos como o cemitério, que caracteriza um Patrimônio leigo.

Para encontrar as velhas e os velhos da cidade, estabeleci como critério selecionar as casas mais antigas que ainda se encontram no centro da cidade, dando prioridade para aquelas que estão nas ruas próximas da saída para a cidade de Anápolis. Dirigi-me para a casa de uma velha conhecida da família, a dona Irani, que mora na Rua Pedro Júlio. Contava histórias de como eram as casas e os caminhos que davam acesso a elas, no tempo que não existia ruas no Setor Centro, o núcleo inicial da cidade isto é no Distrito de Cerrado, o Patrimônio Leigo de Nerópolis.

Escolhi esta interlocutora inicialmente porque a conhecia como moradora, e não como pesquisadora, no entanto, ao término da entrevista ela deu uma sugestão. Dona

Irani me disse: *“Porque você não vai lá no seu João da Vantajosa. Ele é velho aqui, e conheceu muita gente. Talvez ele pode te ajudar a encontrar essa família. Falar das coisas que você quer saber”*. Despedi-me de dona Irani⁸ no portão da sua casa debaixo de uma árvore de sete copas. Segui para a loja de tecidos para encontrar outro possível interlocutor que pudesse ajudar a identificar o patrimônio Leigo, que me desse pistas dos descendentes dos Taveira de Nerópolis. Ao chegar na loja *A Vantajosa Tecidos*, na rua Aderbal Antunes, seu João me recebeu com desconfiança inicialmente, mais aceitou conversar comigo depois de se certificar que eu era uma moradora da cidade. Além de fazer perguntas sobre o que eu estava fazendo e como a fala dele poderia ajudar. Teceu um rosário de perguntas, questionando porque não tinha ido a Prefeitura Municipal, ao Cartório do Mauro, Câmara Legislativa, enfim.

No outro dia, reiniciei o trabalho de campo, retornei o planejamento inicial, me dirigi para a rua João Pedro Junqueira que ainda possui muitas casas velhas e consequentemente abriga alguns moradores que são velhos também. Escolhi este endereço, porque quando vou ao Moinho Coelho comprar fubá, no período da manhã, sempre cumprimento duas senhoras que ficam conversando e tomando sol, sentadas nas alpendres das suas casas. A dona Adamásia, mãe de uma professora de português da quinta série do Colégio Negreiros e a dona Elisa, acompanhante de uma cliente da loja de roupas femininas onde trabalhei. Encontrei primeiramente dona Elisa, que aceitou conversar comigo prontamente, após dizer que já tinha conversado como o seu João da vantajosa tecidos. Neste instante uma rede de relações foi se formando durante o campo a medida em que entrevistava uma pessoa ela indicava outra para ser entrevistada. Para Halbwachs 1990, p.30:

A construção da memória coletiva se dá a medida em que uma família vive durante muito tempo numa mesma cidade, ou na proximidade dos mesmos amigos; cidade e família, amigos e família constitui como sociedades complexas. Então nasce as lembranças compreendidas em dois quadros de pensamentos que são comuns aos membros dos dois grupos. Para reconhecer uma lembrança desses gêneros e preciso fazer parte de um e de outro. É uma condição, que é preenchida, durante algum tempo, por uma parte dos habitantes da cidade, e por parte dos integrantes da família (Halbwachs 1990, p.30).

⁸ Dona Irani faleceu no dia 14 de janeiro de 2017 na cidade de Nova Veneza Goiás, foi enterrada no Cemitério Municipal São João Batista em Nerópolis ao lado dos seus familiares em uma sepultura cedida por um amigo da família. Homossexual é amigo de infância do filho mais velho de dona Irani, assassinado pelo “namorado”, um crime homofóbico teve seu enredo final encenado de baixo da ponte na saída para Anápolis

Sendo assim as lembranças de algum momento ou fato pode ser diferente conforme o interesse de quem esteja se referindo sobre a cidade ou sobre a sua família. Quando um membro basta que alguns membros desta família deixe de morar nesta cidade para que eles tenham uma menor facilidade para lembrar –se daquilo que eles não guardavam apenas por estar submersos ao mesmo tempo em duas correntes de pensamentos coletivos convergentes; enquanto que no presente encontra-se, experimenta-se, quase que exclusiva a ação de um deles. Mattos 2011, p. 66 nos ajuda a compreender a questão etnográfica, quando assevera que:

O trabalho de campo envolve métodos e procedimentos nos quais temos que ser radicalmente indutivos para seleção do que deve ser importante para a pesquisa. As categorias ou temas que escolhemos para observar não são necessariamente escolhidos previamente; na maioria das vezes esta escolha se dá a partir do desenvolvimento do trabalho de campo, a esse movimento da pesquisa chamamos de hipótese progressiva, pois a cada momento de reflexividade sobre o trabalho de desempenho no trabalho, modifica-se o caminhar e cria-se um movimento próprio aos dados e como de eles refletem nossas questões.

Ainda em Mattos, (2011, p. 66-67):

O pesquisador delinea a sua linha de questionamento e os temas que passam a pertencer ao corpo do trabalho. Estes temas podem mudar em resposta em caráter distinto de um evento ocorrido no local da pesquisa. Por isso quando realizamos um trabalho etnográfico temos que ter em mente (...) o que esta acontecendo especificamente em uma pesquisa (...) num lugar ou situação particular. (Mattos, 2011p.67)

Em outro momento, sobre a questão da etnografia, ele diz:

A etnografia é um processo guiado preponderante pelo senso questionador do etnógrafo pesquisador. Deste modo a utilização de técnicas e procedimentos etnográficos não segue padrões rígidos ou pré- determinados, mas sim o senso que o etnógrafo desenvolve no trabalho de campo e no contexto social da pesquisa. Os instrumentos de coleta e análise utilizados nesta abordagem de pesquisa, muitas vezes tem que ser formuladas ou recriadas para atender a realidade do trabalho de campo.

Para Halbwach apud Schmidt e Manhford (1993, p. 2280 o indivíduo que lembra é sempre um sujeito inserido e habitado por grupos de referência; a memória é sempre construída em grupo, mas é também, sempre um trabalho do sujeito. A lembrança, para

Halbwach, é reconhecimento é reconstrução. É reconhecimento na medida, em que porta o “sentido do já visto”. É reconstrução principalmente em dois sentidos, por um lado; porque não é uma repetição linear de acontecimentos e vivências do passado, mas um resgaste desses acontecimentos e vivências em interesses atuais, por outro; porque é diferenciada, destacada da massa de acontecimentos evocáveis e localizada num tempo, num espaço, num conjunto de relações sócias. Sendo assim tanto reconstrução quanto o reconhecimento depende de um grupo de referência, tento em vista que as lembranças retomam relações sociais, e não simplesmente ideias e sentimentos isolados.

Me deparo na vida adulta com o desafio de desvelar o olhar e descobrir e redescobrir este lugar, por meio da história oficial que é contatada sobre ele, pelos órgãos oficiais como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e nada encontro, assim como as histórias que foram reveladas por alguns dos seus anciões, interlocutores que nos ajudaram a redescobrir Nerópolis, sob o olhar dos seus moradores, que utilizaram a escala do corpo para contar como eles viveram, cada processo que ajudou a construir este lugar.

Diante do desafio de discutir este espaço, não apenas como umas de suas moradoras. Mas, como uma pesquisadora das ciências humana, pois é dessa forma que recorro a etnografia como metodologia de pesquisa, uma vez que ela é acessível a qualquer pesquisador que esta em busca de algo. A etnografia nos permite uma aproximação com a realidade que nos propomos a entender e estudar, pois, ela não é apenas uma metodologia, ou uma prática de pesquisa, mais a própria teoria vivida em campo em um fazer etnográfico.

No fazer etnográfico, a teoria esta, assim de maneira óbvia, em ação entrelaçada nas evidências empíricas e nos dados colhidos. Logo, a teoria e a pratica são inseparáveis, uma vez que o fazer etnográfico perpassa o tempo todo pela teoria que é adquirida, pelo pesquisador antes dele ir a campo. O estudo prévio sobre a temática e os interlocutores que compõe o estudo esta sendo apreciado se faz necessário para nos informar de todo conhecimento desenvolvido sobre o tema e o grupo a ser pesquisado. No entanto, a etnografia não se confundiu, nem se reduziu a uma única técnica de pesquisa. Porque ela é antes de tudo um modo de acercamento e apreensão de um conjunto de procedimentos que nos ajuda a entender o objeto de pesquisa, neste caso é a cidade de Nerópolis.

Este acerto ou melhor o mergulho no objeto de pesquisa, possui algumas fases. A primeira delas é o que podemos chamar de um mergulho na teoria, nas informações e interpretações e foram feitas sobre a temática e a população específica que queremos estudar. A segunda fase consiste basicamente em um longo período convivendo entre os interlocutores, esta fase se reconhece como trabalho de campo. A terceira fase consiste na escrita, que se faz de volta para casa.

Portanto a realização do trabalho de campo supõe não apenas ir e ver ou ir e pegar amostras: é algo mais complexo; é uma co-residência extensa, uma observação sistemática, uma interlocução efetiva, uma mistura de aliança, amizade, cumplicidade, respeito coerção e uma tolerância irônica sobre alguma situação que venham a incomodar o pesquisador durante o campo.

Em outras palavras o campo consiste em estabelecer relações com as pessoas, é por isso que o quesito pessoa se torna o ponto central da pesquisa. Os sujeitos envolvidos não são sujeitos abstratos: trata-se de pessoas concretas, que se tornam os nossos interlocutores. Sendo que cada um é dotado de suas particularidades e sobretudo da capacidade de agir diante dos processos que são alvo do nosso questionamento, durante o campo. Por isso que damos vozes às pessoas, porque acreditamos que elas têm coisas a dizer. No entanto, esta voz não é monológica, ela é dialógica, o pesquisador estabelece uma relação de diálogo com os interlocutores, conversando e indagando sobre o objeto de estudo, neste diálogo que os dados se fazem para o pesquisador. É nesta troca que consiste a essência desta metodologia, uma vez que ela concede a palavra aos interlocutores, sobre si mesmo, isso acaba diminuindo o discurso prévio que o pesquisador pode trazer sobre o assunto...

BRUMAS**Vida - Mário Quintana**

Não sei
O que querem de mim essas árvores, essas velhas esquinas
para ficarem tão minhas só de as olhar um momento.
Ah! se exigirem documentos aí do Outro Lado, extintas as outras
memórias,
só poderei mostrar-lhes as folhas soltas de um álbum de
imagens: aqui uma pedra lisa, ali um cavalo parado ou uma nuvem
perdida,
perdida...
Meu Deus, que modo estranho de contar uma vida!

Aqui não tem Taveira mais não. Eu morro aqui a muitos anos e nunca
soube quem esse homem.

(Escutas de trabalho de Campo)

Olhar a paisagem através da janela do ônibus durante as viagens é um hábito que
pratico a muito tempo. É como se fosse uma condição para conseguir ficar parada
durante um longo período, sem me sentir presa e acalmar um estado de agitação, que

toma força à medida em que os minutos começam a passar. E estou de certa maneira parada sem poder sair do lugar. Começo a ouvir as conversas dos outros passageiros, que possuem quase sempre a mesma pauta sobre os causos da vida em outro tempo, a política, o calor, as desavenças familiares e os programas de televisão. Muitas vezes esses assuntos não despertam o interesse daqueles que estão ouvindo, logo, me perco observando o que está lá fora; é uma maneira de sair, no entanto, permaneço no mesmo lugar.

Espiar as casas, o comércio, o ir e vir das pessoas nas ruas em torno da estrada, provoca a sensação que também estou em movimento, mesmo presa do outro lado da janela. São pequenos instantes que duram apenas o tempo de olhar, para quem ou o que está do lado de fora e começo a imaginar; Como essas pessoas chegaram aqui? Porque elas vieram para este lugar? Na verdade, observá-los me faz sentir que de alguma forma estou conhecendo aquele lugar, e a vida por trás daqueles rostos. Muitas vezes concluo que a vida deles é igual, ou melhor, parecida com a vida das pessoas que moram na cidade de Nerópolis, que é uma cidade que está plantada aos pés da rodovia GO – 080, e assim como eu, acredito que outros viajantes também observam este lugar, buscando conhecê-lo.

Ainda me lembro da primeira vez em que fiquei olhando através da janela de um ônibus, buscando o que estava do outro lado. Foi durante uma viagem que fiz pela GO - 080 para participar de um casamento, na Mata dos Criôlos, um povoado próximo a cidade de Petrolina de Goiás. Esta viagem ficou marcada na memória por que tudo era uma novidade, a começar pelo ônibus em si, o seu tamanho, os bancos de plástico azul, o assoalho cor de prata, as latas vazias de querosene, os sacos de estopa e de plástico branco que guardavam grãos de arroz trazidos do Moinho Botafogo e de outros lugares para serem limpos, no entanto, jogados no chão.

Figura 10: - Avenida Juscelino Kubitschek setor Centro Nerópolis Goiás.



Fonte: (trabalho de campo, 09 2017).

Como não podia ficar olhando para as pessoas que estavam sentadas, comecei a observar as casas que iam passando pela janela, o caminhar do sol, os paredões de terra vermelha dos dois lados da pista. Terra cortada ao meio, mais que ainda sim, emoldurava a vida do Cerrado presente naquelas pequenas árvores que se sobressaíam ao capim seco. Estavam sobre os paredões, como se fossem enfeites de cabelo dando um tom ocre, para que o alaranjado do sol resplendecesse sobre a imensidão daquele lugar. Essas são imagens que foram percebidas em um final de semana incomum para quem estava sempre na cidade. Todas as vezes que passo por lá, relembro daquela sensação de tristeza, pois a medida em que o ônibus cortava a estrada, a paisagem a sua volta continuava triste e sempre igual.

Desci na boca de uma estrada de terra vermelha, cuja a poeira sujava os pés. A medida em que ia andando e adentrando o interior daquele lugar, ficava com a impressão de que a estrada crescia um pouco mais, a cada instante. Tudo que havia a sua volta era cercas de arrame liso, que protegia o gado e umas instalações de varas de bambu que faziam sombra e ao mesmo tempo seguravam os pés de tomates e pimentões que estavam em toda a volta.

No final de cada curva da estrada, a imagem “de Eva, a noiva”, ficava cada vez mais presente. Um nome que a pouco tempo passou a fazer parte das conversas na casa

da *mãe Marina*, mulher negra mãe de sete filhos pequenos e três adultos que não podiam mais trabalhar nas plantações de hortaliça e nos galpões de alho devido a uma contaminação com agrotóxico. Passou a sustentar a vida cuidando dos filhos das mulheres que iam para estes trabalhos e lavando roupa para fora. Eu era uma dessas crianças cuidada por *mãe Marina*.

Antes deste dia, tinha visto Eva apenas uma vez, quando veio convidar sua mãe para o noivado e em seguida para a cerimônia de casamento. No dia em que ela chegou, todas as crianças foram chamadas para ir brincar no quintal e todos ficaram sabendo que a *mãe Marina* tinha uma filha, que morava com os parentes do primeiro marido. Estava longe, pois o ex-marido não aceitou o final do casamento. No processo de separação o pai ficou com a filha, para garantir que ela seria criada para ser uma *mulher direita*, teve autorização para procurar a mãe quando foi se casar, uma aproximação vigiada pelas tias que a acompanhavam.

As histórias sobre este casamento se tornaram o assunto predileto das mulheres da casa e da vizinhança durante algum tempo; a troca de alianças no final do noivado, o planejamento da festa e o casamento no civil. Tudo isso acompanhado pelas indecisões para escolher os presentes do casamento, dentre eles estava os forros para prateleira feitos com saco de algodão de açúcar vindo da fábrica de doce, que foram quarados para serem bordados e adornados com bicos de crochê. Seguido pelas discussões sobre quais desenhos seriam pintados: peras, morangos e pássaros, estampas grandes ou pequenas decisão que representou o afago de uma mãe que não tinha posses. Tudo era motivo de contestação entre a *mãe Marina* e a outra filha de quinze anos que também estava fazendo enxoval para se casar. Enxoval que ficava guardado em uma caixa de madeira, com uma trava e cadeado protegido no quarto, como uma poupança, um tesouro para o futuro.

O casamento aconteceu na cidade de Petrolina de Goiás, no entanto, a festa foi na casa da tia Melinha, na Mata dos Criôlos. Na frente da casa fizeram um rancho cujas paredes e o telhado foram feitos de palha de coqueiro macaúba; o esteio e as vigas laterais era de madeira roliças, que tinham sido retirados da mata. O cheiro da madeira verde disputava espaço com a poeira do chão batido do rancho que serviu de palco para o trio de sanfoneiros que tocaram forró durante a noite. No fundo da casa, estava os tachos, panelas e caldeirões sobre as bocas do fogão caipira, das trempes e dos

fogareiros, repletos de comida com uma variedade de receitas: arroz branco, arroz com carne de boi, arroz com frango, carne de boi em pedaços frita, almondegas com batata, macarrão com queijo e carne moída, feijão com toucinho, couve, picadinho de jiló, abobora verde e vagem, salada de tomate em rodela, mandioca com carne e outros pratos que fugiram da lembrança, espalhados na área de serviço cortada por um pequeno rego de água.

A festa acabou e no outro dia conheci um pouco mais da Mata dos Criôlos. Fui a sede da Fazenda cujo nome ninguém falou. A casa da sede estava no final de uma curva daquela estrada de terra vermelha, era caiada na cor amarelo bem como a roda d'água que ficava no centro da represa, onde rodava incessantemente para gerar energia que era consumida durante a noite. Fiquei lá a manhã inteira enquanto algumas mulheres faziam queijo do leite retirado a pouco. Com outras crianças tomamos banho no córrego que passava a baixo do pomar de laranja.

No domingo à tarde as mulheres, parentes da noiva, se juntaram novamente, mas agora na casa da tia Melinha, para fazer pamonhas que foram amarradas com a embira tirada do tronco da bananeira. Foi por meio deste casamento na roça que conheci a Mata dos Criôlos, um lugar que possuía uma dinâmica própria, dentro da lógica de uma criança cujo o palco era mundo inteiro e aquele evento se tornou uma peça ou uma experimentação da vida em um lugar. Lembrar deste casamento na roça me leva, conseqüentemente a pensar que existem distintas maneiras de se conhecer um lugar, quer seja pela experimentação empírica ou por meio do discurso oficial do Estado muitas vezes quando desejo conhecer um lugar busco conhecê-lo por meio das informações que estão disponíveis no discurso de fundação.

O ENREDO DO DISCURSO FUNDADOR

A enciclopédia dos municípios brasileiros publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística o (IBGE), apresenta o município de Nerópolis da seguinte maneira (IBGE, 1957).

Nerópolis – Em 1892 esta região foi desmembrada do município de Pirenópolis, passando a pertencer ao município de Santana de Antas (hoje Anápolis- GO). Em 1894, Joaquim Taveira, Anapolino, veio estabelecer-se com a sua família no local onde está situada a cidade de Nerópolis. Acampando nas proximidades do ribeirão Capivara deu início à derrubada das matas, para pratica da pecuária e o cultivo de produtos agrícolas, trazendo o velho Taveira algumas famílias para colonizar o lugar que foi cognominado, pelo povo de Matinha dos Taveiras. Em 1898 Fulgêncio Taveira, filho de Joaquim Taveira, mudou o nome do núcleo para Campo Alegre, nome sugerido pelo devastamento da floresta. Em 1904, o povoado foi elevado a vila, passando seu território a constituir o Distrito de Campo Alegre, sendo extinto em 1913. Foi reestabelecido, em 1918, com o nome de Cerrado nome este que permaneceu até 1948, quando seus dirigentes políticos e administrativo resolveram mudar-lhe o nome para Nerópolis, em Homenagem ao senador Nero Macedo. Em território fértil com perspectivas promissoras o novel distrito de Anápolis, em 1º de agosto de 1948, pela Lei Estadual nº 104, tornou-se município sendo instalado em 1º de Janeiro de 1949. Em abril do mesmo ano, o município realiza sua primeira eleição para prefeito da Câmara Municipal, que é composta de 7 vereadores. Seu atual prefeito é o senhor Francisco Emídio Filho. Com sua emancipação em 1º de agosto de 1948, o município passa a constituir –se Termo de Comarca de Anápolis. Pela Lei nº 685, de 13 de novembro de 1953, foi o termo elevado à categoria de comarca. O poder judiciário é constituído de um Juiz de Direito, uma Promotoria Pública; cartório de 1º Ofício e do 2º; Cartório de família, Órfãos e Ausentes, Cartório do Crime; Cartório do Registro Civil de Pessoas Naturais; um Distribuidor e um Oficial de Justiça. LOCALIZAÇÃO- Situa-se á margem do ribeirão Capivara na parte leste, e na parte oeste tem o córrego Cerrado. Pertence a zona do Mato Grosso de Goiás, estando suas coordenadas geográficas a 16º 25`de Latitude e 49º 15´ de longitude W. Gr. Tem o município os seguintes limites: ao norte com os municípios de Anápolis e Petrolina de Goiás; ao Sul com a capital do estado Goiânia; a leste com Leopoldo de Bulhões e a oeste com, Inhumas (IBGE, 1957 p.300-301).

Para Pêcheux (2002, p. 09) “a história “aparenta” o movimento da interpretação do homem diante dos “fatos”. Por isso, para o autor, a história está “colocada”, sendo assim parto da ideia que o discurso fundador se coloca através da interpretação da história. Neste momento, escolho como ponto de partida, para se conhecer a cidade de Nerópolis, o que Orlandi (1993) definiu como discurso fundador, uma vez que são esses discursos que funcionam com referência para o imaginário constitutivo das cidades representadas no discurso oficial, por meio dos históricos das cidades, estão projetadas na enciclopédia dos municípios goianos do (IBGE), desde o ano de 1957. A

enciclopédia por tanto, se configura como uma plataforma que serve como uma base para se obter informações sobre a cidade de Nerópolis desde então.

O discurso fundador é aquele em que a comunidade se reconhece como tal, a partir da sua significação ele é capaz de reproduzir sentido e para produzi-lo, deve ser entendido inicialmente como um fio que instaura o novo. E a partir da instauração de uma nova ordem de sentidos se pode caracterizar um discurso como fundador pois cria-se uma nova tradição, resignificando o que veio antes e instituindo uma outra memória. Sendo esse, um “momento de significação importante e diferenciado”, como corrobora Orlandi (1993).

Portanto, para entender o discurso sobre a fundação da cidade de Nerópolis, traço um fio condutor entre o discurso e os seus sentidos dentro da historiográfica goiana. Para isso recuo no tempo até o auge e a decadência da mineração, para compreender como o discurso do novo, ou seja, da pecuária e agricultura produziu o sentido necessário para se conhecer o momento histórico que forneceu as bases, ou melhor, a filiação que instaurou o discurso de fundação de Nerópolis.

Lembro que essa leitura não busca aprofundar-se na discursão sobre a importância da mineração no que diz respeito à configuração atual do estado, nem mesmo a discussão sobre o falso estágio de decadência econômica que se instalou em Goiás após, o apogeu da atividade da mineração. Nem tão pouco, aprofundar no processo de formação do *patrimônio religioso* que proporcionou a emancipação de Sant’Anna das Antas (Anápolis). Busco tecer uma linha que entrelaça o declínio da atividade da mineração como o *fio*, que conduziu ao *novo*, a agricultura e a pecuária, que produziu o *sentido* que proporcionou a permanência de sujeitos históricos em Goiás, através da instalação da *memória* do que veio antes, ou seja, a mineração é como uma parte fundamental para se compreender o discurso fundador de Nerópolis.

A enciclopédia dos municípios goianos menciona que a região onde está localizada a cidade de Nerópolis foi desmembrada do município de Pirenópolis passando a pertencer ao município de Santana de Antas⁹ a atual cidade de Anápolis no

⁹ Durante a pesquisa encontrei registros com três maneiras diferentes de se escrever Santana de Antas como se segue: Sant Anna das Antas, Santa Ana das Antas e Santana das Antas. A partir desse momento faço teço a este lugar, grifando o seu nome como Sant Anna das Antas porque, é desta maneira que o Primeiro Livro de Registro Civil do Distrito de Cerrado 1904 atual cidade de Nerópolis, menciona.

ano de 1892. O fundador da cidade, Joaquim Taveira, juntamente com outras famílias, vieram de Anápolis e se estabeleceram as margens do Ribeirão Capivara, dando início a derrubada da mata para formar área para o plantio de produtos agrícolas e criação de gado. De acordo com Estevam (2004) os primeiros arraiais do ouro em Goiás, foram erigidos no centro sul do estado, cuja sua localização estendia-se por quase todo o território, oficialmente foram limitados e nomeados ao norte os julgados de São João da Palma, Arraias, Natividade, Traíras e Cavalcante; ao sul os de Vila Boa – Cidade de Goiás, Meia Ponte – Pirenópolis, Santa Cruz, Santa Luzia, Pilar e Crixas. O autor ressalta que a “maior concentração aurífera esteve localizada em torno dos Pirineus e da Serra Dourada, na área central do território goiano onde foram erguidos os povoados mais consistentes (Estevam: 2004, p. 27b)”. Pirenópolis está assentada aos pés do Monte do Pirineus e a Cidade de Goiás ao lado da Serra Dourada.

Em alguns desses arraiais, houve o assentamento de diversas construções públicas amparadas pela capital do Estado, Vila Boa, Cidade de Goiás. Essas instalações proporcionaram a fixação da população que estava de alguma maneira envolvida com os rendimentos que a extração aurífera produziu. Dentre estes arraiais encontramos Meia Ponte (Pirenópolis). Como as jazidas de ouro foram descobertas ao acaso, pois se tratava de garimpos de aluvião, foram explorados por um processo rudimentar de mineração, onde o cascalho era peneirado na bateia no leito dos rios. Mesmo com os rendimentos proporcionados pela extração do ouro não houve uma preocupação com o aprimoramento da técnica para extrair o mineral.

Quando o negócio aurífero entrou em crise e devido a diminuição do ouro de aluvião que era retirado, a lavoura e a pecuária forneceram a possibilidade de manter a população em Goiás, sendo que as duas eram desenvolvidas, ao mesmo tempo que a mineração mas, de maneira complementar, davam suporte para auto sustentação da população. A agricultura e pecuária não era uma atividade comercial que produzia grandes rendimentos, contudo, com o declínio aurífero ambas passaram a ser praticadas como um suporte econômico de fixação e manutenção da vida daqueles que permaneceram em Goiás.

A pecuária e a agricultura, desta maneira se configuram como o primeiro legado que a mineração dispôs em Goiás, a segunda diz respeito a formação da estrutura fundiária, foi cunhada pela posse da terra. Conforme Estevam 2004:

(...) Mesmo nas áreas do império ligadas à grande lavoura a posse da terra era comum, demais regiões havia a possibilidade de ocupação independente de qualquer formalidade. Em Goiás “(...) conforme apontam documentos, as fazendas de lavoura e de criação estavam assentadas em sesmarias, no entanto, o lavrador independente sem preocupação com títulos de propriedades apoderava-se delas a margem da lei” (Estevam 2004, p. 44c).

A posse era um ato comum, pois o estado não tinha mecanismo para coibir e nem tão pouco para fiscalizar a ocupação de terras durante a primeira república. Assim o latifúndio, a pequena propriedade e a posse estavam comumente ligados, deram característica a estrutura fundiária goiana, uma vez que o interior do estado estava fora da fiscalização que estava na capital, logo, a posse era uma realidade impossível de combater. Dentro desta lógica de ocupação que o espaço território de Goiás foi formado, Pirenópolis alcançou uma grande extensão de terras, inclusive a área que foi destinada a Sant Anna das Antas- Anápolis após o processo de municipalização. Sobre este aspecto (Polonial 2007) ressalta que:

Meia Ponte- Pirenópolis nasceu no entroncamento das estradas que iam para o norte de Goiás, cuja rota ligava o estado de Goiás à São Paulo e o Rio de Janeiro em decorrência da atividade da mineração, o seu território alcançou grandes distâncias. Ao longo dessa rota surgiram fazendas que se dedicavam a atividade agropastoril que abastecia os garimpos de produtos de origem bovina como carne e couro. As fazendas eram formadas por pessoas “desenganadas” com a fartura do garimpo que começaram, a se estabelecer em negócios mais garantidos do que a mineração. Por sua vez o assentamento original de Sant Anna das Antas (Anápolis) teve as primeiras propriedades assentadas no terraço do Córrego das Antas, área de superfície plana com pequena presença de declive. (...), confere um relevo suavemente ondulado, disponibilizava água e uma pastagem natural para o gado. Esta condição natural da área atraía viajantes que estavam de passagem para os arraiais de garimpo, pois era um local adequado para o descanso do gado (Polonial 2007, p.12).

Essa ocupação dentro da lógica do discurso fundador é entendida como o fio da memória que dá a essência para a instalação de uma nova ordem de sentido, o surgimento da pecuária e da agricultura como um elemento que proporcionou a permanência de sujeitos históricos em Goiás. Neste sentido (CHAUL 2010) diz que:

Quando a mineração dava seus últimos sopros, não restou outras opções aos mineiros senão a ocupação das áreas próximas aos antigos centros mineiros. (...), valendo mais a posse do que a lei – com o intuito de desenvolver uma agricultura básica que se alimenta a si e os seus. Assim o ouro deixou de representar o principal produto da economia goiana, um processo de êxito aurífero fez com que um grande contingente populacional abandonasse a província para se dedicar à lavoura e à pecuária foi por meio desse processo de ocupação que a economia goiana se tornou agrária. A historiografia goiana atesta que a pecuária foi o caminho encontrado para se manter ativo o sistema de produção mercantil, com o abastecimento de gado a outros mercados do centro-sul e norte e nordeste. (...) a pecuária proporcionou o desenvolvimento

do mercado interno e serviu de base para ascensão plena da agricultura (CHAUL 2010, p. 96 Grifo nosso).

A permanência desses sujeitos na região de Sant'Anna das Antas- Anápolis, criando gado livremente, nas bordas do Córrego das Antas, e ao mesmo tempo abrigando aqueles que estavam de viagem, deram condições para que Sant'Anna das Antas se tornar-se um entreposto comercial desse o seu início enquanto aglomerado populacional. Levou fazendeiros e comerciantes descontentes com o governo de Pirenópolis, pedir o seu desmembramento, devido a insatisfação com a cobranças de impostos. De acordo com Polonial (2007):

(...) a movimentação na época tanto no sentido econômico, com as atividades comerciais de tropeiros entre Minas Gerais e Goiás, com a agricultura, destacando a plantação de cana- de- açúcar, e com a pecuária, na criação e comercio de gado, quanto no aspecto religioso, fazendeiros e comerciantes fizeram apoiaram a petição para o desmembramento de Sant Anna das Antas. (...) o território ficou em local privilegiado, tanto pelas boas terras para o cultivo quanto para á abundancia de águas, além da posição estratégica, pois ficava na rota da passagem de comerciantes goianos e mineiros. Por todos esses fatores, a região... despontava numa área propicia ás explorações agro-pastoril e nas proximidades das rotas importantes do estado (Polonial 2007, p. 17- 18).

A condição de entreposto comercial nasce juntamente com Sant'Anna das Antas (Anápolis), e no decorrer do seu desenvolvimento como um eixo de ligação entre o comércio e os negócios desenvolvidos entre a capital Vila Boa- Cidade de Goiás, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Fortifica-se a disputa entre os comerciantes e fazendeiros da região das Antas, diante da negativa de Pirenópolis em aceitar o seu desmembramento. No entanto, em 1892, o processo de emancipação chegou ao fim. Assim como relata Borges (1975):

Em 31 de julho de 1892 a Vila de Santana das Antas deixa de pertencer a Pirenópolis, pois foi elevada à categoria de município, passa a se chamar Anápolis. (...). Considerando que a população na época da criação da freguesia era de aproximadamente 3.000 habitantes, podemos afirmar que há uma preponderância da população rural, favorecendo o desenvolvimento de uma agricultura se não comercial pelo menos local ou de subsistência, e principalmente a criação de gado, que foi a principal atividade econômica da região entre 1870 e 1910 (Borges 1975.p. 32)

A municipalização de Sant'Anna das Antas, agora Anápolis, no de 1892, define um marco temporal no qual a mineração se transforma na memória que viabilizou as condições necessárias para que a agricultura e a pecuária tornar-se uma atividade

genuína na região de Anápolis, que passa a ter como base a agropecuária e mais tarde o comércio ambos elementos que conferem atração e a fixação de população na região.

No discurso fundador o sentido anterior é desautorizado dessa maneira, instala-se outra tradição de sentidos, que produz outros sentidos no lugar. A criação de um novo sentido para a tradição dá significado ao que veio antes, estabelecendo uma outra memória. Dentro desta lógica a mineração ou a *tradição* aparece como uma atividade que não possui mais viabilidade econômica, ela não consegue mais atrair e nem tão pouco manter a população em Goiás. Do fim desta atividade nasce uma nova tradição a *vocação agropecuária* do estado. Por isso o que é exposto no discurso fundador tem que aparecer de uma maneira clara e evidente, de tal modo, que pelo seu próprio surgimento produz a memória. Para ilustrar como acontece essa transmutação de sentido Orlandi (1993) apresenta como exemplo de instauração do processo de criação do discurso fundador a análise de uma passagem do filme de Herzoge: Aguirre, a cólera dos deuses (Orlandi 1993, p. 13b):

Aguirre institui a figura do rei e o entroniza: com não há trono, ele faz-se sentar-se sobre um tronco de árvore coberto com um casaco de veludo, á réplica de um dos seus comandados que diz não ser aquilo um trono, ele responderá: “Mas o que é um trono senão madeira e veludo”? Ele se serve do sentido, do já dado para através do rudimento dele instaurar a ruptura. O efeito é o reconhecimento (...). (Orlandi 1993, p. 13b grifo nosso).

Quando o rei desmistifica o trono como um objeto feito de madeira e veludo, rompe com a lembrança de que o trono real deve estar protegido entre paredes num lugar distante esculpido por regras e tradições. Cria-se a ideia de que o trono deve estar envolto pela mística da divindade e governança de um rei em qualquer lugar, assim, o rei sustenta o sentido que surge, ou seja, ele possui um novo reino na América Espanhola. E se sustenta nele, quer dizer, ele está de posse do seu trono, neste lugar que agora faz parte do seu reino.

Ao utilizar a imagem do tronco para lembrar que o tronco é uma madeira no estágio rustico, que depois de passar por um processo de manufatura, se torna um acento ornamentado, e o casaco é feito do tecido de veludo, ou seja, apenas um revestimento. O rei cria um eixo de ligação entre o passado, ou seja, o trono ornamento do castelo, com o que está acontecendo no presente, o seu entronamento, em um trono

improvisado que acabaram de fazer. Esse eixo de ligação é uma “filiação” que busca no passado: o sentido para se criar o novo, baseado no que já existia anteriormente. Desta maneira se cria o Eldorado: porque ele concebe a simbologia de um trono ao jogar um casaco de veludo sobre uma árvore, ao perguntar o que é um trono, a não ser um pedaço de madeira e de veludo, quer dizer, sem a simbologia que ele representa, ele começa uma nova tradição de sentido para o seu novo reino.

O discurso fundador foi criado para representar simbolicamente a fundação das cidades em Goiás, às margens de um corpo d’água. Foi cunhado para justificar e não para exemplificar os movimentos internos de sujeitos históricos que se instalavam próximo aos córregos, rios e ribeirões em função dos trabalhos que eram realizados para manter a atividade agropecuária. Deu suporte para a manutenção de um modo de vida regido pela atividade da pecuária onde a agricultura serviu inicialmente como atividade que auxiliou a manutenção desses sujeitos no território goiano. A derrubada da mata e consequentemente permanência desses sujeitos, além de assegurar o domínio do Estado sobre o território goiano criou uma nova vocação para o estado: a vocação agropecuária, num momento em que a terra passa a ser elemento controlado pelo Estado, através da *lei de terras de 1850* mais que não causou mudanças significativas no que refere a posse da terra, devido aos motivos que já foram comentados anteriormente.

O discurso fundador de um homem às margens de um curso de água, mantém a ideia, ou melhor, o ideário de que o território goiano ainda não era explorado na sua totalidade por grupos maiores. Cria-se uma representação de que em Goiás a terra ainda era livre desocupada e inexplorada. Portanto, ela poderia abrigar sujeitos que quisessem se aventurar por ela e desbravá-la. Mas, também, traz a representação da ideia de que a pecuária era o veículo que proporcionava a este homem a desvendar e ocupar esse território uma vez que o gado caminhava e dessa forma ia rompendo e criando novas fronteiras.

Para identificar o discurso fundador deve-se observar a relação que o discurso estabelece com o passado presente na memória, construindo o futuro. Criando uma relação entre o já conhecido e estabelecido ligando-o ao futuro. Neste caso são os homens livres vivendo num território e estabelecendo a sua subsistência a partir da pecuária. A pecuária extensiva exigia busca constante de alimento para o gado a abertura de campos para pastos para produzir alimentos e ter acesso a água para o gado.

Desse modo o que se identifica como fundador é a eficácia de produzir o efeito do novo que se enraíza na memória permanente, produzindo desce modo o efeito do familiar, do evidente que só pode ser assim.

“Os gestos fundadores, aqueles que aceita a turbulência do desconhecido o sem sentido daí a necessidade constante de dar sentido ao novo, num movimento de identificação que retorna sobre si (Orlandi, 1992, pg.16) ”. O gesto fundador de dizer que uma família se instalou as margens de um ribeirão e fundou uma cidade. Dá o sentido de movimento de identificação sobre si, ou melhor sobre o homem que sustentava e movimentava o território goiano caminhando e acompanhando o gado até encontrar uma área propícia para se estabelecer homem- pecuária e agricultura criando dessa maneira uma representação para o homem goiano.

VÃO SURGINDO OS SENTIDOS

O discurso fundador a medida em que fala acerca do processo de formação de uma cidade ordena os elementos que são importantes para criar uma identidade ao lugar. Sendo assim, o discurso sobre a fundação de Nerópolis traz nas suas primeiras linhas que “em 1892 a região foi desmembrada do município de Pirenópolis, passando a pertencer ao município de Sant’Anna de Antas (Anápolis) (IBGE 1957, p.300) ”. Ao apresentar esta informação, Nerópolis produz uma filiação com a cidade de Pirenópolis notadamente uma região de garimpo de ouro o que demonstra a participação de ramos da família Taveira em lugares que eram voltados para esta atividade. A revista safra on-line (2016), evidência a presença desta família em outras cidades que se dedicava também a mineração, ao dizer que “em Goiás o berço dos Taveira fica no município de Niquelândia”. Assim como o (IBGE 2016):

A cidade de Marilândia Goiás teve seu início com a descoberta de garimpo de ouro em terras da família Taveira Ramos de Moraes. Entre o Rio são Domingos e o ribeirão Santa Luzia no município de Paraúna em uma região fértil e ricamente irrigada (IBGE@ cidades 2016).

Esses relatos atribuem a família Taveira a característica de desbravadores e fundadores de cidades em Goiás e ainda afirma a presença de ramos dessa família em Goiás após o declínio da mineração como atividade econômica principal do estado.

Estabelece dessa forma uma conversa com outros sujeitos que também estavam caminhando e fundando lugares e cidades. O discurso fundador, “é feito de sentidos entre interlocutores, onde ambos, sujeitos e sentidos põem-se em relação, sendo afetados pela história (Orlandi: 2010, p. 21).

Observando essa característica de fundadores da família Taveira o sentido presente no discurso, se dá no espaço e no movimento, produz circunstâncias parecidas para que se tenha uma ligação entre esses sujeitos, delegando a eles a autoria do processo de ocupação e fixação no solo goiano. Conforme o (IBGE 1957):

Em 1894, Joaquim Taveira, anapolino, veio estabelecer-se com a sua família no local onde está situada a cidade de Nerópolis. Acampando nas proximidades do ribeirão Capivara deu início à derrubada das matas, para prática da pecuária e o cultivo de produtos agrícolas (IBGE, 1957 p.300).

Ao declarar que atual área onde se encontra a cidade pertenceu a Pirenópolis, o discurso fundador, cria uma explicação sobre o processo que fundou o território onde Nerópolis está assentado. Desta maneira o discurso olha para o passado e instaura o momento em que o fundador, Joaquim Taveira, inicia o processo de ocupação de uma área disponível para criar gado e cultivar a terra.

Neste momento é instaurado o acontecimento que deu início a fundação de Nerópolis as margens do Ribeirão Capivara. O acontecimento portanto, “é um ponto de encontro de uma atualidade a uma memória (Pêcheux 2002, p. 17) ”. O acontecimento se traduz como o encontro entre o fato novo, ou seja, o que está acontecendo agora, a uma memória do que já ocorreu. A memória, neste caso, é entendida como o movimento de um fluxo migratório, produzido pela decadência da mineração que condicionou a instalação de outra atividade, a agropecuária e que juntamente com o comércio, foram os elementos que fundamentaram a emancipação de Sant’Anna das Antas. Em um processo que chegou ao fim dois anos antes da família Taveira migrar para a margem do Ribeirão Capivara, quando a posse desta área e a prática da agricultura se configuram como o fato novo.

Ao instalar o acontecimento no discurso, se estabelece uma ligação entre o fato novo e a memória. Dessa maneira começa a reorganizar o processo de ocupação regido pela pecuária e pela agricultura, ou seja, pelos sujeitos que trabalham na terra em Goiás. O fato de eles estarem nas margens do Ribeirão Capivara estabelece a materialidade do

discurso porque a área apresenta os dois elementos necessários para a prática econômica e social da agropecuária: há terra e há água. Neste sentido, chamo atenção para o trecho em que se diz (IBGE 1957):

“(...) trazendo o velho Taveira algumas famílias para colonizar o lugar que foi cognominado, pelo povo de Matinha dos Taveiras. Em 1898 Fulgêncio Taveira, filho de Joaquim Taveira, mudou o nome do núcleo para Campo Alegre, nome sugerido pelo devastamento da floresta. Em 1904, o povoado foi elevado a vila, passando seu território a constituir o Distrito de Campo Alegre, sendo extinto em 1913 (IBGE1957, p.300)”.

Em um espaço de tempo de quatro anos, o discurso alega que o lugar apresenta um crescimento que comporta a primeira mudança em seu nome de Fazenda Taveira para Matinha dos Taveiras. Além de dar notoriedade ao primogênito da família, Fulgêncio Taveira, estabelecendo a ideia de permanência dessa família no lugar. Sobre essa ideia de permanência (ORLANDI 1999) argumenta que:

O fundador busca o prestígio e a possibilidade de criar um lugar na história, um lugar particular. (...) para isso ele se move em um terreno fértil (...) que confunde a realidade, a imaginação (a ficção, a literatura) e o imaginário (a ideologia, o efeito de evidência construído pela memória) (ORLANDI 1999, p. 16 e 17c).

Quando Fulgêncio Taveira, filho do fundador Joaquim Taveira altera o nome do lugar para representar a prosperidade adquirida com a derrubada da mata, ele constrói um cenário de abundância para aqueles que se juntaram às terras da família e edificaram o lugar. O desmatamento se amplia, o povoamento se avoluma e ele marca o seu lugar na história. Deste momento em diante a Matinha dos Taveira, é significada com a promessa da prosperidade. O trabalho desenvolvido na terra atrai e abriga aqueles que buscam riqueza. Depois do início da fundação do aglomerado que surgiu juntamente com a Fazenda Taveira o nome Matinha dos Taveiras perece e nasce o distrito de campo Alegre. Em 1904 o distrito de Campo Alegre passa a se chamar Distrito de Cerrado. Assim como, pode ser observado IBGE (1957):

Em 1904, o povoado foi elevado a vila, passando seu território a constituir o Distrito de Campo Alegre, sendo extinto em 1913. Foi reestabelecido, em 1918, com o nome de Cerrado nome este que permaneceu até 1948, quando seus dirigentes políticos e administrativo resolveram mudar-lhe o nome para Nerópolis, em Homenagem ao senador Nero Macedo (IBGE 1957, p.300).

Desse modo é importante observar a porção de realidade que o discurso fundador possui, pois a construção de um imaginário é, necessário para dar identidade a um lugar. A identidade que estava sendo construída em relação a presença da Fazenda Taveira é de ali é um sítio próspero que alcançou uma evolução enquanto núcleo de povoamento em um curto período tempo. Segundo Silva e Campos (2013, p.2) “é exatamente aí que a característica do discurso fundador é elaborada e vai aparecer pois, se estabelece a construção do imaginário necessário para dar uma cara a um município em formação”. Por isso, a partir deste momento a noção de discurso fundador, é entendida como um ato que liga a formação de um município a formação de uma ordem de discurso, que dá uma identidade, que possibilita a existência e o reconhecimento do lugar. Construído a partir das *patas do gado* e da ação de sujeitos que buscavam meios para sustentar a sua permanência em Goiás e edificaram lugares que se tornaram as cidades no mato grosso goiano. Dentro deste enredo que Chaul (1993) atesta a formação de inúmeras cidades na região onde se encontra a cidade de Nerópolis (CHAUL 1993):

“(...) foi no período que compreende os anos de 1890 a 1930 que ocorreu na região do centro goiano, os processos de ocupação pecuarista e agrícola com maior intensidade. Essa ocupação proporcionou o surgimento de muitas fazendas que se tornaram cidades na região do mato grosso goiano (CHAUL 1999, p. 23)”.

Contudo, observando o discurso fundador da cidade de Nerópolis, concluo que o a relação entre a *pecuária e a agricultura* é campo fértil repleto de significados que serve para justificar não só o discurso de fundação da cidade de Nerópolis bem como o de outras cidades. Assim como está relatado nos discursos das cidades de Inhumas e Edéia. A respeito da cidade de Inhumas localizada no sul goiano (IBGE 1957):

A cidade de Inhumas originou-se da antiga fazenda Cedro, que teve em julho de 1858 como seu primeiro possessor a João Antônio da Barra Ramos. Este, após a compra, registrou-a em 20 de setembro de 1858, sob o n.º 184, na freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Campinas, com a denominação de Goiabeiras, devido à abundância dessa árvore mirtácea na região. Com essa aquisição, apareceu a primeira casa nos terrenos situados entre a margem direita do rio Meia Ponte e o córrego Cemitério, que teve o seu curso modificado até a foz. Posteriormente, em 1886, com o casamento de Maria Rodrigues Ramos, filha de Félix Rodrigues Ramos, com Laurindo de Oliveira Souza, surgiu, a primeira habitação que deu origem ao povoado. Com o entrelaçamento dessas famílias e a formação de outras pelos filhos de Félix Ramos, vieram os seus descendentes, que por sua vez foram formando núcleos e atraindo pessoas para estas redondezas (IBGE 1957 p.211) grifo nosso

E sobre a cidade de Edéia localizada no sul goiano (IBGE 1957):

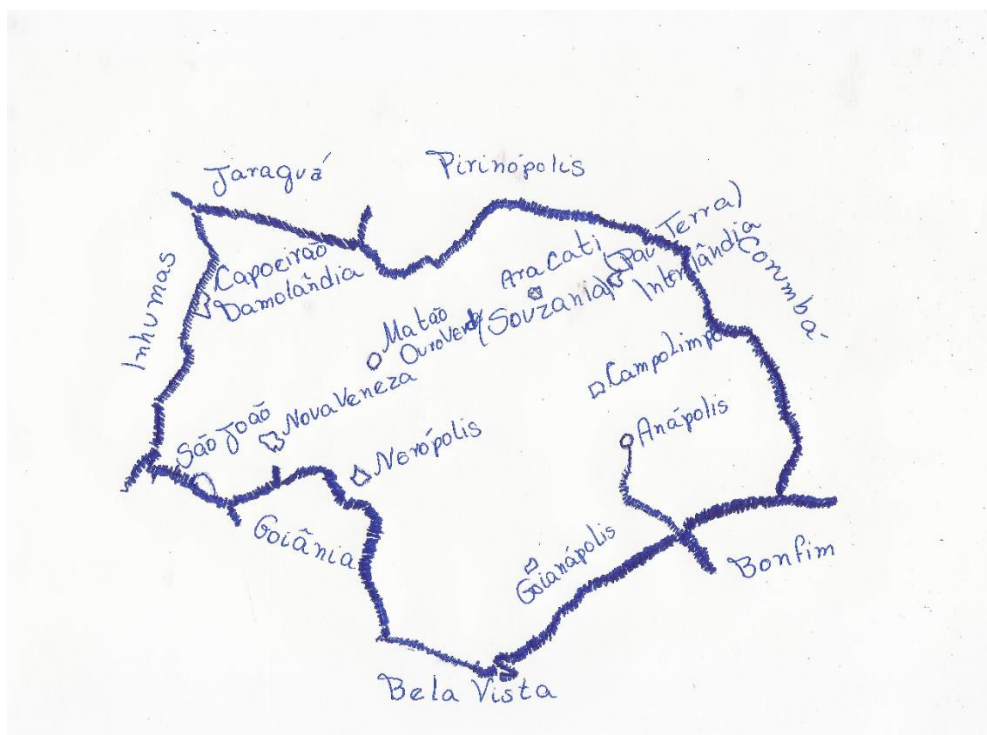
Cândido Martins da Rocha fôra dos primeiros que se estabeleceram na região dos rios Turvo e dos Bois, nas proximidades do local onde se acha erigida a cidade, antes invias matarias. Distante de seus domínios, mais ou menos 10 léguas, estabelecera-se o pai do fundador - Leandro Martins dos Anjos. Mais ao norte residia José de Faria, hoje patrono do Grupo Escolar da sede. Outro pioneiro ainda vivo é Antônio João, cuja propriedade mede mais de 1 000 alqueires e foi adquirida em 1915 pela importância de cinco contos de réis, localizada à margem direita do rio dos Bois. Além desses pioneiros, figuram Antônio Martins da Rocha, José Alves de Faria, Orcino Rodrigues de Rezende, Mizael Machado, Paulo Bueno, Felipe Alves de Faria e outros, que foram os incentivadores da criação, em 1924, do município de Santo Antônio do Alegrete (IBGE, 1957 p. 156) grifo nosso.

Inhumas foi edificada na margem direita do Rio Meia Ponte e córrego Cemitério; Edéia na região do Rio Turvo e do Rio dos Bois. Ambos os exemplos reforçam a ideia de que o discurso fundador criado para representar simbolicamente a fundação das cidades próximas aos corpos d'água são recorrentes. Foi cunhado para justificar e não para exemplificar os movimentos internos dos sujeitos históricos que se estalavam próximo aos córregos, rios e ribeirões em função dos trabalhos decorrentes para manutenção da atividade agropecuária. Deu suporte a manutenção de um modo de vida regido pela atividade da pecuária onde a agricultura serviu inicialmente como auxílio e a manutenção.

Retomando a afirmação de Chaul (1993) a agropecuária forjou a edificação de cidades na região do centro goiano, dentre elas destaco Sant'Anna das Antas- Anápolis ao longo deste movimento de ocupação que alcançou uma grande extensão territorial e deu princípio a formação do Distrito de Cerrado e posteriormente a cidade de Nerópolis, assim como outros distritos que encontram no seu entorno. Na figura 11¹⁰, ilustra como este movimento de ocupação ajudou a formar distritos e posteriormente cidades, a partir dos domínios territoriais de Sant'Anna das Antas.

¹⁰ A figura 11 foi adaptada do livro, A História de Anápolis após a digitalização da imagem original, os nomes dos lugares ficaram ilegíveis. No entanto, o tipo de fonte e a disposição dos nomes na imagem estão preservados como no original.

Figura 11: Mapa de localização do Distritos de Cerrado Goiás em 1940



Fonte: Mônica Santos. Adaptado de Borges, Humberto. *A História de Anápolis 1975*

Sant'Anna das Antas, teve sob seu domínio o total de oito distritos, sendo que o Distrito de Cerrado (Nerópolis) foi o primeiro dentre eles a galgar o status de município no ano de 1948. Depois da municipalização do Distrito de Cerrado conforme (IBGE 1957), Anápolis passou a contar com os distritos de Brazabrantes (ex-São João Batista do Meia Ponte), Damolândia (ex-Santo Antônio do Capoeirão), Goianópolis, Goianás (Nova Veneza), Matão (ex- Boa Vista do Matão), Sousânia (ex- Boa Vista de Traíras e Aracati), Interlândia e os povoados de Campo Limpo, Goialândia, São Vicente e Sapato Arcado.

Para (Orlandi 2009 p. 46), “o trabalho da ideologia na ordem do discurso é o de produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência”. As condições materiais de existência da família Taveira neste momento estava ligada a terra, sua propriedade, a Fazenda Taveira. Por isso, retorno no tempo para encontrar os *Taveiras* do Distrito de Cerrado. Para Santos (1998, p. 53), “o espaço é o teatro de fluxos com diferentes níveis, intensidades e orientações”. Diante do discurso fundador da cidade de Nerópolis, tomo-o como uma peça de teatro em quatro atos: *fazenda, povoado, distrito e a municipalização*, e demonstro desta maneira, uma

visível participação desta família na produção do espaço geográfico do Distrito de Cerrado, a cidade de Nerópolis.

TAVEIRA: DO SOBRENOME A PESSOA

Nesta viagem entre dois tempos, passado e presente ao distrito de Cerrado, o atual setor Centro de Nerópolis, sigo à procura da família Taveira da cidade de *Nerópolis, do Distrito de Cerrado, do povoado de Campo Alegre e da Fazenda Taveira*. As primeiras pistas que encontrei sobre os Taveiras do Distrito de Cerrado, estão em algumas páginas amareladas pelo tempo, no Arquivo Histórico Estadual, na Praça Pedro Ludovico Teixeira no Setor Central de Goiânia, assim como, compor um itinerário para uma viagem, dispense uma carga emocional e de tempo enormes. Logo a busca pela família reiniciou-se com a leitura dos livros de registros do distrito. Procurei pelo sobrenome Taveira, e encontrei relatos de alguns Taveiras que deviam tributos para o estado, como neste registro do livro de devedores entre os anos de 1892 a 1896, tal como, este relato nos apresenta (Nerópolis 1912- 1922):

Exercícios 1892 a 1896 Do Colletor de Sta Anna Antas / João Naz da Costa Número 36 /Segunda a seção da secretaria de finanças em goyaz,17 de novembro de 1899 De -se nesta a circunscrição das leis denominação pelo eu coletor afim de deriar o que for a quem dos interesses. Além da secretária da herança nesta repartição dentro do nosso (murro) desta lei – Lei N ° a 14 de Novembro de 1899 deste ano. O então Coletor de S T Anna Das Antas, a falecisao Joao Naz de letra no período de 20 de agosto de 1892 A 14 de fevereiro de 1896 a recardaria 19. 755, 811 res e despendeu 19. B 48 „028, neste tanes a **Farme da Taveira**. O valor 107,783 Σ Não tendo auido espariasao de galmente na meação em 1892 e 1893 devido devendo de alienar as respectivas, com missões. Junto em contrários a carta corrente e TABULAS das Emmissões referentes à liquidação. N13 estatutu regular a CC liquidado pelo nupiliar desta repartição relativo à gentileza deste coletor de SANT DAS ANTAS, João Naz de Desta, no período de 26 de agosto de 1892 a è 14 de fevereiro de 1896, na qual se verificou um saldo de 107,783 res que à ezaeto, num pareceu que disser sullem ditta a pprovação Tribunal . A parte sendo intimada PA. Dizer o que faz SSI À dum do ceu distrito, Q U E prerocantes quais quer dem a quilidação presedida requerendo parecer que, pos e quitada se levasse eu conta na infinida liquidação a autoria do escrivão que no fará isso além das. (NERÓPOLIS 1912- 1956 caixa única) (grifos negrito nosso)

Neste relato a Fazenda Taveira é mencionada em um documento oficial do Estado como devedora de impostos, demonstra a materialidade desta fazenda, ou seja, a

fazenda Taveira foi o alicerce da organização deste espaço que deu origem ao Distrito de Cerrado e posteriormente a cidade de Nerópolis. Sai do campo do discurso fundador e entre no campo da materialidade burocrática do Estado, outro relato sobre membros da família como faltosos dos cofres públicos está na página do Livro de Devedores de Impostos 1901 tal como está destacado (ANÁPOLIS: 1901- 1913):

O Avioliar - Jose Geraldo Taveira Nisto recria exercendo o respectivo cargo e mas que julgado a se dissu que a ação a sua contribuinte, assim dando, lhe fassa restituindo à importância da canção e guias esta tendo sido feito em dinheiro. (...) o requerido pela parte quanto a comissões no, e direito, o tribunal passei, decidira damos julgar mas o estado além do cantineiro 30 de janeiro de 1890. Representada pelo tribunal que feo o salão a favor da feição em 107,785 rea considerando a herança responsável o respectivo pagamento dentro pare a fins mil dias , sob as penas da Lei N n 1 di fev de 1900 a 2 a Jn L lenita 31 de março de 1900 anapolis - 1901 1903 coletoria...relação dos devedores de imposto territorial P.05 do município de annapolis (ANÁPOLIS: 1901- 1913).

No livro de registro consta, a relação de devedores de impostos à cidade de Anápolis- Sant Anna das Antas, *José Taveira*, aparece como devedor, no entanto, outro sobrenome também está presente neste livro, os *Mattos*, sob o n. 517 referindo-se a Dionizio Ferreira de Mattos e o n. 1282 referindo-se a Joaquim Taveira de Mattos. Isso reforçou uma hipótese *antiga* de que os Taveira e os Mattos possuem realmente uma ligação vinculando estes *indivíduos*, a terra e a fazenda que leva a uma outra indagação. Será que os Taveira e os Mattos deixaram o núcleo urbano principal de Sant´Anna das Antas por não pagarem impostos? Ou essa terra que é mencionada nestes documentos é o lugar onde está assentado o Distrito de Cerrado? Em outro documento encontrei os *doadores*, ou seja, algumas pessoas que estavam *vendendo* terra para João Batista Lemmes, em 1912, dentre eles também descobri um Taveira. (NERÓPOLIS: 1912-1956):

Terra – Gn Secretaria de Instrução de Terras e Obras.

Públicas de goIaaz.

Sellado neste, requerimento 8 1912 Moraes

Dizem os abaixo assinados habitantes e proprietários na povoação de campo alegre, mas conhecido pelo nome de cerrado que tendo cidadão Joao Baptista Lemmes requerido a mediação de um terreno \ em cuja limites compreende a referida povoação, vem respetivamente reforezentar a VEx a no entendo de ser respeitada na mediação que se tem diprosecer o patrimônio de quatro kilometros em torno da povoação com Cedido pela leis de terras em rigor V Ex bom avalie ou danno que causara os abaixo a SSGnado, e os municípios de annapolis

a mediação requerida desde de que não seja respeitada a disposição da lei citada; acrescentando mas que além desse terrendo fica um garnde canção de terreno em quantidade muito maior do que a comprada pelo mesmo senhor L Lemes conciu das esperito da justiça que arma V Ex a esperam as abaixos assegnado serem attendidos

Campo Alegre, 28 de julho de 1912

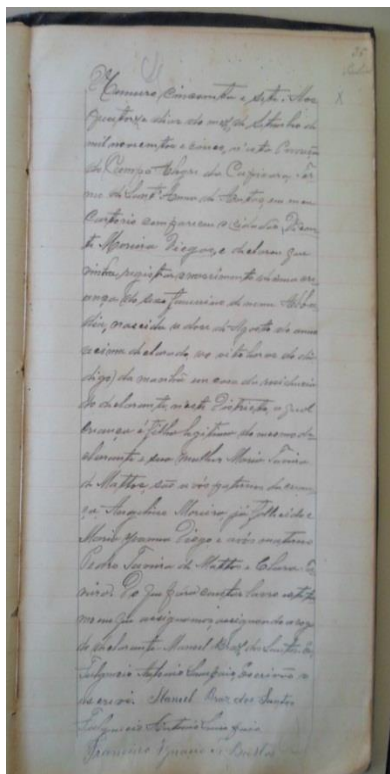
Antonio Pal- pozza, Jose mendes ribeiro, Isidorio jose de abreu, Joao rodrigues santos, Jose da costa gonçavez, Olipio gonçaves barros, Deonizio Taveiras de Mattos, Jose Pedro Fernandes, Francisco domingos de manceis, Ly ferino Martins de Moraes, Vando Perreira Martins, Joao Miguel Lego Mares, Joaquim Jones da Costa, Antonio Miguel de Godiro, Joao Diogo de Almeida, Jose Perreira Braga, Joao Lavras, Beneddito Vicente a no Pfra, Antonio Nunes Ribeirão, Manoel Miguel de Jades, Manoel rita dos santos, Benedite Goncalvez da costa, Benedito Sardinha de siqueira

Outros: (NERÓPOLIS, 1912- 1956, caixa única) (grifo nosso).

O abaixo assinado mostra um Taveira de Mattos, atestando a concessão da origem da demarcação de uma *terra*, de quatro quilômetros retirados do patrimônio original de Campo Alegre¹¹, que foi vendido pelo município de Anápolis para o senhor João Baptista Lemmes. Os Taveira de Mattos também estão presentes no livro de registro civil de Campo Alegre quando o cidadão Vicente, declara o nascimento de Abadia que nasceu na casa de sua mãe *Maria Taveira de Mattos* cujo avô materno é o senhor *Pedro Taveira de Mattos*, tal como está contido na figura 12.

¹¹ Os topônimos da Fazenda que deu origem a cidade de Nerópolis, oscilaram com o tempo entre. Fazenda Taveira, Povoação de Capivara, Campo Alegre, Distrito de Cerrado e cidade de Nerópolis.

Figura 12: Primeiro Livro de Registro Civil da povoação de Capivara Distrito de Cerrado ano 1904.



Texto Folha n ° 36 ano 1905 termo de nascimento e sete de setembro do mil novecentos e cinco nesta povoação de campo Alegre da Capivara[...]. Compareceu o cidadão Vicente e declarou nascimento determinada criança Abadia, nascida doze de agosto do mês declarado as oito horas da manhã na casa da mai do declarante neste distrito, ao geral criança é filha legítima do mesmo declarante e sua mulher. Maria Taveira de Mattos são avós paterno [...], e avós maternos Pedro Taveira de Mattos e Clara de Vieira.

Fonte: (trabalho de campo, 10/2014)

Esses relatos apresentam os Taveira do Distrito de Cerrado sob a sombra do sobrenome da família e da fazenda Taveira, agora também está associado ao sobrenome Mattos, embrionado o sobrenome *Taveira de Mattos*. Diante desta neblina biográfica sobre a Família Taveira, outra narrativa se faz necessária porque até este momento, conheci apenas o sobrenome, tarjado em alguns documentos.

Tais fatos revelaram serem insuficientes para poder conhecer os descendentes desta família, perante essa conjuntura de entre caminhos que recorro a DA MATTA (1994), que me auxilia nesta jornada onde busco encontrar e conhecer os descendentes dessa família na cidade. O autor me oferece as categorias indivíduo e pessoa como elementos que podem ajudar a fazer uma leitura social e concisa desta família, uma vez que tomo e apresento as duas categorias como um aporte para enquadrar os Taveiras encontrados, pois dentro de uma leitura sociológica, essas categorias são como os arquétipos que concebem o universo social, no qual todos os sujeitos estão inseridos e agem nele.

O *indivíduo* revela a igualdade em que esses sujeitos históricos da família Taveira estão embutidos e escondidos pelo tempo, a *pessoa*, já esclarece uma posição bem definida e conhecida, pois representa uma hierarquia e uma personalização do sujeito. Portanto, tento conhecer os Taveiras a partir de agora sobre o véu dessa leitura sociológica. Ao eleger o *indivíduo* e a *pessoa* para perceber o papel que os Taveira exercem neste lugar, uma vez que o sobrenome Taveira e Taveira de Mattos expressos em documentos antigos me levam a idealizar como esses sujeitos carregam este sobrenome como indivíduo. O indivíduo está contido e imerso na sociedade sob o habitus “jurídico, religioso, social e econômico, logo ele está preso a totalidade social a qual ele se vincula e complementa os outros (DA MATTA 1994 p. 220 - 227)”. Sem uma identidade própria, apenas representa e age como um membro de uma família, como o possuidor de uma fazenda e de toda a *história objetivada* de Bourdieu (1994) que está por de trás dele.

Realmente as categorias indivíduo e pessoa ajudam a definir “um universo social, dual composto, neste caso de uma vertente pessoal e outra individualizante na qual é preciso reconhecer que a vertente individualizante está entre nós “(...) pois, somente o sujeito frequenta as delegacias, as, filas, os tribunais (...)”. O segundo portanto se estabelece nas regras do “respeito” e da “honra” (DA MATTA, p. 235 b)”, sendo que o respeito e a honra servem entre outras coisas, para estabelecer gradações de prestígio e autoridade entre pessoas e família, fazendo aparecer a *identidade do sujeito*, para mim, a identidade de um Taveira.

Chego em um ponto crucial, que tem por objetivo, conhecer os descendentes da família Taveira do Distrito de Cerrado, porque esta fala de ordenar os Taveira em *indivíduos* de DA MATTA (1994), por assim dizer, seria uma fala de passos perdidos, uma vez que a intenção sempre foi conhecer o Taveira *pessoa*, ou seja a identidade desses sujeitos que certamente estão vivendo entre as ruas dessa cidade. Por esse motivo, sinto que estou caminhando em um *jardim inglês* cuja, a forma tenta a todo momento criar a sensação de estar, apreciando a natureza que está lá fora, na mata.

Produzindo uma visão idealista da natureza ao utilizar os elementos que estão presentes no espaço como os córregos, lagos crio caminhos desenhados por maciços de árvores, vigiados por estatuas e elementos arquitetônicos que aparecem no nosso campo de visão de surpresas no final da estrada formando alamedas com sebes e arbustos. A todo o momento tenho a sensação que vou conseguir encontrar um relato que leve aos

Taveira, mas, os relatos que tenho me levam sempre ao mesmo lugar, ao passado. O passado que está contido no tom amarelado dos documentos, no cheiro asfíxiante do mofo que eles exalam e no discurso fundador da fazenda.

Os caminhos que criei para chegar até eles foram ornamentados não por árvores e elementos arquitetônicos, mais por barreiras, limitações impostas pela fragilidade dos relatos sobre a família, se transformaram em *sedes*, tapume feito de vegetal que ora, oferece uma sombra fresca para descansar e refletir sobre o que está a diante, outra ora, da voz ao vento que bate nas suas folhas e galhos, gritando o nome daqueles que não encontro.

A sede é a muralha; a parede é o muro que cerca a trajetória dessa família, após, os fatos que estão expostos no discurso do IBGE e dos órgãos do governo do estado. Resta é continuar andando por entre essas alamedas, e conservar a busca pelos Taveira dando um passo de cada vez, desviando de obstáculos e criando meios para chegar até eles. Porque a “história começa ao rés do chão, com passos são eles o número, mas, um número que não constitui uma série. Não se pode contá-los pois cada unidade é qualitativa (...)” Certeau (1998, p. 163).

Certeau (1998) me consola, pois já não posso contar os passos e os obstáculos que transpus para chegar até este momento. Cada passo, cada não, são *pesos* que pago para poder conhecê-los, à medida que os pés marcam o chão os olhos miram no que está ao redor dando forma a cidade, e neste olhar e procurar o que está escondido por entre meio as ruas e avenida que vejo o nome *MATTOS*, dando nome a estabelecimentos comerciais expostos do lado direito da via da GO- 080. São galpões de beneficiamento de alho, fabrica de bolo e pão de queijo congelados e o mais expressivo dentre eles o *Moinho Mattos*, cuja forma circular dos seus silos me leva a pensar na fazenda. Nas fazendas goianas que sustentaram a vida dos moradores do Distrito de Cerrado, lembro dessa forma de ocupação porque apesar de estar expresso na placa de identificação que este é um moinho de *trigo*. O cheiro de milho seco protegido por essas latas gigantes extrapola os limites da propriedade e pode ser sentido pelas ruas que fazem guarda a esse *titãs* de aço. Estão em uma ascensão pelo poder no solo goiano, em uma luta épica

entre os silos e os *paços*¹² de outrora, mas que para alguns já está vencida entretanto ela continua silenciosa.

Apesar da imponência desta identidade “mitológica”, deste signo da agricultura moderna, foi uma pequena casa de tijolos a vista, assentada na Praça Felicidade no final do centro da cidade, o ponto geométrico do Distrito de Cerrado que me levou aos Mattos modernos. A casa da dona Zuca, na Rua Getúlio Artiaga. Mas, quem foi Getúlio, que esse nome tem a dizer?

Getúlio Artiaga (Goiás 2017), era um major da polícia e deputado estadual da cidade de Anápolis que exerceu mandato pelo Partido Social Democrático (PSD) de 1947-1951, também sede o nome ao plenário da Assembleia Legislativa do Estado de Goiás; sua mulher Berenice Teixeira Artiaga foi a primeira mulher a exercer o mandato de deputada estadual por Goiás, após o assassinato de Getúlio em pleno cargo de exercício do cargo, fatos que coincidem com a data de municipalização do distrito em 1949. O nome da rua me deixa atenta para o fato de que o centro velho da cidade mostra e esconde ao mesmo tempo as transformações que ocorreram nele entre ser distrito e se transformar em cidade.

A porta de entrada da casa virada para rua no limite entre a propriedade particular e a privada mostrando que essas telhas, tijolos e janelas estão neste lugar desde o tempo em que as casas eram *casa para a rua* quando se permitia ao morador viver a rua e ter a sua intimidade escondida nos quintais grandes e frutíferos, iguais aos que estão guardados por detrás das portas e janelas de madeira pintadas de tinta à óleo da cidade de Pirenópolis. Essa característica denuncia a ligação desta casa e dos seus donos com o patrimônio leigo do Distrito de Cerrado.

¹² Para (Corona e Lemos 1972), paiol lugar onde se põe ou assenta alguma coisa.

Figura 13: Casa Rural telhado de quatro águas



Fonte: trabalho de campo, (06/2015)

Cortando uma pequena praça que possui um canteiro em forma de triângulo onde estão assentados três bancos, um em cada ponta, coberto pela penumbra alegre de três pés de Jamelão, oferecidos àqueles que querem se refrescar a sua sombra como um convite para assentar e retomar a clareza. São uma espécie de *sargento de milícias* de uma caminhonete branca de cabine dupla, com tração nas quatro rodas, está todos os dias sob a sua guarda como um marco dá, voz a expressão de uma “modernidade” que os moradores da casa insistem em demonstrar todos os dias aos que passam pelas ruas denunciando que estão por aqui a bastante tempo. O mesmo vento que refresca o ar nesta parte do Cerrado também sopra ao ouvido, pois esta é uma cidade do tempo presente (PEREIRA 2009 p.02):

“Cidade de tempo presente” são àquelas que não são projetadas/planejadas/implantadas, aquelas em que a espessura temporal construiu-se paulatinamente, adensando ao longo dos anos os sentidos das paisagens, pois, como sabemos as cidades cuja espessura temporal atinge a longa duração recebem o nome de cidade

histórica para assinalar seu tempo longo e neste caso o espaço figura como marca e testemunho do tempo (Pereira,2009 p.02).

Essa parte da cidade abriga muitas casas que hoje, além de serem moradias, servem a outras funções. Essa característica deixa robusta a interpretação de que o distrito passou por mudanças ao longo do tempo. Mas, que essas mudanças são como camadas de um verniz que está sob a madeira e as telhas, das construções que estão espalhadas por aqui e não se deterioraram com o passar do tempo. Hoje a casa de telhado farto abriga um escritório de advocacia e parte da família *Mattos* que me aconselhou a procurar a matriarca da família, dona Gloria, pois, ela poderia das informações sobre os demais membros da família.

Aparecida Gloria de Mattos é a sócia majoritária das empresas Mattos, em Nerópolis; entretanto trago na memória apenas a figura de Dona Gloria que estava presente na minha infância. Ela vendia “manteiga de leite feita na fazenda”, um slogan despretensioso que ajudava a atrair clientes para o produto comercializado em sua casa, na Rua Anita Garibaldi.

Anita Garibaldi (Frazão 2017), mulher catarinense, de origem portuguesa, foi uma “heroína entre dois mundos”, recebeu esse título por ter participado de diversas batalhas no Brasil e na Itália, ao lado de seu marido Giuseppe Garibaldi. Lutou na Revolução Farroupilha (Guerra dos Farrapos), na Batalha dos Curitibanos e na Batalha de Gianicolo, na Itália. Em 1847, Anita acompanhou o marido, que voltou para Itália, levando seus três filhos. Giuseppe permaneceu em Roma onde aconteceram as primeiras manifestações públicas que resultou nas lutas pela unidade e independência da Itália. Anita e seus filhos seguem para Nice, na França. Depois de vários combates, Garibaldi viajou para Nice, onde encontrou-se com Anita, seus filhos e sua mãe. Em 1849, Garibaldi e Anita seguem para os combates em Roma, mas são perseguidos e durante a fuga, próximo a província de Ravenna, Anita foi acometida por febre tifoide e não resistiu.

A casa dela tinha paredes cinza e o chão de cimento queimado da cor vermelha que circulava a “boca” de uma cisterna na área. O tampo da cisterna servia de mesa e era forrado com um forro de plástico em tons de amarelo e marrom, estampavam riscos de frutas maçãs, mamão, uva e bananas. A manteiga da dona Gloria é *a melhor da*

cidade! É feita na fazenda! Além de ser dona de “fazenda” era secretária da escola na qual estudei.

Mesmo conhecendo dona Gloria de longa data, não foi possível estar com ela, mais uma vez a família *Taveira de Mattos*, não se mostrou interessada em conversar sobre a sua trajetória. Muitas vezes andar, pode ser um esforço até mesmo um pesar, em um dia desanimado, equivalendo-se a sensação produzida em Baudelaire quando estava flinando pelas vias francesas, mas, sem os floreios e a percepção do novo que Baudelaire de Walter Benjamin, sentiu ao olhar e perceber a vida por de traz dos espelhos das vitrines das *Maison de moda parisienses* ou pelo tarjado negro do terno que a fotografia aprisou lá do teto do prédio. Mesmo desanimada sigo, como Baudelaire, que “evidenciou um novo olhar que surgia entre a multidão: o flâneur. Aquele que, segundo Benjamin, “vê a cidade sem disfarces” (BENJAMIN, 2000, p.56). Cada passo trocado e tocado no chão, revive as minhas memórias neste lugar, e me fazem reviver o passado como criança, o presente como viajante e o *ego* do futuro, incerto, quanto ao desejo de encontrar os *Taveira*.

No meio desta trilha bifurcada de sim e não, chego até o lugar que foi moradia de uma Taveira, Albadia. Digo foi, porque Albadia Taveira não se encontra mais. No entanto, a sua trajetória, enquanto uma mulher da sociedade goiana de meado do século XX, ainda ecoa, na memória daqueles que conheceram e conviveram com ela no Lar São Vicente de Paula, o “asilo dos velhos”, mas, que no Distrito de Cerrado era o Centro Espirita Luz e Caridade que está posto na Rua Alan Kardec.

Assim como as vitrines revelaram a Baudelaire facetas da vida das damas francesas, os *nomes* das ruas do centro de Nerópolis- o Distrito de Cerrado são o meu flâneur. Considero-me a “alegorista da cidade, a detentora de todas as significações urbanas, do saber integral da cidade, do seu perto e do seu longe, do seu presente e do seu passado”. (ROUANET, 1992, p.50). Para reconhecer parte do passado que recorro aos nomes das ruas, e vislumbro o papel que cada personagem escrito nas placas de metal representa.

Com um senhor de passos lentos e corpo arqueado pelo tempo (SANTOS 2017), me acompanha na descida desta rua e conta quem foi Alan Kardec. O nome verdadeiro de Allan Kardec na realidade é Hippolyte Léon Denizard Rivail, um professor francês que nasceu em outubro de 1804 na cidade de Lyon. O professor

Rivailele adotou esse nome por dois motivos: primeiramente porque um espírito lhe disse que em outra vida, quando ambos eram colegas, Rivail chamava-se Allan Kardec. Além disso, Kardec adotou esse nome para separar suas obras didáticas e cotidianas, foram produzidas anteriormente, do seu material espírita. Na verdade, Allan Kardec foi o responsável pela codificação das Doutrinas Espíritas. *O Livro dos Espíritos*, livro base do espiritismo. Nos anos seguintes Allan Kardec produziu diversos livros importantes ao espiritismo, como *O Livro dos Médiuns*, *O Céu e o Inferno*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e outros.

Assim como, os velhos paulistanos de Ecléa Bossi moram em um asilo, Albadia também viveu seus últimos dias em um lugar como este; é inevitável não fazer a comparação entre a vida desta mulher e das personagens de “Memória e Sociedade Lembranças de Velhos (2003)” mais precisamente com *D. Brites*, as duas são moradoras de asilos, possuem semelhanças quanto ao berço da origem familiar, pois assim como Albadia, dona Brites é filha de fazendeiro da região de Pirapitinga em São Paulo. Entretanto, a história ou trajetória de vidas das duas se separam, acredito que neste momento, mas depois suas trajetórias voltam a ser semelhantes devido as suas vivências em um asilo. Brites relata a Bosi (2003):

Nasci na rua Antônia 51, 20 de setembro de 1903, às dez e cinco da manhã. Sou paulista, paulistana dos campos de Piratininga e sou garibaldiana; dia 20 de setembro é o dia que Garibaldi unificou a Itália e os bondes de São Paulo se embandeiraram todos. Eu dizia as irmãs menores que era para festejar meu aniversário. Em casa sempre se comentou política; a família sempre discutiu política. Éramos uma família de formação republicana (Bosi 2003 p.296- 303) (grifo nosso).

Brites morou em um casarão no bairro Tatuí na cidade de São Paulo, teve formação política em artes, esteve em contato como o *habitus* da sociedade paulista revolucionária dos anos de 1920. Tornou-se professora, participou da primeira votação feminina em 1934. Lembra-se, com entusiasmo, de vários momentos políticos importantes do período da república café com leite; era uma trabalhadora da cidade, dividiu apartamento com mais duas amigas de trabalho, pagava seu próprio aluguel, tocava a vida. Porém, dona Brites tece uma narrativa sobre a *mulher* e como ela está detida no *patriarcalismo* (BOSI 2003):

A mulher solteira não tem projeção social. Conhece uma senhora que dizia com muita graça: na escola social existe em primeiro lugar a

mulher casada, em segundo lugar a viúva, em terceiro lugar a desquitada, em quarto lugar a prostituta, em último lugar... a mulher solteirona. Nunca ninguém lembrou de escrever alguma coisa sobre uma mulher solteira que teve uma vida direita. Na vida fui esse ator que no teatro serve o cafezinho, oferece a bandeja, fecha a porta. Não diz nada. É o ator que entra calado e sai mudo (BOSI 2003 p, 362).

Por trás de palavras simples da mulher há o esboço das diferentes condições: ser casada, solteira ou prostituta. Dona Brites fez esse desabafo para exigir silenciosamente que alguém escrevesse sobre a mulher solteira e o seu papel na sociedade. Neste momento que ela reencontra *Albadia Taveira*, cada uma como protagonista da sua história individual, mas regidas pela conduta da sociedade patriarcal que dispõe da mulher enquanto um artefato objetificado socialmente.

Voltando para o sentido de morar e habitar, residir e viver em um lugar.

“O lugar geralmente é representado como sempre bom, um jeito de enfrentar as forças do mal dos lugares sem lugaridade. É importante lembrar que lugar pode ter um lado muito feio” (Relph 2012, p.26a). Feio no sentido de lugar que utilizo, que considera o entendimento da ausência do sentido de lar e pode ser tomado como um espaço habitado que abriga a família os conflitos, a alegria, contraditoriamente com a comunhão de uma mesma rede de afeto. “O lar é onde as raízes são mais profundas e mais fortes, onde se conhece e é conhecido pelos outros, onde se pertence. A ausência de lar pode nos levar a saudade (Relph 2012, p.24b)”. A ausência do lar e de tudo que ele representa como proteção, pertencimento, trabalho, poder e tantas outras coisas, estão embutidas na representação simbólica do lar, que pode levar a *saudade* e a *loucura* como aconteceu com Albadia Taveira.

Quem pode me contar quem foi Albadia Taveira? Walter Benjamim como o seu Narrador (1994), ajuda imensamente porque ele recupera a fala, a narrativa como uma fonte. Porque o narrador “retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorporada às coisas narradas a experiência de seres ouvintes (Benjamim 1994, p. 201a)”. Para conhecer os Taveira, a narrativa é o único patrimônio, uma vez que, apenas ela revela os passos de alguns membros dessa família, por isso, a fala assume o centro das atenções nesta viagem. A fala encena dois papéis com funções distintas, cujo protagonista não se desvela em nenhum ato, fica na coxia e deixa a peça dos Taveira acontecer. Internamente, sua tarefa é garantir os rodeios e

rodopios que escondem esta família. Externamente, sua tarefa é garantir espaço para o ouvinte perceber a visão de cada narrador nesta história. É nesta tarefa dual de ser narrador e o ouvinte que é oportuno lembrar Benjamim (1994)

(...) ela (a narrativa) tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária, essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática seja num provérbio ou norma de vida- de qualquer maneira, um narrador é um homem que sabe dar conselhos (BENJAMIM 1994, p.200b).

Nesta viagem desempenho dois papéis, uma hora sou ouvinte, outra hora narradora das histórias que ouvi, no decorrer de horas de diálogo, por isso convido os interlocutores do Distrito de Cerrado/ Setor Centro de Nerópolis, para ajudar a contá-las pois, “não se percebeu devidamente até agora que a relação ingênua entre o narrador e o ouvinte é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado (Benjamim 1994, p. 210c) (grifo nosso)”. Quero alertar que aqui, para o ouvinte, importo-me em registrar, mas para o narrador importa que se registre e se considere a memória da Família Taveira.

Estou caminhando pelas ruas do Centro- Distrito de Cerrado, acabo de atravessar a Praça da Igreja Matriz de São Benedito. Sento em um banco da Praça do Coreto após, fazer o sinal do pai nosso, sinal de respeito, em frente a nave da igreja. Estou sentada e sinto um cheiro de doce leite no ar, são 14h20 da tarde. Esse cheiro está vindo da Fábrica de Doces São Benedito, na Praça Felicidade, próximo ao Asilo São Vicente de Paula. Respiro fundo e sinto a paisagem de cidade do interior; cheiro de comida no ar, o canto dos pássaros nas árvores verdes, os buques de flores amarelo das árvores de folhas verdes e miúdas, que estão sob o chão da praça, sombreado pelas flores rochas das quaresmeiras. Continuo descendo, olhando, sentindo e observando. Cheguei no final da Rua Getúlio Artiaga, entro na Rua Alan Kardec. Está lá, por trás daquele muro verde e do portão marrom. Vou encontrar Albadia Taveira. Bato campainha e agora deixo a história acontecer. Chego no Centro Espirita Luz Caridade e Lar São Vicente de Paula e converso com a cozinheira do asilo, Maria Helena.

- Maria Helena: *Conheci Dona Albadia Taveira em outras terras, ela viveu na Cabeceira da Capivara, depois ela ficou em uma casinha sem condições de cuidar de si mesma. Trouxeram ela para o Lar São Vicente de Paula, onde ficou abrigada. Ela viveu com nós muitos anos e desencarnou aqui no Lar São Vicente.*

Segundo a diretora do Lar São Vicente de Paula, não existe registro de entrada de Albadia Taveira no lar. Albadia foi uma das primeiras pessoas a serem internadas lá. No início eles abrigavam pessoas “*doidas de pedra*”. Depois eles começaram a abrigar pessoas que viviam perdidas, moradores de rua, ou que *não tinham lugar para ir. Chegavam e iam ficando, não se elaborava registro dos moradores.*

Albadia Taveira recebeu abrigo na velhice, mas não de pessoas da sua família, os Taveira fundadores da cidade. No final da vida, Albadia contou com a ajuda de conhecidos de patrões que compadeceram da sua situação de mendicância, uma vez que ela estava em situação de rua, morando próximas ao centro. A família Gomes de Moraes levou Albadia para o Centro Espírita Luz e Caridade que desenvolvia trabalho com doentes mentais, e posteriormente passou a abrigar idosos “sem lar”.

Silva (2013) diz que as casas de filantropia surgiram devido ao abandono e ao estigma que rodeavam os portadores de lepra pois o Estado precisava “limpar as cidades” banindo a mendicância e a doença para longe dos aglomerados urbanos. Desta necessidade nasceram as casas de recolhimento de doentes mentais, leprosos e pobres das cidades. Esses estabelecimentos precisavam de licença do governo imperial para serem construídos, e normalmente, após sua edificação eram subordinados aos cuidados de, irmandades religiosas e tinham seu regimento por elas constituído. No século XIX, a política de construção de asilos se expandiu para as diversas províncias do país.

A informante do asilo, Maria Helena, continua a tecer o rosário...

“Os Gomes de Moraes que trouxe e abrigou ela no Lar São Vicente de Paula, onde ela conviveu aqui até seus últimos dias. E eu participei de todos os momentos dela, até inclusive quando ela desencarnou. A gente mandou arrumar direitinho. O Lar tomou conta, arrumou, levou e fez o sepultamento como se ela fosse da família Gomes de Moraes. Ela está enterrada em outro lugar porque na época, não tinha ainda uma ala arrumadinha para colocar os velhos daqui. Agora tem tudo arrumadinho os que não tem condições ficam tudo na ala do asilo, né?”

Figura 14: Registro de internação de idosos no Lar “São Vicente de Paula” / Centro Espirita “Lar, Luz e Caridade de Nerópolis”

REGISTRO DE INTERNAÇÃO DE IDOSOS NO LAR "São Vicente de Paula" DO CENTRO ESPÍRITA "Luz e Caridade - NERÓPOLIS - GO

NOME: Albádia Taveira de Mattos
 FILIAÇÃO: Antônio Taveira de Mattos
 DATA DE NASCIMENTO: 29 maio 1932 CIDADE: Nerópolis
 IDENTIDADE: 11843-841 CPF: 412.888.741-81
 N° ENSS: 106.123.456-7 SENHA: 1234 BANCO: Caixa
 AGÊNCIA: 0001 VALOR DA DOAÇÃO R\$: 100,00
 RESPONSÁVEL PELA INTERNAÇÃO: Albádia Taveira de Mattos

IDENTIDADE: - ENDEREÇO: -
 ESTADO: - TELEFONE PARA CONTATO: - CIDADE: -
 DATA DA INTERNAÇÃO: 1993 ESTADO DE SAÚDE: Boa
 (juntar atestado médico)
 MEDICAMENTOS DE USO: Insulina, Vit. B12, Vit. C, Vit. E, Vit. K
 HISTÓRICO DO INTERNO: Admitida em 1993, passou por tratamento de insulina e vitaminas. Não tem família, é interna a mais de trinta anos e não tem ninguém que a visite ou telefone.

NERÓPOLIS, 10 de Janeiro de 2007
 Diretor Presidente: [Assinatura]
 SAÍDA:
 DATA: 11-02-2011 MOTIVO: Falecimento
 RESPONSÁVEL PELA RETIRADA: Assinatura
 Assinatura: [Assinatura]

Registro de internação de idosos no Lar “São Vicente de Paula” - Do Centro Espirita “Lar Luz e Caridade – Nerópolis – GO.

Consta a data de Nascimento de Albádia Taveira de Mattos, no dia vinte de maio de 1932 na cidade de Nerópolis. A internação ocorreu no ano de 1993. O responsável pela sua internação não foi identificado. No histórico do interno temos os seguintes relatos: Não tem família, é interna a mais de trinta anos e não tem ninguém que a visite ou telefone.

Saída: Faleceu no dia onze de fevereiro de 2011. Responsável pelo sepultamento o Lar São Vicente de Paula.

Fonte: Registro de internação de idosos no Lar “São Vicente de Paula” - Do Centro Espirita “Lar e Caridade – Nerópolis – GO.

A situação de abandono de Albádia Taveira de Mattos fica expressa nessas poucas linhas escurecidas e guardadas em um livro de capa preta debaixo de uma pilha de arquivos, de registros de pessoas que foram para o *Lar* depois da sua chegada. Morreu sem ter contato com familiares. Apenas os irmãos de irmandade do lar espirita que a acolheram sabem falar sobre ela. A “caridade cabia amparo aos doentes e sepultamento aos mortos” (SILVA 2003, p. 09). A existência de Albádia neste plano carnal poderia ter se perdido para mim, neste momento da sua morte. Entretanto, parte da sua vivência na fazenda dos Gomes está retida em fragmentos da memória da caçula da família. A cozinheira do lar, que compartilha a suas memórias comigo. É da fala de dona Maria Helena que retiro argumentos para me juntar a Le Goff (1990) e faço uso da memória individual desta interlocutora para construir uma representação sobre a vida de

Albadia, numa tentativa humilde de diminuir este quadro escatológico que se apresenta de Albadia Taveira Mattos. Parto da ideia de (Le Goff 1990) que:

O termo 'escatologia' designa a doutrina dos fins últimos, isto é, o corpo de crenças relativas ao destino final do homem e do universo. Tem origem no termo grego, geralmente empregado no plural (...). Porém, alguns especialistas, nomeadamente teólogos e historiadores da religião, empregam-no no singular, 'o acontecimento final (...)' (Legoff 1990, p.281).

A morte de Albadia não pode servir como o ponto de partida e chegada de uma vida que entre estes dois momentos diacrônicos esteve recheada de vivência que certamente teve momento de sofrimento, alegrias, angústias, cansaço, leveza e alucinações como a vida de todos nós. Neste particular Le Goff (1990) me diz que a memória individual remete, em primeiro lugar, a um fenómeno individual e psicológico, que possibilita ao homem a utilização de impressões ou informações passadas. A memória individual dificilmente poderia ser compartilhada, mas enquanto fenómeno singular, ela seria passiva de transmissão, através da palavra. E através da palavra da fala que conheço outros paradigmas da vida de Albadia porque a memória é um varal infinito do qual puxamos apenas um fragmento de cada vez. Outra vez, Maria Helena diz:

“Ela foi uma pessoa conhecida pela família Gomes de Moraes que também é uma família pioneira, que é a minha família, sou filha de Acácio Gomes de Moraes que foi pioneiro também. Ela conviveu nas terras do Tio Neném Genuário, junto com as terras do meu pai, lá na Fazenda Gomes de Moraes. Abadia foi uma pessoa que viveu, criou seus filhos na Cabeceira da Capivara aqui em Nerópolis. Viveu nas terras do meu pai, ela trabalhou ajudando minha mãe fazendo farinha. Morou numa casinha muito humilde do tio Neném que é o pai do Romeu do Cartório. Ela morou num ranchinho lá. Numa casinha deles também. Ele também pode contar a história da Albadia.

(...) pausa

Ela viveu nunca casinha lá onde ela criou os três filhos. Teve uma filha também. Uma menina que morreu queimada, lá onde ela morava, na casa dela. Ela estava fritando banha de porco e a menina caiu dentro do tacho. Morreu queimada. Dizem que foi aí que ela começou a ficar louca. Os três filhos homens estão por aí. Todos os filhos foram saindo, ela teve quatro filhos... a menininha dela morreu queimada e os três filhos homens foram sumindo e deixaram ela pra trás. Os filhos dela se chamam José, Vicente e Antônio Taveira. Quando ela ainda morava nas

terras do me pai ela ainda tinha o Antônio que era colega dos meus irmãos.

Albadia assim como, muitas mulheres goianas que viviam da terra e na terra, trabalharam transformando os elementos em seus tachos, pilões e teares. Neste molar da vida que Albadia sentiu o gosto da morte e perdeu o equilíbrio da vida com a perda da sua filha. O desmantelamento deste ramo da família Taveira iniciou-se com este fato considerando que a presença paterna desta família não foi mencionada, não houve nenhum esclarecimento sobre o destino desta figura masculina. Sobressaiu a figura da mulher que é presente na música *Negro Drama* dos Racionais MCs que mostra a realidade da família tradicional brasileira, uma mulher com um filho nos braços.

Mano Brown cantor de rap, *goza* do título referendado, pelos sociólogos como um *sociólogo orgânico*, traça a jornada diária de uma vida negra, parda mestiça nas periferias de São Paulo, e retrata a vida de muitos mestiços soltos, espalhados pelo país, ao traçar a sua própria vida. Eu sou filha de um negro drama. Eu sou uma negra drama. Só que a nossa selva não é de concreto e aço. São as folhas e os cascos. Brown e Rock (1992):

Daria um filme. Uma negra. E uma criança nos braços. Solitária na floresta de concreto e aço. Veja. Olha outra vez. Um rosto na multidão. A multidão é um mostro. Sem rosto e coração. Ei, São Paulo. Terra de arranha céu. A garoa rasga a carne. É a torre de Babel. Família brasileira dois contra o mundo. Mãe solteira. De um promissor vagabundo. Luz, câmera ação. Gravando a cena vai. Um bastardo. Mais filho pardo sem pai (...). Ei, senhor de engenho. Eu sei bem quem é você. Sozinho você num guenta. Cê num entra a pé (Brown e Rock 1992) (grifo nosso).

Transmutando o espaço-temporal entre dona Ana, da música de Mano Brown e Albadia Taveira, a multidão é um monstro sem rosto e coração. A multidão é o monstro o fantasma de Albadia; é o tempo que a deixou sem rosto e sem coração. Coração foi plantado os afetos-mal ditos, através do abandono da sua família e da sociedade.

Assim como lá, o IBGE também passou aqui uma vez. E nunca mais voltou. Quem é essa mulher Taveira? Porque ela terminou a vida sem poses, sem-terra? Ninguém apresenta resposta para isso, resta é confabular. *Senhor de engenho eu sei bem quem é você*; você é o fazendeiro de gado, da roça de milho, do campo de arroz, dos pés

de café. *Sozinho você num guenta*; Fazer da mata virar terra, fazenda. Cê num entra em pé; você não entra sozinho, chega com cavalos, tochas e retira a dona, sem rodeios do seu caminho. Essa é a cena do filme de muitas mulheres brasileiras, tem seu script formatado no *patriarcalismo*. Cravou as garras na formação e na estrutura da família, para proteger a terra e a pose. Com efeito, da afirmação, Alves (2009) rasga a máscara da sociedade e fala sobre a posição dessa mulher:

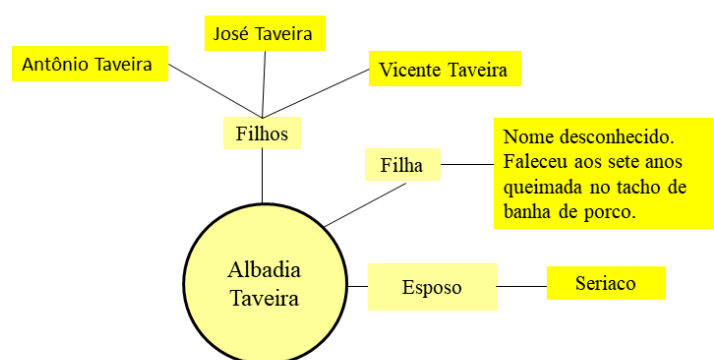
Quem era o grande senhor rural proprietário de terras incomensuráveis, onde se plantavam as bases da economia brasileira: café, cacau, cana-de-açúcar e outras grandes lavouras. Não havia comunidades sólidas, sindicatos, clubes ou outros órgãos que congregassem pessoas de interesses similares. A grande família patriarcal ocupava todos esses espaços. (...) Percebe, Então que a família patriarcal era o mundo do homem por excelência. Crianças e mulheres não passavam de seres insignificantes e amedrontados, cuja maior aspiração era as boas graças do patriarca. A situação de mando masculino era de tal natureza que os varões não conheciam se quer a autoridade dos padres. Assistiam a missa sem a menor manifestação daquela humildade cristã do crente (própria alias das mulheres), assumindo sempre ares de proprietário da capela, protetor da religião, bom contribuinte (ALVES 2009, p. 3-5).

O mundo de Albadia Taveira era este. Em uma sociedade regida pela religião e pela terra quem vai contra os mandos do “*senhor*”, uma mulher com três filhos nos braços que viveu em terras alheias na fazenda dos Gomes e na Cabeceira da Capivara, as duas fazem parte do rol das primeiras fazendas do Distrito de Cerrado. Não viveu nas terras dos Taveiras; deles o que acompanhou Albadia foi o sobrenome passado aos seus filhos. Fala de novo, Maria Helena:

Eu só tenho, só coisa boa pra falar dela eu era pequena ainda, mas disseram que ela me pegava no colo. Eu era a caçula da família então não tem como eu falar muita coisa anterior porque eu só vim a dedicar a ela aqui no lar. E ela dizia que quando ela saísse daqui eu ia com ela. Para mim não ficar cozinhando pra esse monte de homem aqui não. Ela tinha ciúmes de mim!

Figura 15: Constituição da Família de Albadia Taveira.

Constituição da Família Taveira



Fonte: Mônica Santos (trabalho de campo, 10/2015)

Mas o que é a história? Porque até este momento, devo admitir que estou “caçando” a história dos Taveira, sentido igual ao viajante do conto de Hugo de Carvalho Ramos *A beira do pouso*, quando escreve à Mario de Alencar e conta como ele passa as noites aqui no sertão goiano. Ouvindo as histórias que os hóspedes do pouso contam a beira da fogueira, tomando, goles de pinga para se esquentar, sob a luz da lua cheia no inverso do Cerrado. E narra a fala do matador, Aleixo, um mestiço negro, teimoso, brigão, violento e bom de pinga que estava a caminho de Santa Leopoldina para dar cabo de um sujeito que se chamava Zé.

O viajante ouve a fala de Aleixo e sente admiração e medo pelas histórias que são contadas daquele lugar, porque no fundo, ou seja, no devaneio criativo do autor, as histórias narradas em tropas e boiadas, contam o cotidiano daqueles que viviam no sertão goiano. Nelas estão expressas a violência, a honra, a conduta moral, a maldade social, a castidade feminina, a religião, as formas de trabalho e tantos outros comportamentos sociais que estavam presentes na vida de quem vivia em Goiás nos anos de 1920.

No conto o próprio Aleixo narra a sua história de vida como se fosse uma ficção. Todavia, os fatos que são descritos por Aleixo; a perseguição, os assassinatos, as cavalgadas, aconteceram de verdade, em um dos seus dias de trabalho como matador por esse motivo, surgem as emoções medo e admiração, por aqueles que viviam no chão goiano (Ramos 2017):

Contavam casos. Histórias deslembadas do sertão, que aquela lua acinzentada e friorenta de inverno, envolta em brumas, lá do céu triste e carregado, insuflava perfeita verossimilhança e vida animada. O silêncio – pesado – restabelecera-se debaixo da impressão sinistra daquela narrativa; e o Aleixo – um caburé truculento amigo da boa pinga e freqüentemente mudando de patrão pelo seu gênio teimoso e arreliado, – puxando para si o cuité fumegante de congonha e chupitando uma golada, começou então assim: – Naquele tempo viajava eu escoteiro, no meu jaguané de fama, por estas estradas da minha terra; isso, noitão cerrado e vésperas da Paixão. Manhãzinha, Deus servido, devia bater em Santa Rita pra negócio de precisão e a lua só pela madrugada despontaria. Marchava apressado, tendo a cortar todo um estirão de oito léguas bem puxadas para alcançar o arraial. (...) “– Naturalmente soldados em diligência para Santa Leopoldina –, calculei. Num claro de mato, achegando o animal, vi perfeitamente: eram dois negros acurvados, num andar ora lento, ora apressado, que levavam ao ombro uma rede de defunto. Cravei as esporas no meu bicho pra ganhar a dianteira – que eu não arreceio um cabra de maus fígados, mas tenho uma ojeriza dos diabos a tudo que me cheira defunto; e isso, desde aquela estopada onde o Policarpo viu que um jacaré não sai à toa da baina e que eu, apesar de simples camarada, não guardo desfeita para depois. (...) “– Olá – gritei. – Param vocês aí com o defunto e abram-me passagem. – Os carregadores nem pio, antes continuaram, arremedando, a correr duro, vergados sob o varão, cabisbaixos e macambúzios. (...) Noutro claro, porém, lá tornei a enxergar os dois pretos condutores, arqueados e silenciosos debaixo da carga maldita. Iam depressa, tanto como o meu punha. O carreiro apertava, aprofundando-se; não tinha por onde atalhar. Demais, um travo de zanga subia-me à garganta. (...) “– Eu lhes amostrarei, canalhas; estão caçoando comigo, seus bêbados, pois esperam aí. – Vareei o meu bicho nas chilenas e ele disparou à toda, que o terreno era um seu tico movediço, mas o animal, apesar de cansado, era de fiança.” – E pegou-os? (...) Qual o quê, seu Zé; os demônios abriram numa carreira de curupira, a fazer mais estrépito que o casco do meu bicho! Assim andamos bom pedaço, o carreiro mais estreito e solapado, o arvoredado mais fechado e carrancudo, o sítio mais escuro (RAMOS 1920 p.22) grifo nosso.

Revisitei este conto porque o viajante entra na vida das pessoas que estão contidas nas narrativas que o personagem, o narrador, conta. Nele, seus personagens fazem parte de uma espécie de conto fantástico, onde o narrador revela fatos da sua vida real, mascarado pelo delírio que a narrativa impõe aos poetas que trovam sobre a vida.

Desta maneira quando ouço este e os demais contos de Tropas e Boiadas sou levada a confundir o imaginário do autor com a realidade, porque as narrativas de cada personagem cria um roteiro embasado nos acontecimentos da vida cotidiana. O autor por sua vez, seleciona temas como violência, morte, fé, tropeirismo, casamento e trabalho e cria enredo para histórias que, para o viajante eram fantásticas e ao mesmo tempo, primitivas, pois os comportamentos sociais retratados destoavam do comportamento social que era esperado para os homens de bem, com desenvoltura social como os do litoral.

Ouvir os contos de Ramos é conhecer parte da história daqueles que viveram em Goiás em um tempo diferente. Mas, o que é a história afinal, a não ser a memória coletiva científicada? Le Goff no livro *História e Memória* (1996) ilumina o caminho com lamparinas, iguais às do vôo de vagalumes em uma noite quente de inverno. Em um leve ruído diz que a história é a memória coletiva científicada que se transforma em duas *matérias* que escondem o processo ao qual elas se transformaram de simples narrativas para objetos de “memória” que são o monumento e o documento.

Os monumentos, para Le Goff (1996 p.532), são heranças do passado que remetem a raiz, a “memória” que faz recordar. O documento é a escolha do pesquisador que advém de ensinar e evolui para o significado de prova. Mas o que ainda procuro nesta dita história oficial é a memória coletiva, documentada pela jurisprudência da sociedade organizada, que formata um retrato sobre a sua própria história. Onde, de fato, o que sobrevive e resiste ao tempo, não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas o resultado de uma escolha efetuada quer seja pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo, e da humanidade, ou pelos que se dedicam a ciência do passado e do tempo que passa. Será que os Taveira estão apenas na memória de alguns moradores e a história não interessou por essas trajetórias?

O tempo passa para as instituições que formatam a memória. O tempo passa para aqueles que a criam e reproduz. Os Taveira estão na memória coletiva da cidade de Nerópolis, dentro da redoma da ausência. Ausência de terras, de reconhecimento social de poder político, de poder econômico e tantas outras coisas que fica impossível de mencionar nestas linhas que são tão breves. Na memória individual de raras pessoas que eles pisam no silêncio que circundam a vida da família e rompem o casulo e se mostram, aos poucos e devagar. Na memória individual de dona Maria Helena pode ter

acesso a trajetória de Albadia Taveira, e nos desencontros desta fala tive indicações que leva a outro Taveira. Lembro que a memória individual que para Halbwachs (1993, p. 291) “pode ser entendida como ponto de convergência de diferentes influências sociais e com uma forma particular de organizar as mesmas”. A memória individual é repositório de lembranças que se identificam e se organizam em cada indivíduo de maneira própria e singular. A memória individual de um sujeito é diferente da memória individual dos seus pares, porque cada um vai priorizar o que lhe parece mais importante. Porém, a memória individual não é produzida isoladamente fechada. “Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo as lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem, fora dele e que são fixados pela sociedade (Halbwachs 1990, p. 36)”. Desta forma que a memória de dona Maria Helena se lançou no passado e deu indicações sobre onde procurar os Taveiras, as terras em que Albadia morou antes de ir para o asilo e que são de propriedade do dono de cartório de notas e ofício que lançou as pedras que calçaram o caminho até o Amarildo, outro Taveira. Os Taveiras e os Cartórios sempre estão juntos, lado a lado.

Leitor, você não pode acreditar? Procurei tanto um Taveira e= e o Taveira que tanto procurei é uma pessoa que conheço há tempos, desde a infância, cujo codinome é “B.A.”, e que trabalha como segurança de um ex-prefeito, pai de santo, dono de terras e de um centro espírita, entre outras posses: Wilmar Teixeira.

O B.A, Amarildo. È um Taveira. Poderia apresentá-lo para vocês, mais tenho a confiança de que não serei fiel em narrar uma *aproximação* – *uma apresentação*, da persona dele. Posso deixar faltar vários elementos que compõe o imaginário sobre a pessoa do B.A., devido a um pudor, e a uma certa desvalorização de fatos que conheço, que envolvem a sua persona, ou seja, o papel social do personagem vivido e legado ao B.A. que agora é o Amarildo Taveira. Utilizo as palavras de um passageiro da linha do ônibus 581 Nerópolis/Goiânia, para apresentar o B.A.- um Taveira - o Amarildo Taveira.

No dia 17 de abril de 2017, estava em outra viagem ônibus de Nerópolis para Goiânia. Eram umas 16h; Peguei o “carro” das 16:00. Duas mulheres acenam na estrada, o ônibus para, em frente da porteira da Fazenda dos Castros, aquela de cerca branca e azul, sabe?, que têm um aeroporto para avião bimotor. Logo ali, depois do

Distrito de Guardianópolis, terra do Wilmar Teixeira. Elas entraram e sentaram no banco que fica atrás da primeira porta de desembarque de passageiros. Usavam roupas simples, típicas de trabalhadoras que estavam saindo do trabalho, calça jeans surrada, cuja aparência não escondia o desgaste do tempo naqueles trajes de trabalho; uma delas estava usando uma blusa de alça rolete, cor amarelo manga; a outra usava uma camiseta feminina no tom de branco que não esconde o contato constante com a poeira vermelha desse chão.

Olho para seus pés delas. É uma ação involuntária. Olhar o pés das pessoas, como se busca certificar “com quem estou falando” é costume social que Fernandes (2008) certa vez explicou em como este comportamento é um *habitus social do brasileiro* que busca identificar o outro olhando os pés e o tipo de sapato que ele está calçado ou a falta dele. Nada mais é, do que tentar encontrar resposta para a pergunta; *Com quem estou falando*¹³? Nesse momento estou falando sozinha, falando com a observação. Isso é etnografia. Local onde se cria e se reproduz uma apropriação de um status de superioridade ou de igualdade, entre um sujeito e o outro. Esse comportamento está arraigado e enraizado em nós desde os tempos da primeira república com o final da escravidão negra e com a imigração estrangeira intensa, que o sudeste do país foi alvo. Era uma forma de identificar socialmente – quem era descendente ex-escravo, migrantes brancos pobres, brancos ricos, dentro dessa ciranda quem tinha os calçados e as roupas mais alinhados com o costume da classe alta que estava em uma posição hierárquica dentro da sociedade.

Elas sentaram, lançaram as bolsas que estavam segurando no colo começaram a conversar. Eu estava sentada no banco destinado a cadeirante. À frente delas. Chegando à vendinha, entrou um homem barrigudo de cabelos negros, camisa amarela clarinha, calça jeans e uma botina preta envernizada, estilo *Odilon*, mas empoeira. Passou a catraca e começou a caminhar em direção as mulheres. O sujeito é um falastrão e começou a conversar com elas:

(Homem) - *Eu fui lá ver o trabalho.*

¹³ Robert da Matta utiliza essa pergunta: Com você está falando? Para retratar a forma como a classe social dominante do país, utiliza-se do parentesco e da proximidade como uma família tem prestígio social e econômico para burlar as leis e se colocar em nível superior perante a classe inferiorizada, seja pelo tipo trabalho que exerce ou pela falta de uma parentesco com “famílias tradicionais”, por assim dizer.

(Mulheres)- Você falou com ele? Foi na fazenda?

(Homem) - Não! Fui não! Fui na casa dele.

(Mulheres) Conseguiu?

(Homem) Não. Quando cheguei lá eles já tinha arrumado uma pessoa, para trabalhar na fazenda. Que pena, viu. Era um salário mínimo e meio, livre da casa, cesta básica. Para trabalhar de quarta-feira a domingo. Ah! Tem carro para levar os meninos para escola. Quem trabalha lá, se tiver menino, tem que ir para a escola. O homem deixa carro lá para fazer isso. Se tiverem menino tem que ir para a escola. Ia ser bom eu e a mulher com salário desses, livre. Ia arrumar a vida.

(Mulheres) Eh! Mas, apareceu outro...

As mulheres voltaram para a conversa particular delas e o homem do degrau da porta, continuou: “Olha, só para você vê. Como as coisas são. Fui lá na casa dele na cidade. Bati a campainha quem atendeu foi o segurança dele. Um negro, o mais velho, não é novo, não”.

Foi aí que eu pensei: “Ele está falando do B.A., segurança do Wilmar Teixeira, dono de fazenda que tem dois seguranças negros. Está falando do B.A!”

E o moço continua: “O povo fala demais. Fala que ele é bravo, que é isso, é aquilo. O cara é super gente boa, educado. Abriu o portão para mim. Me chamou para conversar na mesa lá da área da cozinha. Me explicou que a vaga já tinha sido preenchida. O cara é só coração. Só porque ele tem aquela cara fechada, nada a ver, precisa ver a voz mansa que ele tem. Educado demais. Gente boa até!”

O Amarildo é um homem negro, corpulento que tem uma feição serena, é uma pessoa de poucas palavras, mais de uma fala com um tom de profunda delicadeza. Ganhou este apelido no final dos anos de 1980, quando começou a trabalhar com a família Teixeira devido, a semelhança dele como o fenótipo de um personagem negro da série *Esquadra Classe A*. Na série o personagem B.A., “Baracus”, é um negro ex-comandante do exército estadunidense que se torna um mercenário juntamente com os outros soldados que formavam o esquadrão que ele fazia parte. Apesar de o personagem ser grande, musculoso e ter cara de bravo, era educado e gentil para com as pessoas, comungava da mesma fé de *Muhammad Ali*.

Enquanto eu ouvia e olhava a conversa deles uma coisa chamou a atenção e ficou martelando na cabeça, o enredo em que ele foi representado *negro, violência e a fofoca*. Não consigo pensar no Amarildo Taveira como (indivíduo de Da Matta), mas, como B.A. que cumprimento na rua, na feira, na vida, que essas calçadas sustentam. Neste momento não sou capaz de juntar a imagem do B.A. como a memória que construí da família Taveira. O B.A., Amarildo, um Taveira, são três imagens que não convertem em apenas uma, pois é difícil dizer, B.A. Amarildo Taveira, sem dar uma pausa na fala para poder acrescentar o sobrenome.

Caminho, caminho no sol. Trabalho de campo. Saio do Centro de Nerópolis, antigo Distrito de Cerrado e passo pelo setor São Paulo. Tomo um copo de água, pego uma sobrinha e vou andando para o povoado de Guardianópolis que se tornou um setor recentemente. Vou conversar com o B.A., o Amarildo Taveira. O povoado de Guardianópolis tem o seu *patrimônio religioso* ligado ao Centro Espirita Trabalho e Progresso na Fazenda Guardianópolis, na saída para Goiânia. O mentor do centro é o Wilmar Teixeira. O pai de Wilmar era Guardiã Teixeira, fundador do centro espírita, que recebia pessoas como enfermidades físicas e psicológicas para tratamento mediúnicos. O filho, Wilmar Teixeira, é o herdeiro desta história objetivada, fazendeiro e médium. Divaga com Bourdieu, sobre a história objetivada ao dizer que são:

(...) ações que apresentam-se como uma espécie de cerimonia por meio dos quais o agentes desempenham papéis esperados, e passam a constituir o personagem social, que dele se espera e que eles esperam de se próprios (vocaçao) construída pela consciência imediata-da do Habitus (Bourdieu1992, p.82)”.

Enquanto caminho por esse chão negro marcado por longas faixas brancas, a GO 080, penso nos Taveira de hoje e várias perguntas vão surgindo sobretudo uma: cadê as terras? Por que ninguém sabe que ele é um membro da família que fundou a cidade? Nerópolis é uma cidade pequena, lugar em que se sabe de “quase tudo, de todos”. A história do B.A. é diferente das histórias que conheço sobre os herdeiros de fazenda daqui. Os Teixeira são um exemplo desta continuidade da vocação em lidar com a terra, foram e são donos de terra na cidade assim como outros herdeiros.

O Teixeira é herdeiro da história objetivada do pai Floriano Teixeira que passou para o filho que tem mediunidade e, é fazendeiro; seu filho é médico psiquiatra e dono de uma clínica de psiquiatria na Fazenda Macaúba que é posse do filho caçula.

Dedicada a trabalho de desintoxicação e acompanhamento psiquiátrico, envolvendo a junção da fé espírita com a tal psicanálise freudiana.

Vem daí a necessidade de proteção que circunda a família Teixeira, pois, como guardiões dessa história objetivada de médium, fazendeiro e político locais e todas implicações que essa posição pode acarretar faz com que a família tenha “seguranças”. O B.A., o Amarildo Taveira, é segurança desta família, desde o final dos anos de 1980. Além de segurança é uma espécie de gerente da casa, um mordomo, uma governanta que acompanha os Teixeira nas compras na feira de domingo ou de quarta-feira, na padaria, no supermercado, no restaurante, quando o mesmo não realiza estas tarefas sozinho.

Cheguei de frente da entrada do Guardianópolis, a Placa do Centro Espírita Trabalho e Progresso lembra que hoje é quarta feira, portanto, dia de atendimento no centro. Decidi fazer um contato abrupto, vir ao trabalho dele para conversarmos, devido a sua relutância em me receber na sua casa. Porque neste encontro ele quer ter em suas mãos a posse da certidão de casamento da avó, para atestar legalmente que é um **Taveira**.

Entro na via que dá acesso a praça do povoado que é uma estrada de mão única que vira uma espécie de rotatória em volta de três pés de manga. Do lado direito há duas casas, uma grande com uma varanda que cobre toda a frente, o prédio parece uma casa para colonos como portas e janelas enfileiradas uma atrás da outra, denunciando que tem muitos cômodos. A casa que ele está também é protegida por uma área grande cercada por muretas e pilastras. A casa que abriga o *centro*, em si, fica do outro lado da praça, mais *escondida*, próximo do Ribeirão Capivara que passa no fundo da propriedade.

O patrimônio religioso original está intacto, foi preservado assim como, as atividades do centro, cinco casas são guardiãs daquela em que o *centro funciona*; são duas casas de telhado de *quatro águas* e três de *duas águas* formando uma espécie de corredor que vigia quem sem aproxima da casa da fraternidade branca. Há carros, espalhados de baixo das sombras dos pés de manga e ingá que estão espalhados pelo pátio da praça do povoado de Guardianópolis. A primeira imagem que vejo, ao entrar na tesouraria, lugar onde o Amarildo está, é de um homem por volta dos seus cinquenta e

cinco anos, negro, trabalhador, protegido por grades, lidando com dinheiro e remédios fitoterápicos, encomendado pelo *operador* do centro.

Depois de um breve cumprimento, começamos a conversar, Amarildo começa a soprar parte da neblina que encobre a trajetória da família *Taveira de Nerópolis*. Digo parte porque este foi um encontro rápido, serviu apenas para romper com a distância imposta pela exigência, dele de apresentar um documento *oficial* para comprovar a sua descendência com *Taveira*.

O Amarildo é negro, mas não é possível perceber traços que identificam a descendência negra em Albadia Taveira nem tão pouco nos outros Taveiras de Mattos que andam pela cidade. Comecei a entender porque era tão importante para ele conversar comigo, apenas quando estivesse de posse da *certidão de casamento* da avó materna, e atestar legalmente que ele é um Taveira, membro da família que fundou a cidade. Em sua fala a questão do documento reaparece:

“Eu quis conversar com você só depois que eu conseguisse ir na roça. Lá na minha tia pegar a certidão de casamento da minha avó, mãe da minha mãe. Lá está escrito direitinho que ela é uma Taveira, meu vô era um Taveira. Só que eu estou muito ocupado agora. Aconteceram uns problemas. Ih! Ainda nessa semana. Minha tia estava passando mal. Está doente. Tive que ir as presas lá, ver ela, ajudar. Ela não tinha condições de procurar a certidão. A minha mulher vai me ajudar a procurar. Mais ai! Tem que ir lá com calma. Para procurar. Tem coisa demais. Casa de gente velha, você sabe como é! É uma trenheira. Deve estar dentro de uma caixa daquelas, caixa de madeira. Tem que ter é tempo para fazer isso. Você não quer esperar eu encontrar a certidão para a gente conversar?”

A reluta do Amarildo para conversar comigo pode levar a muitas interpretações. O receio dele em falar com uma desconhecida¹⁴ sobre a sua família está diretamente ligado a representação social que os Taveira tem na cidade de Nerópolis e a sua condição, homem negro e empregado de uma família influente econômica e politicamente na cidade. Estar de posse daquele papel dava a ele o respaldo para

¹⁴ Até este dia tinha falado com o B.A apenas por telefonemas. Identifiquei como uma aluna da universidade que mora na cidade de Nerópolis e estava fazendo trabalho sobre a família e a Fazenda Taveira. Não consegui me reconhecer pela descrição que havia feito pelo telefone. Quando cumprimentei ele e falei o motivo de ter ido importuna-lo, no trabalho, ficou surpreso e mais solícito. Bem que na verdade ele sempre se mostrou interessado em participar do trabalho, mais queria ter um documento oficial que atesta-se que ele é membro da família Taveira.

reivindicar, com notoriedade, o reconhecimento de que ele é membro da família que fundou a cidade a partir da sua fazenda.

Em um primeiro momento não entendi porque o Amarildo não quis conversar comigo sem ter em mãos a certidão de casamento da avó, atestando, comprovando que ele é um *Taveira*. É um homem honrado, dentro dos paradigmas que a sociedade diz sobre a honra camponês; um homem trabalhador, que respeita as pessoas e é cordial. Nunca ouvi dizer que ele esteve envolvido em alguma confusão, todos falam coisas boas sobre ele, as mesmas que enumerei a cima. “*O negão, aí é gente boa! Não faz mal nem para os cachorros da rua. Ih! Ele cumprimenta, até os cachorros da rua*”. Não consigo compreender essa reluta. Fui conversar com ele como “uma igual” – como uma moradora da cidade, está buscando conhecer a trajetória da família fundadora de Nerópolis. Eu precisava da ajuda dele.

A medida que iam falando, andando, empacotando os remédios, contando dinheiro, fazendo troco, orientando os pacientes do centro e conversando comigo entre as brechas, os intervalos dessas atividades. Fiquei pensativa, pois, este é um homem igual a mim, igual a tantos outros que tem por aqui, veio de uma família que tinha terra e agora não tem mais.

Mas, o porquê, desta resistência, dessa necessidade de apresentar um documento?

Fernandes (2008) no seu conhecimento sobre o pensamento social brasileiro começa a me dizer que: “A cor distingui a posição e a estrutura social do homem, essa lógica odiosa, é uma herança do período escravagista do país. Se reportar a este período: a cor branca da pele dentre tantas outras coisas, era um “*distintivo de nobreza*”, da superioridade social e moral. Segundo as ideias daquele tempo, ter a pele branca, provir de sangue europeu, e não ter mescla com as “raças inferiores”, principalmente negra, era, o mesmo que fazer parte da nobreza”. Pelo simples fato da cor, mesmo se fosse pobre, Amarildo e eu não somos brancos. Fernandes (2008) complementa essa visão retrógrada mais presente no meu cotidiano ao dizer que

A cor foi, selecionada como a marca racial que serviria para identificar socialmente os negros e os mestiços. Ela passou a ser um símbolo de posição social, um posto de referência imediatamente visível e inelutável, através do qual se poderia presumir a situação de indivíduos isolados. Como “sócios” e pessoas, tanto quanto definir o destino de uma raça. Neste sentido, pode-se afirmar que a cor transparecia na “anatomia” da sociedade escravocrata de

São Paulo, mas, ainda intervinha, dinamicamente na sua “fisiologia”. De um lado ela permitiu distinguir os indivíduos, por meio de caracteres exteriores, e acordo com sua posição na estrutura social. De outro, funcionava como um núcleo de condensação e de atividade da ordem vigente. Pensamos assim, que não foi por acaso que a cor foi selecionada, cultural e socialmente, como uma marca social (FERNANDES 2008, p. 95) (grifo nosso).

Atentar ou considerar o gradiente da cor negra como um proibitivo para se falar de certos assuntos ou estar em certos lugares, não chega a ser uma novidade. Mesmo morando em uma cidade pequena do interior de Goiás o preconceito quanto a distinção de cor não refuta em mostrar a sua cara, e nos coloca diante de inúmeras situações em que essa característica foi determinante para denegrir a figura social de uma pessoa na feira, na loja, na igreja, na escola, no mercado. O preconceito da cor é uma partitura que entoa canções de terror por todo o país.

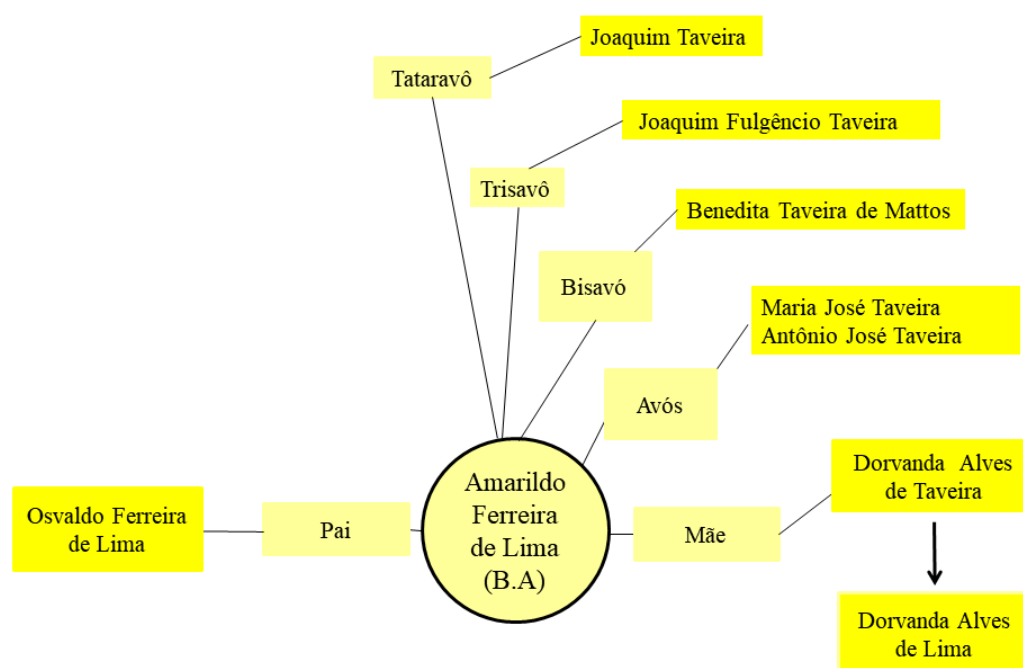
A este respeito, Amarildo, o B.A. começa a abrir a mala de mão sobre o silenciamento dos Taveiras.

O Wilmar me levou uma vez na casa de um amigo do pai dele. Já era velhinho, ele conhecia eles. O Wilmar até brincou, falou assim: “O senhor sabe quem ele? É um Taveira”. O senhor não está reconhecendo não. Ele disse não. É porque ele é negão, né? (Risos). Ele me falou: Mas, os Taveiras eram brancos, loiros, dos olhos claros. Ele não se parece como eles... e ficou sorrindo. Ai ele disse: “Eu não me pareço com eles porque sou negão (risos), minha mãe casou com um negão”. Meu pai era Baiano. A dona Dorvanda casou com negão! Quando ela se casou com ele, ela perdeu o nome Taveira. Ficou com o nome de casada Dorvanda Alves de Taveira era virou Dorvanda Alves de Lima. Eu também sou Lima. Amarildo Alves de Lima. Mais a minha avó era uma Taveira e minha mãe também.

A filiação do Amarildo na Família Taveira, se colocado dentro do prisma de descendência direta, é o trineto de Fulgêncio Taveira o primogênito do fundador Joaquim Taveira com mostra a árvore genealógica na figura 15 abaixo:

Figura 16: Constituição da Família Taveira: B.A Amarildo Taveira

Constituição da Família Taveira



Fonte: Elaborada de fragmento trabalho de Campo.

Posso ficar cruzando entre as linhas desta árvore genealógica para chegar a uma conclusão óbvia. Ele é o descendente direto do primeiro Taveira, o Joaquim, neto de Fulgêncio Taveira, no entanto, o gradiente casamento usurpou o nome que lhe daria o *status* de descendente. Corroborar ainda mais, para a afirmação de que a cor e a posição da mulher dentro da formação social categoriza as pessoas tirando delas direitos e reconhecimento social. A este respeito recorro novamente a Fernandes (2008) para entender como este pensamento se dá na prática, ou seja, “dentro” do campo de vivência. “(...) a discriminação surge sob a forma de restrições mais ou menos severas à atividade social ou mesmo a atividade profissional. (Fernandes 2008, p. 169).”

O preconceito da cor e da condição social retira de B.A. o direito de dizer livremente a todos que ele é um Taveira; impõe a ele a necessidade de ter em mãos um papel oficial afirmando que as suas palavras são verdadeiras. Impõe um silêncio. No imaginário citadino daqui busco na sua própria fala elaborar um comentário grotesco sobre essa situação: “Como um negro e pobre pode ser descendente da família que fundou a cidade?”.

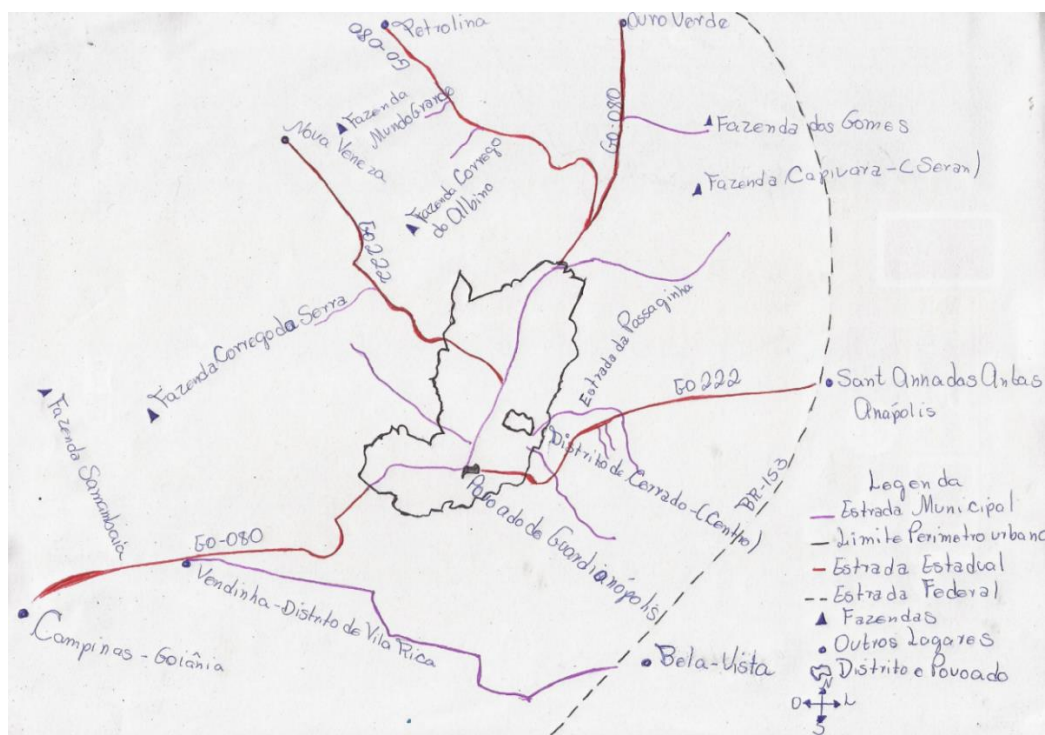
Coube a este descendente se *ajustar* na relação com os donos de terra aos quais ele tem acesso como empregado, e ao grau de proximidade com os Teixeira: os Taveira da vez, sobre sua herdade, cabe a B.A. atuar neste papel de subserviência no qual busca se “ajustar (...), através da aceitação dos estereótipos relegados aos negros socialmente. (...) este negro sabe o seu lugar (Fernandes 2008, p. 200)”. Assim B.A. busca reunir provas oficiais da sua filiação e reivindicar a *pretensa herança* a Fazenda Taveira. Herança que nem é material.

Quando eu era criança, as pessoas falavam dessa fazenda que a sede dela era ali perto da casa do Zé Moço. Sabe a casa antiga dele? Eu não sei. O povo falava isso. Mais o pai do Wilmar me disse, aqui, uma vez, que quando ele chegou, ninguém falava nos Taveira. Ele não conheceu os Taveira dessas fazendas. Mas, uma coisa eu queria saber: Onde é que esta as terras da família Taveir?. Porque se todo mundo fala dessa fazenda, ela existiu, cadê? Mas ninguém fala aonde está essa terra. Eu tô até procurando saber disso. Vou começar a reunir documentos e montar um processo porque se a fazenda existiu, as terras tem dono. E quem é o dono dela?. Falei com o advogado, a mais o menos uns quinze dias antes de você ligar para mim. Eu vou começar a mexer com isso. Ele é bom. O Wilmar conhece ele. Ele ganhou um processo desse, ano passado. De um cara que perdeu as terras dele e consegui recuperar assim. Eu quero saber quem vendeu essas terras. Porque ela não aparece, nunca apareceu. Eu não sei, o porquê. Eu sei de algumas coisas porque o povo conta. Eu não sei onde é essa fazenda Taveira que eles falam, mais ela existiu.

Enquanto falava da suposta localização da fazenda Taveira na antiga casa do Zé Moço, no final da Rua Goiânia, B.A. traz a memória alguns dos nomes das Fazendas que faziam limites ao Distrito de Cerrado, mostrada por Crispim (1978) evidenciando a Taveira, a fazenda berço, entre as fazendas que compõe a zona rural do Distrito de Cerrado e a povoação de Campo Alegre como sessão urbana. “Seções Rurais: Fazenda Taveira, Retiro dos Gomes, Pasto das Éguas, Barra dos Pateiros, Samambaia, Mundo Grande, Córrego da Serra, Córrego Rico e Córrego Albino (Borges 1975, p.38)”.

Contudo, a localização dessas fazendas, assim como os Taveira, só foi possível por meio de relatos de alguns moradores do setor Centro - Distrito do Cerrado. Montar este quebra cabeça teve como objetivo localizar a fazenda berço a Fazenda Taveira e os descendentes da família ainda não foi possível assim com outras fazendas que germinaram a cidade de Nerópolis. Minha tentativa está esboçada nessa figura:

Figura 17: Croqui das Fazendas Berço do Distrito de Cerrado.



Fonte: Monica Santos. Adaptado shape google maps, Borges, Humberto. A História de Anápolis 1975.

Os relatos dos moradores do Setor Centro- Distrito de Cerrado foram precisos quanto a localização das fazendas. Cada vez fica mais evidente que esta é uma cidade que preserva a sua história na memória. Mas essa demarcação pode ser inválida perante a sociedade formal. Esta é uma dúvida que ronda o campo de força em que a localização desta fazenda está contido, uma vez que este Taveira está em busca da localização da herança sobre a *terra mátria*. Recorro a Certeau (1990) a quem peço que me ajude a desmistificar o processo de demarcação localização de terras, revela que: “Os relatos exercem também o papel cotidiano de uma instância móvel e magisterial em matéria de demarcação, conforme Certeau (1990, p.207)”. Esses relatos aparecem em processos jurídicos onde a língua do povo é usada nos altos dos processos, no caso de disputa por

uma terra. Os magistrados se transportam para os locais para ouvir o povo, a respeito da demarcação litigiosas de terras.

Nestes processos os juízes transformam a falas contraditórias das partes, em desenhos e escritos. Por exemplo “O senhor Mulatier nos declarou que este pomar foi plantado pelo seu avô a margem do seu campo. João Pedro nos recorda que o senhor Bolvet tem uma esterqueira num terreno que fica indiviso entre ele e o seu irmão André (Certeau: 1990, p.207b)”. A exposição da origem de lugares com legenda de território. E a relação de semelhança entre o objeto que está em disputa a *terra* recebe um relato crítico por parte do magistrado que está analisando o caso e busca conciliar as versões diferentes. E estabelece a partir do primeiro relato, ou seja, do senhor Multier, Pedro e do João e outros, fazendo valer a legislação espacial fixando e dividindo terreno por meio de gestos ou discursos de ações um pomar uma esterqueira serve como marcos para demarcação. Neste sentido Certeau (1990 p. 209c) completa a explicação ao mencionar que as demarcações são operações derivados de “contratos nativos e compilações de relatos são compostos de fragmentos tirados de história anteriores e bricoladas num todo único”. Os relatos das pessoas do lugar servem como base a demarcação de terras nesse sentido esclarece que a fala tem a função de fundar espaços, ou seja de demarcar ou cercar a terras dando-lhe um dono jurídico. Recorro novamente a B.A.:

Para mim, a família Taveira não é conhecida, não tem dinheiro porque não se envolveu em política. Porque todo mundo que tem dinheiro aqui é envolvido com a política. Outra coisa: eu acho que essa fazenda sumiu quando o cartório pegou fogo. O cartório de Nerópolis pegou fogo e muitos documentos se perderam. Escrituras, registro de terra. Foi aí que a escritura da fazenda e os registros de nascimentos e morte dos Taveiras se perdeu. A quem interessava que este cartório pegasse fogo? Era um parente do Xenxa, da dona Rida que era o responsável pelo cartório. Fica a dúvida aí de como esse cartório pegou fogo e porquê.

Fogo no cartório duas palavras que parecem ser tão comuns. Apesar de eu nunca ter visto um cartório pegar fogo. E comum porque o processo de aquisição de terra nesses lados esteve rodeada de algumas artimanhas que fazem parte do abecedário da grilagem de terras. O incêndio do cartório na cidade de Nerópolis não está apenas na fala do B.A., o Amarildo; a fumaça do fogo nos papéis e no suor daqueles que formaram as primeiras fazendas do Distrito de Cerrado que estavam registrados nos

documentos do cartório local e chegaram até Guimarães (2014, p.42), “em casos de artista mais radicais, o desaparecimento do documento original é conseguido mediante a queima de todo cartório onde ele deveria ficar: foi o que aconteceu com o Cartório 2 ° Ofício de Nerópolis (...)”. O cartório como um elemento da ordem e da posse, da sentido a permanência de ramos da família Taveira, em outros lugares, onde a terra foi rasgada e água peneirada pela bateia em busca do ouro. Em Nerópolis o cartório é um elemeto que atesta, camufla e que contém a quimera o monstro mitológico que esconde a localização e a demarcação da fazenda Taveira.

Depois da conversa com B.A. me despedi e marcamos outro encontro para conversarmos com mais calma. *Uma conversa direita quando minha tia estiver boa. Ai ela vai poder contar todas essas coisas direitinho. Ela deve saber de muita coisa. Pega a certidão também e você coloca o documento no trabalho. Ai fica bom, fica provado que eu sou Taveira.* Saí de lá e voltei a pé para a cidade assim como fui para o Povoado de Guardianópolis. Quando ainda estava passando pelo Moinho Mattos, Amarildo passa por mim, montado em uma caminhonete vermelha. Tinha acabado o seu expediente.

A imagem dele passando e indo embora me deixou mais pensativa. Porque aqui nesta cidade ninguém sabe que Amarildo é um Taveira? Quando entregam a medalha “Joaquim Taveira” na prefeitura, como simbolo de um reconhecimento e notoriedade da idade, ninguém menciona que B.A. é um remanescente. As fofocas acerca dos Taveiras estão no sentido de desprestigiar a família. Apenas uma rua na cidade, possui o nome Taveira. Ninguém sabe quem são os Taveira. Comecei a lembrar algumas coisas que sei dele, e também pensei todo o percurso que fiz até chegar nele. Mas eu cheguei até ele por meio da *fofoca*, não foi por meio de documentos oficiais. Se a fofoca citadina me levou até ele, ela também pode ajudar a compreender a representação social que os Taveiras tem nesta cidade.

VIDA

O silêncio - Mário Quintana

Há um grande silêncio que está sempre à escuta...
 E a gente se põe a dizer inquietamente
 Qualquer coisa, qualquer coisa, seja o que for,
 desde a corriqueira dúvida sobre se chove ou não chove
 hoje até a tua dúvida metafísica, Hamleto!
 E, por todo o sempre, enquanto a gente fala, fala, fala
 o silêncio escuta...e cala.



“A senhora está jogando pelo time dos antigos. Tempo da fartura”.

Vendedor ambulante 2018. (Conversa entre o vendedor e uma interlocutora entrevistada).

Vou vender um caminhão. Pegar o dinheiro da aposentadoria e comprar uma terra. Vou voltar pra roça. Cidade cansa a gente.”

Homem na banca de melancia 2018. (Conversa entre um homem e o dono da banca de melancia na feira do Centro).

“Tempo, tempo, tempo...

É um senhor tão bonito, quanto a cara do meu filho.

Tempo, tempo, tempo.: vou te fazer um pedido.

Tempo, tempo, tempo”.

Paráfrase da música oração ao Tempo Caetano Veloso.

Meu tempo acabou agora é com o destino: compositor desta viagem; marcador de todas as paragens. Não consegui chegar a todas paradas e olhar a todas as paisagens. Mas neste percurso ainda quero falar. Falar da casa da Rua Pedro Júlio, dos seus quintais, dos pés de frutas, da moita de bambu que abriga corda, elástico, bete, bola, bola de gude e brincadeiras.

Do tanque vermelho cravado de pequenas, pequeninas pedrinhas brancas e negras, que limpam e esfregam as roupas de fora; do brincar sofrido de esfregar a bola de sabão nas saias, camisas, colchas e lençóis que ninguém dali vestia ou usava no quarto ou na sala.

Das latas coando “diquada” no canto do quintal; dos tachos de banha virando sabão; das rodas de pessoas enrolando o mesmo sabão que ajudava a lavar e quarar as roupas que mantém a vida. Do pé de chuchu, do chiqueiro, da saca de milho e também das latas de “lavagem”. Do pé de arruda e de alecrim do “vizim”, que se colocar olho grande, “murcha”.

Foi só fulana vir aqui e meu pé de arruda murchou! Antes ele do que eu!

Do arroz, do café, do feijão, na rua. Do sol que esquenta, seca e ajuda a vida não encarunxar. Espanta os pulgões.

Da mangueira. Aqui não tem macieira. Tem latas, garrafas, fogareiro molhado, pisado, socado. Mas não muito amassado, senão, o fogo fica afogado. Não cozinha o feijão; não assa o bolo não; não faz ovo; não vira pirão! Torresmos em lata, pele

dependuradas secas iguais a gravatas. Aqui não tem neve, não sei como é! Quando o vento passa e ela caí, caí e bate no pé.

Sei, lembro e choro do branco brilhoso das talhas de banha jogadas, na mesa como se fossem um monte de neve no topo da montanha. Facas afiadas a fio pedra de amolar, panela, banha e tacho, ah! Essa é aquecida no fogão de arrame e aço.

Hoje tem torresmo, tem farinha, tem mandioca e depois a gente come aquela pelezinha. Do lado de fora, seca, maturada no sol; pegar chuva é uma delícia, assim como tomar banho no casamento de espanhol.

Tem sol, tem sal, tem som, se alguém ver comendo vai pedir porque é bom. Essa é uma casa que de pequena não tem nada. Três cômodos, dois quintais gente que não acaba mais. Tem menino, galinha, vizim, gente saído, entrando. Aqui todo dia é assim.

O que dizer. Como posso continuar?

Nesta busca pelos Taveira da cidade de Nerópolis conheci mais do que os rostos que se misturam a essa não história. Para mim, ainda continua sendo conversas gravadas na memória. Passei em lugares. Passei por entre a vida e os lares daqueles que conheci, persegui e agora chego aqui.

É pouco não dizer daqueles que traçaram junto comigo este texto pellegrino. Como conhecedora de alguns destinos cheios de carinho, afago e rancor. Se chegava para mim sempre com “Sô”. *“Sô! maisi porque você quer saber disso? Faz muito tempo”*.

Senhor e narrador que por mais que queira descrever o que vê e o que vivi ainda não escrevi que chega. O texto “não passa nem perto da vida dos moradores daqui”. Não sei aonde estou, no Distrito do Cerrado, no centro de Nerópolis, me diz, por favor! Os lugares que fui, as conversas que vivi, acredito que só foram possíveis porque vivo aqui. Aqui é o meu lar, é o meu lugar. Um lugar não de localização onde você aponta na linha e pela GO rasga o chão. Um lugar de lar, de cultura e de brachiaria, que conta um pouco da vida desses moradores. Não vou me delongar, para ajudar a contar mais essa história. Os moradores desse lugar quero chamar para me ajudar.

Porque é difícil precisar o exato momento em que uma história acontece. Aquela hora em que pessoas deixam de ser vilãs, companheiras, chatas, indiferentes e passam a

ser interlocutoras, sujeitos de uma viagem; ou aquele instante súbito e repentino em que um fato deixa de ser um fato e se transforma numa história. Numa Geografia. Num texto sobre espaço. Num espaço de texto.

Então vou partir bem antes do início de tudo, para que nada me escape, portanto, vamos lá. Esta é uma história de uma interlocutora, dona Mirandolina. Poderia começar, pelo seu João da Vantajosa, Padre Ronaldo, Altair, Dona Irani, Dona Elisa, Adamásia, Gercília ou pela Euceni. Mas, vou começar e terminar com a fala de dona Mirandolina e sua *caminhada*, sua *enxada*, sua *fazenda* que traçaram a cara deste lugar. Mas o que ela tem para falar deste lugar? Se Nogueira (2010) me conta que o:

Lugar é onde está a identidade, o pertencimento, apropriado, por isso, territorializado pelas práticas e estratégias que se traduzem nos comportamentos dos sujeitos regimentando e normatizando o lugar. É o lugar marcado, alcançado, fixado, dominado, caótico e contraditório, por isso, é surpreendente, é inquietante, é transgressor e exigente. O lugar é intransigente, é irreduzível a ideologias, a simulacros, a homogeneização, é resistente. O lugar são caminhos plurais, diversos, e não são sempre diretos, nem sempre curtos, mas às vezes são sinuosos, distintos, próximos e distante. É o trajeto, é o percurso, são as articulações comportamentais e suas correspondências espaciais, é o desejo sendo desejado, no permitido e no proibido, pelo afeto, pela produção e por sua reprodução (NOGUEIRA 2010 p.162-163).

Lugar se traduz no comportamento, no intento, no fazimento do mundo, no lugar da casa, na igreja e na sala. Quem sabe falar do lugar é o sujeito, é o morador, é o pai, o filho, o avô; para nós a avó, a bisavó que vive o afeto e que lembra todos os trajetos do desejo e dos ensejos da vida do Distrito do Cerrado. Que lembra anos do cotidiano vivido e por muito escondido. Cotidiano da vida nossa, nossas vidas escondidas que falam, não sei como a vida é traduzida neste conceito que é uma recita desmedida. Para confabular, Arrais (2016, p. 106) diz que “o cotidiano é interpretado como síntese particular e geral da cidade. Particular porque cada indivíduo constrói uma relação com os fragmentos da cidade-praça, parque, rua, cruzamento e monumento. A partir do ir e vir construímos uma imagem particular e geral da cidade, a nossa dinâmica de vida, evitando uma rua, não passando por uma calçada.

“O cotidiano revela-se nas formas de morar e trabalhar, e por consequência, nas maneiras de apropriar dos espaços (...). É a dimensão completa da vida, traduzida na relação dos indivíduos com o tempo e o espaço (ARRAIS 2016, p. 106)”.

Para lembrar do cotidiano do Distrito do Cerrado da apropriação deste espaço que virou lugar portanto, h́mus da vida deste distrito que agora é cidade vou revisitar o cotidiano produzido na memória dos interlocutores do Distrito de Cerrado onde retomo os caminhos que me levaram até eles. Monto essa imagem que retrata a localização de cada um deles no Setor Centro figura 18:

Figura 18: Mapa de localização dos Interlocutores no Distrito de Cerrado – Setor Centro de Nerópolis



Fonte: Trabalho de campo, acervo da autora, 2017.

Pulo, o tempo ou as palavras que dizem como cheguei a cada um deles, as ruas que andei as campainhas que toquei, as palmas que “bati” e deixo para contar em outra hora essa memória, quando o tempo for possível. Por isso em alguns momentos vou deixar apenas os interlocutores contar a vida e puxar algumas contas do rosário do cotidiano. Devido a esta falta de tempo, que nos fez, morrer ontem, renascer amanhã, enquanto houver espaço, busco contar cada sutileza e cada surpresa deste redemoinho que se transformou essa viagem neste espaço e tempo.

MIUDEZAS DO COTIDIANO

Retornei para dentro de mim e encontrei um lugar de diálogo, uma possibilidade de discursão sobre os sujeitos e o seu fazer. Nesta viagem que é conhecer esta cidade no passado, por meio da fala daqueles que construíram o alicerce no qual Nerópolis está assentado, com as miudezas do cotidiano daqueles que trabalharam *na terra, na roça*, procuro, transcrever a viagem onde o objetivo é conhecer a cidade por meio da vivência daqueles que fizeram este lugar, o Distrito de Cerrado, Nerópolis.

Aprende com Walter Benjamim me ensina que existem dois grupos de narradores anônimos, o que viaja e o que vive o cotidiano. A *narrativa* expressa por si a retroalimentação do sentido da *vida*. O esforço de memorar subordinado ao presente vivido; a narrativa busca, na construção da experiência passada, os inauditos desvios de trajetória em que a possibilidade são reativadas agora, por percepções outras que oferecem uma nova forma de conclusão diante do fato consumado. A oralidade torna-se assim um *documento* sempre inacabado.

Para poder perceber o Distrito do Cerrado a partir da memória coletiva e individual dos interlocutores, seus moradores, é necessário que se faça uma viagem até este lugar. E começo esta viagem diferente do itinerante de Vila dos Confins de Mario Palmelo (1976). “O sertão dos confins é um mundo de chão arenoso e branco, que principia na Serra dos Ferreiras e acaba no Rio Beira das Palmas. Esses são os limites que lhe dá o pé (Palmelo 1976, p. 10)”. A descrição do patrimônio da Vila dos Confins inicia como o viajante olhando a paisagem em frente da igreja termina no cemitério. Busco descrever o patrimônio do Distrito de Cerrado de maneira diferente desta breve narrativa espacial.

Fecho os meus olhos e visualizo o patrimônio leigo do Distrito de Cerrado com a ajuda dos pés, modo pelo qual consigo perceber está paisagem espacial. E basta apenas um pequeno esforço para retirar as casas que pesam sobre este chão, removo as casas de dois andares, de muro de tijolos de alvenaria rebocados, os portões de lata que escondem as varandas e a vida dos moradores. Substituo esse chão por capim, trieiros, crianças correndo, pés de manguás, goiabas, jabuticabas, abacates, ingás, roças e milho.

Chão vermelho batido protegido por cães e fios de cerca que não cercam, apenas protegem as hortas; as filas e pés de quiabo; as covas de couve; a moita de abóbora; as folhas da taioba; os estaleiros de chuchu e as proteções dos canis. As brincadeiras de pião, biloquê e bola de gude.

Deixo-me perder por esses devaneios do doméstico da vida particular que é de todos o cotidiano de um espaço rural constituído nas suas ruralidades e continuo andando. Passeio pela Estrada da Passaginha e cruzo sua ponte e vejo do lado direito, vacas leiteiras na beira do Ribeirão Capivara. Início a subida desta via e começo a sentir a derrocada aos pés de uma moita de coqueiro que de tão larga chega a denunciar a sua permanência aqui como se fora uma rugosidade medieval na entrada do distrito.

Figura 19: Casa Telhado de quadro águas Rua Alan Kardec.



Fonte: (trabalho de campo, 06/2015)

Viro e fico de frente a uma encruzilhada. Posso continuar e parar em frente à casa de dona Elisa; posso descer e acampar as margens do Capivara ou posso subir na Rua Alan Kardec, a via principal deste distrito. Nos pés desta rua tem uma casa de telhado de “quatro águas”, marrom, imponente, cujas suas telhas são incontáveis. Daqui ao seu lado vejo um cômodo, uma espécie de paiol- despensa feito de tijolos. Mostra que essa família, por assim dizer, é abastada. Do lado esquerdo há o Centro Luz e

Caridade com as paredes da cor dos Mestres Ascencionados, *Hilarion*, que carrega a virtude da *cura* e da *consagração* e o branco do Mestre Serapis Bay, que sustenta a chama da *pureza* e da *ressureição*. Tais imagens estão nas paredes, desenhando e ornamentando, como se fossem uma franja escondendo e protegendo. Mais acima a máquina de arroz que não deixa esquecer a potencialidade da fartura, o tempo das lavouras, a “liga” da vida este lugar.

Estou de frente da praça; a praça que conduz aos caminhos. Posso seguir pela Rua João Guerra e ir para Petrolina ou continuar na Alan Kardec ir para Nova Veneza – que antigamente se chamava Ananás. Não vou para nenhum lugar, quero ir à igreja, vejo o pequeno cruzeiro de madeira em cima da sua torre.

A igrejainha parece que está protegida, mas não pelos fios de arrame a sua volta, e sim pelos pendões de capim contornando-a como se os mestres de antes estivessem ao lado desta nova religião que é *simbiótica sincrética*, misturas de crença. Seu santo padroeiro é um negro, São Benedito, o santo dos humildes e humilhados, dos cafezais. Cafezais da dor e do sofrimento negro do desejo da ilusão dos brancos pobres. Este negro humilde com a imagem do menino Jesus nas mãos corresponde a *Ossaim*, orixá detentor do axé e das folhas. Todos os orixás lhe devem referência, porque sem as folhas não existe orixá. Sem igreja não existe cidade.

A delegacia está escondida atrás da igreja, bem ao lado do grupo escolar dando forma a santíssima trindade da formação das cidades brasileiras *cadeia-igreja-escola* que controlam a vida. A vida dos que passeiam por esses caminhos.

Escolho continuar andando pela rua. Passo pela casa do seu João da Vantajosa e com mais alguns passos vejo um paredão cinza com um triangulo dentro de um círculo falando para perder o caminho. É a maçonaria, do seu lado. Outro paredão amarelo, porém, esse com degraus de escada em forma de círculos *olho para cima vejo um arco-íris com três cores amarelo vermelho e branco é a igreja Deus é Amor*. Chego nos bordeis, o *Bola verde*, a *Casa da Julieta*, vejo as meninas, a “Paia de Arroz”, a “Maria do Angico”, “Anona” - a mulher da roupa branca e boca vermelha, sentada na sua cadeira, na beira da rua, a sina do prazer e do sofrer. Quase ao seu lado uma hástia de ferro acenado para o céu, mas plantado na terra, o terreiro de Ogum Orixá Ferreiro, Senhor do Ferro, da Guerra, da Agricultura.

Respiro fundo dou passos rasos na rua da Saudade. Saudade de que?! Fico pensando enquanto caminho. Saudade do trabalho, de carpir, de plantar, de colher, de semear, das imposições sociais, das trajetórias particulares, do tempo da saúde. Vejo outro cruzeiro, agora vincado ao chão, mostrando o fim, a morada final: o *Cemitério São João Batista* padroeiro dos injustiçados pela fé. Fé católica mais nesta mistura religiosa na matriz africana São João Batista corresponde é *Xangô*, Orixá que rege a justiça e que decide sobre o bem e o mal. Esse é o portal derradeiro das vidas e das mortes.

Conhecer um lugar, apenas pelas suas paisagens é frio e vazio como sempre se diz por aqui: “*o melhor de Goiás, são os goianos*”. Retorno da Rua da Saudade em direção à Rua Getulino Artiaga vou para a casa de uma antiga moradora e minha nova conhecida para descortinar este lugar. Falo antiga porque apesar das diferenças singulares e sobretudo das particulares que são iguais a vida de muitos “entes nossos”, que mas encham os nossos ouvidos com histórias de outro tempo. Aliás, o tempo é uma categoria assim como, patrimônio apareceu no decorrer dos diálogos com os interlocutores de SILVA (2008) nos povoados de Cibeles e Caiçara. Tempo aparece aqui porque ele sempre esteve ali, escondido, embutido nas falas dos moradores do Distrito de Cerrado nas célebres frases: “*faz muito tempo não lembro. Ih! Tem muito tempo isso! Para contar isso, tem que ter tempo. Não meche com isso você vai é perder tempo*”. Não sei se esse tempo é o tempo que está entranhado aqui, às vezes não sei se estou aqui, ou lá, no Distrito de Cerrado. Mattos (2011) me ajuda e começa a falar “É comum que os moradores de pequenas cidades, povoados e vilarejos, viverem entre dois tempos, o tempo da cidade, da modernidade e o tempo da roça, do trabalho, da fala e da lembrança (Mattos 2011, p.12)”. É neste tempo de agora e de ontem que vou encontrar dona Mirandolina.

Figura 20: Mirandolina Nascimento

Fonte: Trabalho de campo, 09/2017.

Bato no portão e sua filha abre a porta. “Entra, senta. Ela está ali”. Vejo dona Mirandolina sentada em uma cadeira de madeira e então me sento ao lado dela. Dona Mirandolina está vestida com um vestido branco de bolinhas pretas, com barrado de renda preta também. Unhas pintadas com esmalte vermelho, sandália de um plástico transparente salpicado com pequenos chuveiros dourados; nas orelhas brincos de ouro de argola. Neste momento ela zomba de mim, pois meus brincos são pequenos, pequenos botões de ouro velho, para ela devem parecer tinta de ferrugem. Ela segura a minha mão, sorri para mim e fala; *Oh! Meu, meu brinco é de buraco é grande num cai! É bonito. As menina traz pra mim. E pra eu ficar bonita. Bonita e de ouro. O seu não é. É pequeno né, é pequeno.* Sorri, leva a mão na orelha e continua a mostrar o brinco de ouro de argola. Fica passando o brinco na orelha dela de um lado para o outro: “Desse

jeito, ó! Ele não sai, ó!” Passa a mão nas pulseiras de prata e nos anéis que estão nos dedos das duas mãos.

Como quem não quer nada, mas ao mesmo tempo quer, ela começa a contar a sua vida e o caminho que fez até chegar aqui, a vida que viveu. Como se tudo estivesse ali, solto na memória como papéis soltos e manchados; escritos e amassados em uma gaveta esperando pega-los e organiza-los.

Dona Mirandolina continuou a conversar em um tom bem alto, pois a audição que já era pouca, da última vez que estive aqui, se perdeu ainda mais. Por isso o contato dela com o mundo a partir da audição não existe mais. Mantem contato com o mundo através de tudo que lhe resta. A memória é um desses elementos. Segurando a minha mão e olhando fixamente para o meu rosto ela começa a partilhar fragmentos da sua memória. “A memória é uma casa de infância querida, reconhecida e intangível. É uma fronteira entre o drama da solidão, imposta pela velhice, e a resistência da reminiscência que emerge nesta fronteira (BOSCHILA 2014, p. 56)”. Amigos e familiares mortos não esquecidos, perduram numa velha fotografia, assim como insistem nas vozes da discussão à mesa, na missa, na oração, na promessa, no abandono, no encontro, no abraço, no beijo da benção que o tempo não eclipsou, pois eles, surpreendentes, resplandecem e compartilham a narrativa.

Assim que a fala dela e dos interlocutores ressoa em todo momento volto a ouvir a voz, o choro de saudade por aqueles que não estão entre eles, a alegria do rosto em contar como eles tiveram força nos braços, em outro tempo, no tempo da juventude, da vida adulta e do trabalho. O tempo para o narrador é um fiel depositório, porque jamais destruirá a potência da narrativa. O peso do trabalho, as perdas, as pequenas glórias, dores e alegrias das décadas, não só aprimoram o verbo do narrador, mas emprestam luminosidade a cada passagem, a cada minúcia. As palavras devassam um detalhe qualquer com se a imagem remunerada de todos os dias e de toda vida estivesse presente petrificada diante dos olhos.

O homem comum simples detém o poder de sociabilizar a experiência. Detém certa “eternidade de gestos e olhares, porque se reveste da matéria prima do seu cotidiano e conta uma história que nunca adormece. Porque ela está presa viva, pulsando na memória que acorda a cada dia. Porque todos os dias são dias de trabalho, mesmo para aqueles que não tem mais a força para trabalhar na lida da roça, com a casa,

com uma parte da vida que se deu no tempo do Distrito de Cerrado e está retida na memória dos interlocutores.

Bosi (2003, p. 418), depois de falar com os seus velhos me diz que “Cada geração tem sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como ponto de demarcação em sua história”. Por isso, antes de voltar a caminhar pela memória de Dona Mirandolina é importante ressaltar que a memória individual diz respeito aos acontecimentos vividos pessoalmente, pelo sujeito. Já a memória coletiva reporta-se aos acontecimentos vividos em decorrência de algum fato, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela comunidade a qual a pessoa se sente pertencer (POLLAK, 2012). Os acontecimentos, dentro deste paradigma, podem ser os que o sujeito, não participou efetivamente, mas, por meio do convívio com os participantes, estes se tornaram parte da sua memória coletiva, mesmo que os acontecimentos não se situem dentro do seu espaço-tempo, ou seja, do seu tempo vivido.

Sobre esse trajeto de memória, a chegada no distrito é assim descrita pelos donos da oralidade:

“A gente sofreu muito. A gente veio de a pé. Só a minha mãe e meu pai vieram montado. Só os velhos. Eu, a Orlina quatro [...], vieram seis. Seis de a pé. Ai! Tinha dia que a gente chorava, chorava chegava em algum lugar perigoso, tinha onça. Tinha dia que a gente, não dormia, tremia de medo de noite. O Paraná? Você já ouviu no rio Paraíba? A gente atravessou ele de noite e dormimos dentro da mata. Tinha onça. Tinha tudo quanto era bicho do mato. Ai meu pai derrubou mato, e fez fogo. Meu tio também, por causa de cobra. Xá, xá xá, o barulho do fogo. Ai a gente passou a noite, quando o dia amanheceu ô levantar. Num frio, levantar para gente viajar. Eu passei aperto. Hoje quase nada. Por naquele tempo, quase não tinha ninguém. Daqui, só longe, muito longe tinha fazendeiro. Andava, andava, só no outro dia para ver outro fazendeiro. Era bom. Era muito bom quando a gente chegava. O Fazendeiro agradava nos, quando a gente chegava, dava água, os cavalos descansava. Tinha pouquinha gente, mais era bom. Era bom. Quando a gente viajava, descansava para viajar. Viajar para chegar aqui para trabalhar. Nós chegamos aqui dia três de outubro, ó”!

Mirandolina

“Quando eu cheguei em Nerópolis eu tinha quatorze anos. Vim de Corumbá estado de Goiás. Nós viemos de caminhão. A viagem durou um dia e meio. Para chegar até aqui. Não era

longe não. Era por ali. A gente chegou por ali. (Apontando para saída antiga para Anápolis, a estrada da Passaginha. Quando a gente chegou, não tinha ponte. Era pinguela. Nós, tivemos que descer do caminhão, passar. Ai! Depois entrava tudinho. A casa, meu pai veio primeiro. Ele veio aqui gostou. Ai! veio e comprou a casa. Nós, tínhamos fazenda, ele vendeu a fazenda e comprou a casa. Fazenda de gado. A casa era muito grande, tinha quinze cômodos. Éramos treze irmãos, morreu três ficaram doze. Ai! foi acabando né, acabando, acabando. Por derradeiro quem ficou foi eu. Morreu todo mundo eu fiquei. Fiquei para semente”.

Dona Euceni

Nós, chegamos aqui em 1944. Nós viemos de caminhão. Pelas estrada de terra de Formosa para, cá nos, pegamos caminhão. Vieram eu, meu marido. Quando eu cheguei aqui não era casada, depois que a gente casou. Quando chegamos, fomos morar na fazenda do senhor Nilo. Porque a minha irmã já morava lá.

Dona Elisa

Meu pai João Pazzini comprou terra aqui em 1925. Na época eu não era nem nascido. Veio para trabalhar na época ele não era nem nascido. Ele veio, ai meus veio. Vinha e voltava vinha e voltava não acostumava aqui. Aqui não tinha nada. Nessa época é, vinha e voltava vinha e voltava até que em 1941 meu pai veio. Para a agua Branca.

Seu Altair Pazzini

A chegada era cheia de sentidos.

Eu cheguei aqui em outubro, em Janeiro passou para trinta e três. Meu marido, não era meu marido. Ele era casado, tinha trazido uma mulher com ele da Bahia. Ai ela teve um filho. E, outubro quando fez um ano que a gente chegou aqui. Ela teve um filho. E ai, ela morreu. Quando ela foi criar o menino, ela não morreu? Mais não passou bem quando foi de noite. Teve a chuva. A primeira chuva do mês. Foi uma chuva brava. E a casinha dela era assim, ruim de folhinha e adobe. Ela dormiu só. Porque a irmã dela morava pertinho. Mais a chuva era brava, brava entrou na casinha dela e molhou tudinho. A irmã dela foi lá. E ela estava molhadinha na cama. A ela pegou uma febre no leito, não aguento. Ela morreu. O filho dela uma comadre pegou para criar, foi morar em uma fazenda chamada

Muarama. Depois de muitos anos, nós ficamos sabendo que ele tinha ido lá para o Paraná. E por lá ele morreu, deve ter deixando família por lá.

Mirandolina

Quando eu cheguei em Nerópolis eu tinha quatorze anos. Vim de Corumbáiba estado de Goiás. Nós viemos de caminhão. A viagem durou um dia e meio. Para chegar até aqui. Não era longe não. Era por ali. A gente chegou por ali. (Apontando para saída antiga para Anápolis, a estrada da Passaginha. Quando a gente chegou, não tinha ponte. Era pinguela. Nós, tivemos que descer do caminhão, passar. Ai! Depois entrava tudinho. A casa, meu pai veio primeiro. Ele veio aqui gostou. Ai! veio e comprou a casa. Nós, tínhamos fazenda, ele vendeu a fazenda e comprou a casa. Fazenda de gado. A casa era muito grande, tinha quinze cômodos. Éramos treze irmãos, morreu três ficaram doze. Ai! foi acabando né, acabando, acabando. Por derradeiro quem ficou foi eu. Morreu todo mundo eu fiquei. Fiquei para semente.

Dona Euceni

Sobre as casas que ressoam nessas memórias, outras falas trazem seus elementos de significações:

Ai! oh! Tinha uma casa ali. Deixa eu ver. Tinha uma casa, ali. Pra baixo da cadeia. A mulher do Afonso é mulher do velho. Deixa eu ver com que é meu Deus. O velho se chamava Afonso. E mulher do velho. Deixa eu ver. Se chamava Maria. Mais ela mudou daí, para o caminho de Goiânia. Ela mudou daí foram lá para o caminho de Goiânia O velho tinha uma venda. Ele tinha uma venda. Ai o que ele fazia? As vezes a pessoa chegava, para comprar. Comprar o que comer. O que ele fazia? Ele chegava a pinga. Dava pinga pra pessoa. Chegava um para comprar alguma coisa. Para comprar alguma coisa para comer. Dava pinga. Ele embebedava. Até a pessoa cair no chão. Ele roubava. Ele roubava. Disse que matava, ele matava e enterrava. Enterrava, acolá oh! De traz da cadeia.

Mirandolina

Naquele tempo, Nerópolis tinha poucas casas. Eram poucas casas. Tinha só uma igreja, ali no mesmo lugar, onde é a praça. E o mato? Era aquele matinho sabe? Malvina dura

quando a gente passava, machucava a perna tudo. Ai, depois que eles fizeram um jardim e arrumaram a praça. Mas. Antes tinha só um caminhezinho. Tinha uma igreja era pequena. Igrejinha velha no mesmo lugar lá. Quando eu cheguei tinha era uma igrejinha velha. Ai! Foi melhorando né. Melhorando, melhorando agora tem aquela.

O povoado se localizava ali, onde é a fábrica de doce, a casa da dona Zuca. Nerópolis surgiu, dali a sede fazenda era ali. Próximo ao córrego Capivara.

Padre Ronaldo

Ih! Nerópolis era pequeno. Aqui não tinha quase nada. Era muito poucas casas. Nerópolis, Nerópolis, mesmo era daqui para cá (apontando para a Igreja Matriz de São Benedito). Essa sim é a verdadeira Nerópolis. Naquele tempo não se chamava Nerópolis era outro nome. Nos falava era Cerrado. Mas era daqui para cá. Hoje cresceu muito, a gente não conhece quase ninguém. Eu saia aqui com meninos pequeno e ia andando no capim. Sabe o capim tinha tempo que tampava os meninos. Eu ia andando como eles íamos lá em cima onde hoje é Correio. Hoje mudou tudo. Está tudo diferente, cresceu demais.

João da Vantajosa

Figura 21: Traçado das ruas do centro de Nerópolis.



Fonte: (fragmentos trabalho de campo, 06/2014, Google Maps.)

O traçado antigo das ruas do setor centro de Nerópolis, mostra os limites do patrimônio leigo do Distrito de Cerrado que derivou da Fazenda Taveira. Patrimônio para (Costa, 2009) é uma palavra de origem latina, “patrimônio” significava entre os antigos romanos “tudo o que pertencia ao pai, ‘pater’ ou ‘pater família’, pai de família” (Funari e Pelegrini, 2006). Esse sentido de pertencimento mante-se; o patrimônio continua sendo aquilo que pertence a alguém, individual ou coletivamente; entretanto, deve-se considerar, na análise, o pertencimento ao grupo, à coletividade, (...) a construção indenitária do país ou na configuração estrutural dos mais diversos espaços.

O patrimônio é uma formação na qual o fazendeiro demarca a fazenda, sede parte da terra para quem deseja morar de forma gregária, ou promove a venda dos lotes, dando início ao processo de formação do núcleo urbano, uma de suas características é a proximidade do cemitério com a capela ambos tinham local definido nesta demarcação. Mesmo após a separação do Estado com a igreja, que retirou a obrigação do proprietário de ceder lote para igreja ou para o santo de devoção, a presença da igreja na parte mais alta do patrimônio e o cemitério nas suas proximidades, permaneceram com elementos constituintes do seu traçado, e são elementos que ajudam a identificar essa forma de ocupação. Silva (2009) traz outro espelho sobre o conceito de patrimônio ao dizer que o patrimônio valoriza o processo de constituição e as formas de transmissão das terras no surgimento dos núcleos urbanos, apoiados nas tensões que compreenderam a fundação das vilas no Brasil. Portanto ele é um “instrumento fundiário” ora rompia ora complementava o mundo rural. Neste caso, o patrimônio complementar a fazenda, ou seja, o mundo rural passou por diferentes momentos, Matinha Dos Taveira, Campo Alegre até chegar a se tornar Distrito de Cerrado.

Sobre a presença da igreja, os interlocutores lembram...

Era, ela pequena. Ai eles arrumaram ela. Ai, eles arrumaram ela, fizeram ela maior. Arrumaram ela porque ela Era pequeninha, a igreja. Filha – E a praça? Toda vida essas praça foi aqui? Essa praça aqui? Ai era uma roça. Era um matão. Todo ano nós fazíamos mutirão, para limpar ela. Ai, juntava tanta gente de enxada, capinando e limpava ela. Quando era, no outro ano retornava. Ai o carrapicho. O carrapicho grudava na gente.

Dona Mirandolina

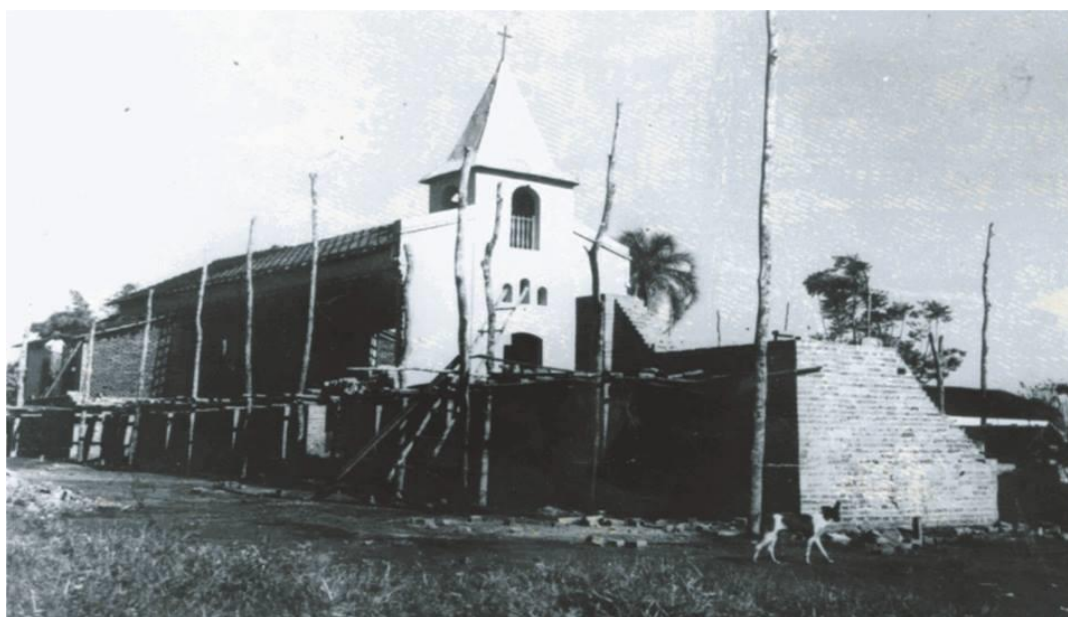
A igreja era pequenininha. Tinha um cruzeirinho. Ele era bem assim, na frente da igreja. (Apontando para bandeirola da casa em frente a dela) Ai! Na frente tinha o cemitério.

Dona Euceni

Tinha. Tinha uma igreja era pequena. Igrejinha velha no mesmo lugar lá. Quando eu cheguei tinha era uma igrejinha velha. Ai! Foi melhorando né. Melhorando, melhorando agora tem aquela.

Dona Elisa

Figura 22: Ampliação da Igreja de São Benedito no então Distrito de Cerrado nos anos de 1930.



Fonte: (Trabalho de campo, 06/ 2014, arquivo pessoal de Ismael)

Acerca da localização antiga do cemitério, negada pelo padre, os velhos tecem o trieiro...

O Correto! O Correto, esse correto ai? Quando eles foram arrumar ele. Abriram a cava dele. Abriram a cava para fazer o correto, tinha gente. Tinha ossada de gente, tinha costela ai ô. Era muita sepultura. Tinha muita sepultura oh! Quando eles cavoucavam achava sepultura certinho ai. Ali era tudo

sepultura. Eles pegava e colocava tudo dentro do saco, tinha pé, costela, tinha tudo. Tinha pedaços de ossos.

Dona Mirandolina

Lembro! Tinha nada. Tinha nada lá. Tinha sujeira. Era mato para tudo quanto é lado. Só, sujeira. Depois quando entrou o senhor João Guerra, foi primeiro prefeito aqui de Nerópolis. Ai! ele mandou limpar tudo. Quando foi a fazer a Praça do Correto. Eles tiraram o cemitério daqui e passou para, lá. Quando eles foram fazer a praça eles tiram saco de ossos. Tinha um cemitério velho quando eu cheguei povo falava que tinha um cemitério, perto ali na praça. Quando fizeram a praça o povo achava osso. Acharam osso lá, naquele tempo. Tiraram caveira, osso de gente. Ali, dentro da praça. Naquele tempo quando eu cheguei. Ali, aonde é o correto. Ali tudo era mato. Quando eu cheguei já tinha a praça, mais o povo falava.

Dona Euceni

Tinha um cemitério velho quando eu cheguei povo falava que tinha um cemitério, perto ali na praça. Quando fizeram a praça o povo achava osso. Acharam osso lá, naquele tempo. Tiraram caveira, osso de gente. Ali, dentro da praça. Naquele tempo quando eu cheguei. Ali, aonde é o correto. Ali tudo era mato. Quando eu cheguei já tinha a praça, mais o povo falava.

Dona Elisa

O tempo antigo é também lembrado como o tempo de trabalho:

A gente trabalhava na roça. E ai, as despesas, os donos não tinha despesas não. Eles mandaram a gente, para umas terras lá na Macaúba. Ai, lá agente trabalhava arrendado. Nos, trabalhamos, trabalhamos, ai a despesas era a meia. Calculou quanto que a gente comeu, o milho. Ai meu pai pagou, no final deu pouquinho coisa. Ai! Nós fomos trabalhar, outra vez. Para poder comer. Trabalhava, trabalhava ufa! Trabalhava na roça. Eu, minha irmã, a outra irmã mais nova, três. Eu a mais velha e o Manezim trabalhava. Tinha outra a mais velha trabalhava na roça, não. Ficava para poder ajudar a minha mãe. E ficava para ajudar a minha mãe, pois é ajudava a minha mãe. Nós, sofremos, sofremos, quando chegamos aqui, sofremos, sofremos. Para trabalhar. Trabalhando. Oh! Era léguas, caminhava era léguas para chegar nessa. Chegar na roça. Chegava lá, pegava

na enxada até de noite. Até a hora de vir embora. E quando tinha chuva? Oh! Tam, tam, tam, até de noite. Naquele tempo chovia muito né. Era chuva, dia e noite e nos de baixo cuidando de café e arroz.

Depois de trinta anos, meu marido morreu. Ele era trabalhador Eu casei com ele. Ele era solteiro. Ai, eu ajuntei com ele. Depois de pouco tempo ele era açougueiro. Ele Trabalhou, ele era açougueiro. Juntamos dinheiro, juntamos dinheiro, compramos a fazenda. Pagamos as despesas. Sempre que pagava as despesas, sobrava um pouquinho. Eu ia juntando, depois de um tempo ficou fácil. Ai, oh! Ele disse deixa eu ver o dinheiro que tem ai. Contou o dinheiro e deu para comprar. Ai ele disse nega vou comprar a fazenda. Ele e o irmão dele. Compraram a fazenda juntos. Daqui a uma légua é a fazenda. Ela chama Embira. Quando ele comprou nós fomos para lá. Eu mudei para lá oh! Ai, eu não fui para roça mais, não. É trabalhei, só na cozinha. Eh! Ali eu morrei trinta anos. Nos morramos na fazenda trinta anos, Ai eu mui. Ai eu falei vamos embora para Nerópolis. Ai ele arrumou essa casa. Ele arrumou ela, e nós viemos para cá.

Dona Mirandolina

Meus pais trabalhavam eram na roça. Meu pai fazia caixão, sabe. Naquele tempo aqui não tinha nada. Ele pegava madeira, lá na roça. Ele colocava as tabuas para secar. Aquela madeira fraca sabe. Para poder vender para os caras. Compravam para fazer caixão. Ai quando morria uma pessoa. As pessoas falavam; vai lá no senhor João Pazzini, ali na chácara. Vai Lá no João Pazzini que ele tem madeira. Porque ele vende. Madeira mole. Madeira macia. Ai o cara comprara madeira do meu pai, para comprar caixão, lá na roça ou aqui na cidade mesmo. Eu mesmo fiz muito caixão. Depois veio um funerária pra cá. Mais meu pai fez muito caixão. Até quando ele morreu. Ele morreu em setenta e seis. A funéria lá se chamava... é como era? Nossa Senhora Aparecida. Ele tinha um carro grande, era uma veraneio velha. Esse cara lá fazia. Ele também fazia os caixão pagado. Os caixão da prefeitura era ele que fazia.

Altair Pazzini

Nos, tínhamos loja. Loja de pano. Tínhamos um bar e uma loja. Meu pai tinha um bar, lá aonde é aquele trem lá oh! Tinha bar e tinha loja. (A Dona estava na calçada da sua casa e apontava para boete LUXUS). E a loja nossa, era na casa que era do meu pai. Era de pareio. Era ali também. Eles desmancharam tudo, né. Acabou tudo. A minha mãe, fazia pastel colocava no bar para vender. Todo dia de noite eu deitava no banquinho e ficava

olhando ela fazer pastel. Ela fazia de noite porquê de dia ela não tinha tempo, né. De dia ela cuidava dos filhos e da casa, né. Tinha oito mulheres e sete homens e a casa.

Dona Euceni

Figura 23: Caminho antigo do Distrito de Cerrado à Campinas.



(A)

GO-080 entrada do Distrito de Vila Rica.



(B)

Estrada de acesso a BR-153 e GO-466.



(C)

Canteiro central, entre as pistas da GO-080 e continuação da estrada de acesso a BR-153 e GO-466 a direita e a esquerda da GO-80, continuação do acesso a antiga estrada para Campinas.



(D)

Antiga estrada para Campinas.

Fonte: (foto trabalho de campo, 08/2017).

Figura 24: Caminhos Antigos, Distrito de Cerrado, Máquinas de Arroz.



(A) O Moinho Botafogo ou "A Máquina de Arroz do seu Zé Colim".



(B) "Máquina de arroz do seu Faria".



(C) "Máquina de Arroz do seu João de Castro".



(D) "Máquina de Arroz do seu Olímpio".

Fonte: (foto trabalho de campo, 08/2017).

Figura 25: Estrada da Passaginha



Fonte: (foto: trabalho e campo, 06/2015)

A tropeiragem que compunha parte da sociabilidade da vida no passado é também trazida nos relatos de memória... Memórias revisitadas pelos interlocutores ao reviverem nas suas memórias as viagens que faziam pelas antigas estrada de carro de boi que hoje dão lugar as GO 080 (figura 23), caminho para Goiânia e a Estrada da Passaginha relegada nos dias atuais a um desvio da GO- 222 (figura 25), faz ligação com a cidade de Anápolis.

Dona Mirandolina

Levava as coisas da Embira para Goiânia. Era de carro de boi. Goiânia, era Goiânia não era Campinas. Tinha Goiânia não. Eles fizeram Goiânia depois, quando a gente chegou não tinha Goiânia. Só tinha Goiânia, era Goiânia não era Campinas. Tinha Goiânia não. Eles fizeram Goiânia depois, quando a gente chegou não tinha Goiânia. Só tinha a Campinas. Depois que a gente chegou, trabalhamos compramos a fazenda né.

Plantamos cana, aí moía. Tinha gado. Tinha feijão. Fazia manteiga de garrafa, moía a cana fazia a rapadura, sapão. Ia vender em Campinas. An! A estrada. Era a estrada carreira. De chão. A estrada

era a mesma até Campinas. A gente não ia direto não. Passava por riba. Ia até Campinas e passava, por riba para chegar em Goiânia.

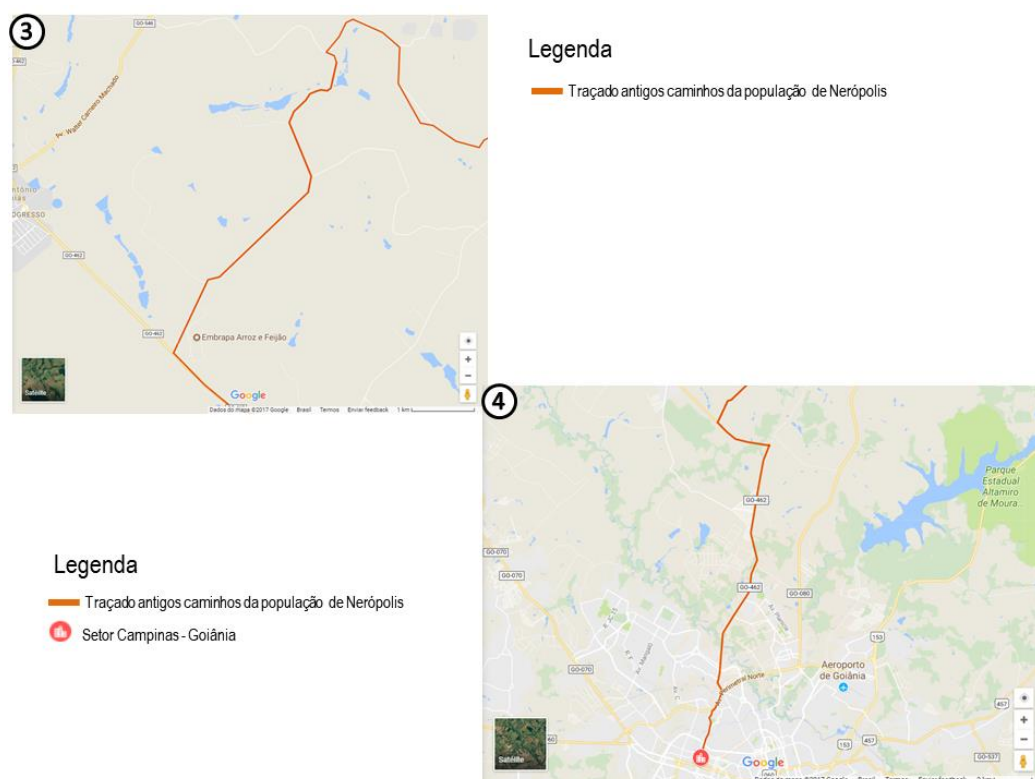
Da Embira ia pela venda A estrada velha. Chegava na venda e cortava, ai chegava lá em campinas. Passávamos dentro de córregos. Depois que eles fizeram mata burro. Aí não precisava passar dentro de córrego.

Dona Gercilia

É o seguinte, meu pai era cargueiro de burro e ele pegava de Barreiras na Bahia, até Goiás Velho. Ele trazia era sal de lá, da Bahia e chegava aqui em Nerópolis, ali, aonde é o Galé. Sabe aonde é o Galé? Aquele pasto tudo ali, era pousada dos burros dele. Então, ele vinha de lá, parava aqui, descansava e seguia para Goiás. Chegava lá, carregava. Pegava o cal colocava no burro. Chegava aqui em Nerópolis, descansava de novo e seguia para a Bahia. Esse era o serviço dele. Eles vieram para cá, atrás de oportunidade. Era uma terra nova propicia com ele era tropeiro, trouxe a família para poder começar a comercializar né.

A figura abaixo demonstra o caminho que os tropeiros do Distrito de Cerrado Faziam para vender seus produtos em Campinas segundo dona Mirandolina.

Figura 26: Traçado Antigo Caminhos da População de Nerópolis.



Fonte: (Fragmento trabalho de campo, 08/2014. Google Maps)

Gercília

Ele levava muitas coisas, que eu nem sei dizer aqui. Ele levava para a Bahia, ele levava mercadoria, para vender. Eu não sei, nem o que que era que ele levava. E depois de lá pra cá, ele trazia baiano, pra trabalhar. Ele trazia os baianos, trinta, quarenta baianos. Chegava aqui ficava tudo na casa dele comendo. Ai! A gente ia lá, e falava assim, eu preciso de dez pessoas para trabalhar. Ai nos falávamos, assim, vou comprar o baia [risos].

Chegava lá, aquele baiano que estava devendo para ele ali, dez reais, um reais. Aliais, naquele tempo valia um cruzeiro. Porque um cruzeiro valia, um dia de serviço. Ai ele pegava, pagava a conta dele para o Raul. Ele ia trabalhar para outro lado. Porque ali ele tinha que dar comida, tinha que dar tudo. Ai, ali quando o caboco pagava ele sumia no mundo.

Altair Pazzini

Figura 23: Areia de descanso da tropa de Jumentos no Distrito de Cerrado na Rua Alan Kardec



Fonte: (trabalho de campo, 08/ 2017).

Em relação ao Asilo, dona Gercília nos diz:

O Asilo a Casa São Vicente de Paula o senhor ela recebia e cuidava de pessoas abandonadas ou deficientes mentais? Ali era uma casa que se dedicava a cuidar de gente, depois que virou um abrigo. Agora ali nessa casa, eu não tenho a informação não. Agora, lá no Guardianopolis sim. Porque lá, era do o pai do Wilmar Teixeira. Era do seu Guardiano Teixeira. Ele tinha a fazenda e era muito caridoso, cuidava das pessoas pobres. Ai! começou, ai, foi o primeiro a criar um centro espírita. O primeiro Centro Espirita foi criado lá. E ai vinha gente com perturbações de vários, e vários lugares que vinham para tratar com ele, lá. Como não tinha lugar e era demorado o tratamento. Ele começou a fazer umas casinhas para o povo ficar lá. Ai começou o povoado o Guardianopolis. No meu livro e falei que a casa de doido era lá. Lá no Guardianopolis, e não aqui no asilo.

Antigamente é o seguinte. Como não havia hospitais era muito precário o estado de em Goiás e Nerópolis também, não tinha hospitais para doentes mentais. Então o que foi feito curas através de Paumelo de Goiás, foi feito clinicas de reabilitação de pessoas com problemas mentais. Foram trazidos para cá. Então primeiro Guardianopolis depois para Nerópolis. E ai! Eram locais de atendimento de pessoas deficientes mentais que saiam dali recuperadas. Como seria feito essas terapias? Essas terapias eram feitas a partir de um processo de cura espiritual. Que hoje, trata através de medicamento de remédios. Porque naquela época, não tinha remédio, nem aonde levar as pessoas para recuperar.

Aí! As pessoas eram tratadas, ali naquele ambiente. As pessoas ficavam semanas, meses, até reabilitar. E voltavam para as suas casas em estado normal. Entendeu, eles eram tratados dessa forma. Nessa época, tinha um grupo de pessoas que cuidavam, até eu mesma nessa época era criança meu pai também era membro. Então eu levava, café da manhã, almoço lanche. Então eu levava. Faz tempo na década de quarenta, quarenta e oito, cinquenta sessenta. Eu levava lanche, essa coisa toda. As pessoas ficavam ali, sem contato com outras pessoas para elas poderem se recuperar. A terapia era feita através de orações, passes e processos com a mão. E era muito interessante, porque hoje a gente compara. Pessoas que fazem tratamento em clínica psiquiátricas com as pessoas que faziam tratamento lá, naquela época e saravam.

Entendeu, então era uma coisa muito interessante. Membros da época, seu Aprichio que faleceu agora, seu Arselino. Meu pai que era o Gerônimo Nascimento. Então todos eles eram membros dessa época lá do asilo. Era o senhor José de Paula, a mãe do Rozirom. Ai! São coisas assim que eu sei daquela época.

Porque eu participei. Eles vinham iam para o Guardianopolis e para Nerópolis também. Através do seu Guardiano, o pai do Wilmar Teixeira. Veio gente Palmelo, para o Guardianopolis, do Guardianopolis veio para Nerópolis. E uma história muito bonita, daquele lar.

Dona Gercília

Figura 25: Lar São Vicente de Paula do Centro Espírita Luz e Caridade



Fonte: (trabalho de campo, 06/2015).

O processo de municipalização é também lembrado na memória dos depoentes, como algo mais recente e que recebe muitas outras referências.

Aqui chamava Cerrado. Depois que colocaram o nome de Nerópolis. Municipalizaram ai colocaram o nome de Nerópolis. Ai, quando ia arrumar negócio. Ia tudo para Anápolis. Anápolis que tinha carta, cartório. Ai, ia tudo para Anápolis, arrumava tudo lá. Ai, arrumaram Nerópolis, né. Municipalizou colocaram o nome de Nerópolis. Quando municipalizou, né. Quando municipalizou eles abriram as ruas. Já estavam traçadas. As ruas já estavam traçadas né, ai eles arrumaram elas. As estradas de Anápolis, esse fundo ai, de Nova Veneza de Inhumas. Foi tudo na mão oh! Enxada, enxada, picareta, foi tudo na mão. De Anápolis para Goiânia esses caminhos ali, para passar por lá, Nova Veneza. Veio gente da Bahia para trabalhar aqui. Para dorme de noite, tinha fazer as casinhas de tapua todos os dias. Por causa de onça.

Já a família de seu Altair Pazzini, personagens importantes desse processo, lembra outros elementos que posteriormente serão apreciados.

Eles tiveram que fazer muita coisa aqui para poder municipalizar ih! O governo de Anápolis, na época, exigiu muitas coisas. Para poder deixar municipalizar, eles tiveram que fazer escola, fazer o arruamento. Naquele tempo, não tinha rua. Eles fizeram tudo. Meu tio teve dar um carro de boi com uma junta de oito bois para pagar as dívidas que ficou. A prefeitura era pequeninha era uma portinha, lajeto á no centro junto do primeiro cartório. O cartório que pegou fogo. Ai ficou muito tempo sem ter cartório. Depois que eles fizeram o prédio da prefeitura.

Eu sei que a municipalização ficou cara viu, porque eles tiveram que fazer tudo. Ih! O prefeito de Anápolis na época exigiu, que eles fizesse tudo, no processo de municipalização para provar que eles podiam governar. Para ai, dar a municipalização, eles os fazendeiros tiveram que fazer tudo arrumar para virar cidade. Eles abriram as ruas porque as ruas eram todas tortas. Tinha muito era caminho, trieiros que levava até as casas. Eles abriam as ruas com foice, machado enxada. Quando tinha mutirão vinha era muita gente trabalhar para limpar as ruas, traziam até carro de boi para ajudar. Limpavam as ruas todos anos, nos mutirão. Foi eles fizeram o cemitério novo também, abriu um bairro. O Bairro Botafogo foi aberto por causa disso. Tinha nada aqui quando eu era menino. Eu lembro tinha uma casinha lá, embaixo perto do córrego e só e essas chácara ali no final da rua onde é oficina era do meu pai. Quando eles foram fazer o Botafogo deu briga, deu até tiro, lá.

Figura 27: Prédio da Prefeitura Municipal



Fonte: (trabalho de campo, 08/2014. Arquivo pessoal de Ismael Sales de Lima)

A estrada de ferro, marca crucial na decisão do nome, que nunca chegou, também é lembrada pela “promessa”.

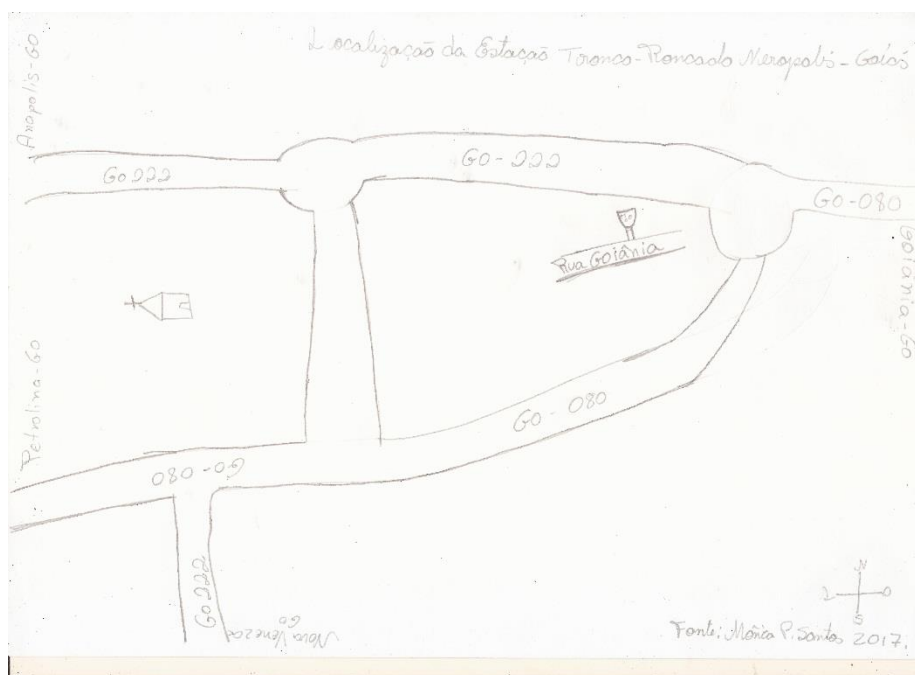
Aqui tinha trem de ferro não. O povo viajava de trem de ferro quando ia para longe. Para o rio. O Rio de Janeiro. Quando ia para longe. Lá em Goiânia tinha trem. O trem de ferro fizeram um trem parecendo mata burro e o trem passava.

Dona Mirandolina

Eles começaram a fazer buracos depois parou. Era para passar ali perto da praça e sair (acenando para a saída de Goiânia). Eu era criança ainda. Hoje a gente não se lembra de quase nada. Eu já estou com noventa e um anos. Já fazem alguns anos. A gente esquece né.

Dona Euceni

Figura 27: Localização da Estação de Ferro Tronco Roncador em Nerópolis



Fonte: (fragmento trabalho de campo, 05/2016)

E é com o sorriso farto de dona Mirandolina que percebo que esta viagem chegou ao fim. Assim como, tantas outras viagens planejadas e ensaiadas, durante meses, sei que ele deixa para trás, a análise de tantas outras coisas que descobri sobre este lugar e que não expus. A *rua vai vem* em que a dona Euceni ficava olhando pela janela as moças passearem no domingo à noite, depois da missa. A mesma rua que anos depois abrigou a fantasia de ter seu chão cortado pela ilusão trazida pelos trilhos do trem de ferro. Teve gente que jurou que ele ia passar por aqui, desse jeito até município o Distrito de Cerrado virou! Camuflou o discurso fundador da Fazenda Taveira e Nerópolis, assim ficou. Os mutirões, os migrantes baianos trazidos em pau de arrara para construir os prédios da nova cidade, os japoneses, os árabes tantos outros que chegaram a Anápolis- Sant'Anna das Antas e pararam e ficaram no Distrito de Cerrado.

Sinto o cheiro forte dos livros desesperados que li, mais pelo meu tempo não pode usá-los aqui. Choro ontem, choro hoje, choro forte. Mas, as lágrima são gotas de orvalho que fazem o capim nascer mais forte. Outra hora eu volto. Volto porque essa viagem por mais que tenha sido um alento, ela chega ao fim com um survey, um levantamento de como era parte da vida dos moradores do Distrito de Cerrado. A viagem não acabou, retorno para casa com os braços forte de carregar, o caderno de campo, repleto de pontos para elaborar outro itinerário para o Distrito de cerrado.

CONCLUSÃO

Dizem que uma coisa não acontece duas vezes do mesmo jeito, eu disse aqui uma vez, que duas coisas podem acontecer de maneira parecida. Hoje acredito que três coisas podem ter semelhanças na maneira em que elas acontecem, Natália, minha *psicóloga holística*, sempre diz que, basta estar aberto para as coisas acontecerem.

Eu falo: Eu estou deixando acontecer.

Deixando as coisas se apresentarem para mim de maneira natural, sem eu podar as situações. Estou deixando a vida acontecer e o campo acontecer também. O campo por tanto, acontece quando deixo de me preocupar desesperadamente com ele.

Hoje fui á secretária de saúde participar da reunião para fazer uma cirurgia

Como não estou saindo muito de casa, fiz uma lista de coisas para fazer no Centro, aproveitar a minha ida “lá em baixo”. Saí da reunião, me coloquei a olhar e pensar nas ruas do centro descí pela rua Antônio Roncato, passei na calçada em frente ao Salão Aghata Brandinelli fica ao lado de um pequeno açougue especializado em carne porco caipira. Me lembra a tradição camponesa, a ligação dos moradores do centro com o campo, com a roça. Fui descendo a rua da farmácia do Seu Pacífico, virei na rua da Escola Criança Feliz II. Entrei em uma birosca e comprei dois saquinhos de pão de queijo amanhecido.

A birosca é simples, nada de vitrine com maria mole, suspiro, doce de leite, doce de leite ninho, banana, amendoim, misto quente, paçoca, balinha macia de frutas, caramelo ou chocolate. Não tem sacos de pipoca doce dependurado, ou de salgadinhos, chicletes e chocolates como aqueles expostos em vitrines e no balcão do a dona Aparecida e o seu Jorge Japonês, há duas quadras daqui.

Esta é a sala de uma casa antiga que virou quitanda é de uma senhora que provavelmente é acostumada a levantar da cama às cinco horas da manhã e passou a vida inteira cuidando dos seus filhos, da família, da vida. Agora deve ser “aposentada” e no entanto, continua a fazer bolos, biscoitos, roscas e pães de queijo caseiros para se manter ativa na vida e ao mesmo tempo, contribuir com as despesas da casa.

Do lado de cá do balcão, dá para ver a repartição e as feições da casa, portas de madeira antiga, pintadas de tinta à óleo, um pequeno jardim que dá acesso a uma área que provavelmente deve ser a cozinha onde ela “amassa” os bolos e os pães. Do outro lado do balcão um puf marrom forrado com um tapete vermelho, de flor, com destaque em alto relevo de retalho vermelho. Um conforto no desconforto para a pequena comerciante que fica esperando os seus clientes chegarem. Volto os olhos para o lado de dentro do balcão. Do lado direito está uma máquina de moer café torrado, um expositor como ovos, manteiga, salame e queijo mutissarela, tudo muito simples e em pequenas quantidades.

Um caixa improvisado em um pequeno espaço, em um nicho do expositor, demonstra a simplicidade da senhora em lidar com o dinheiro das suas vendas. Notas separadas e colocadas uma do lado da outra, para facilitar a identificação na hora do troco. Moedas no caixa e sobre o balcão. Apesar da minha dificuldade habitual em lidar com dinheiro, ajudei ela a fazer o troco, pois ficou faltando 5,00 reais na nota de 20,00 que havia passado para ela. Nessas horas é comum ficar faltando ou passando uma nota, é só conversar e resolver.

Na calçada da Maria Helena duas mulheres estão varrendo e conversando, todas as vezes que passava por aqui. Ficava pensando: “para que serve esse portãozinho de apenas um metro de altura”. Para nada! No entanto, este pequeno portão simboliza a ligação dos moradores desta casa com a roça com o trabalho no campo, esta pequena barreira seve para separar a rua da casa e proteger as ferramentas que eram usadas o dia inteiro no roçado, e nas plantações de outrora.

Figura 28: Portão da casa da Maria Helena



Fonte: (trabalho de campo, 08/2017)

Então vi a casa do pirulito, a tapeçaria, e fiquei olhando e observando os detalhes da porta, o telhado, o trabalho em cima de cada porta a janela de madeira, o telhado de telha colonial derriçado devido o tempo e a chuva. A viga de madeira que faz a junção entre as paredes expostas e os tijolos unidos de barro que se juntam, como o muro tampado com madeira para ninguém entrar.

Fiquei olhando e observando porque foi para isso que eu vim, aqui no Centro na Matinha dos Taveira, no Distrito de Cerrado. Vim para sentir esse lugar. Para poder pensar sobre ele, nas falas das pessoas que eu entrevistei, *nos meus “interlocutores”, ou informantes*, como dizem os autores e livros. Para poder sentir a vida deles e me lembrar das coisas que foram contadas para mim. Volto e refaço o campo para poder respeitar e honrar todas as lembranças que eles compartilharam.

Queria sentir o desnível dos broquetes tampados de massa asfáltica. De pinche quebrado pela trepidação das rodas dos carros provocados pela alteração da densidade que esses materiais sofrem com a variação de temperatura. Mas, principalmente pela resistência da força desse chão de ontem, carregado das histórias daqueles que moravam no Distrito de Cerrado, hoje no Centro da cidade pode-se andar a pé, de carro e de cadeira de rodas.

Comprei fubá e milho de canjica no Moinho Coelho.

Subi a Rua Josefina Ludovico, no sentido da Igreja São Benedito e fiquei observando as casas, seus alpendres trancados com grades e outros vigiados por vasos de samambaias e placas: “Vende-se mandioca e pão de queijo”. Casa de alpendre é do tempo da fartura: no alpendre se colocava os sacos de arroz, as farinhas. Fiquei pensando, que histórias elas guardam? Nessa casa deve ter quintal com milharal no fundo. Isso é comum aqui nas casas do Centro e do setor Botafogo, pois os lotes são antigos e grandes, medindo entre 530 até 720 metros quadrados.

Passei em frente à casa da Dona Mirandolina, informante dessa pesquisa e senti vontade de agradecê-la, mas fiquei tímida e envergonhada de “bater no portão” outra vez. Continuei andando pela calçada, virei à esquina que desce na rua da Loja da Rosa, lugar que era o Banco do Brasil, até pouco tempo atrás, uma rugosidade, um marco que teve uma outra função no passado, mais que permaneceu e hoje atende a outro proposito, marcando a passagem do tempo no centro desta cidade.

Desci na Rua Narceu de Almeida fui tirar uma fotografia da Casa do Pirulito, a Tapeçaria. Tinha uma senhora sentada em uma cadeira de rodas tomando sol com a cuidadora. Coloquei a sacola e a minha bolsa no chão aos pés de uma árvore, era um pé de jamelão, e comecei a fotografar as portas trancadas e pinchadas, no entanto, os rastros da tinta preta deixou a casa velha bonita porque mostra a sua força, a sua beleza com detalhes arquitetônicos em *art decor*.

Atravessei a rua para fotografá-la de longe, queria uma imagem frontal que aprisionasse essa força. Do outro lado da rua enquanto fotografava, fiquei olhando para aquela senhora, e ela me observando também. Lembrei de Carlos Rodrigues Brandão (2007) no texto Reflexões sobre o trabalho de campo, quando ele diz que o campo se realiza quando a gente encara ele sem pretensão, sem neuras. Quando estamos dispostos a conversar, a conhecer o outro, a encontrar o tempo que outro vive. Lembrei dele conversando com o garimpeiro e da maneira que ele conduziu a conversar, as perguntas. Com uma vontade de aprender o ofício daquele velho e não perguntar para ele, apenas como era o trabalho do garimpo. “*Senhor Nhô, é desse jeito que segura a bateia? Tô, deixando cair toda a areia*”.

Desliguei o celular, peguei as minhas sacolas e decidi ir falar com a senhora. Aproximei-me e comecei a falar o que estava fazendo. Brandão (2007) disse que se você estiver em um bar, fale como se estivesse bêbado. Como estava andando falei como uma pessoa que estava andando pela rua. E assim foi...

-Estou tirando uma foto da casa, acho ela muito bonita! Estou fazendo um trabalho para a faculdade de como eram as casas do centro de Nerópolis antigamente.

- (Cuidadora) Ah! Ela está fazendo um trabalho de como era aqui, sobre as casas antigamente.

- (Mulher) *Eh! minha filha, você tinha que ver como era. Tinha muitas casas dessas. A rua aqui era uma poeira que só. Tinha esse piso não. Foi o senhor Jaime que fez essas ruas. Mais depois o Pedro José colocou essas pedras, aí ficou bom. Meu pai era dono da loja de tecido que ficava ali, onde é esse negócio preto. Faz tempo tinha a loja e o bar. Nós viemos para cá de Corumbá, eu tinha 12 anos. Nós viemos de caminhão aqui tinha só umas casinhas. Tinha casa aqui onde é o mercado. A casa do meu pai, outra ali (**casa da dona Mirandolina**) uma lá frente, outras duas para lá, Aqui era pequenininho tinha poucas casas.*

Quando ela começou a falar sentei na calçada e perguntei se poderia gravar ela falando. Ela disse: *“pode, minha filha”*. Depois sentei na cadeira do lado dela, ela continuou a contar as histórias da sua vida.

“Vim de Corumbá na estrada de Goiás Velho de caminhão, meu pai vendeu fazenda lá. Comprou casa, montou loja. Minha mãe e a minha irmã arrumavam as noivas que vinham da roça para casar. Saíam da loja arrumadas. O cemitério velho era no lugar do Correto, tiraram e a igreja era pequenininha o padre morava aqui. Tiraram os ossos levaram para o cemitério novo. Senhor João Guerra fez muitas coisas. A ponte que ia para Anápolis foi ele quem fez, tinha uma pinguela velha. Eu tinha sete filhos. Quinze irmãos que trabalhavam e eu levava comida para eles na roça”.

A dona Neuceni, se tornou informante da pesquisa, por imposição do acaso, e falou tudo que eu queria. Falou no tempo dela, com a ordem que a memória dela. impôs, ordenou e a mim não restou outra coisa a não ser respeitar a ordem da fala dela. O tempo dela. Durante a sua narrativa, que durou umas duas horas ela parou, chorou e

conversou com outras pessoas, mas o que mais pesou foi ouvir ela dizer com uma voz da mais profunda tristeza e solidão, desapego pela vida que não chegou ao fim.

Chorando ela disse: *“Morreu todo mundo! Eu fiquei sozinha, ninguém existe mais! Meus filhos morreram, meus irmãos, meu pai, a mãe. Eu tenho só uma sobrinha, filha de um primo mora ali, apontando para a rua de baixo, mas ela não liga para mim não. Fui lá visitar o menino que nasceu. Eu fiquei lá falando sozinha. Pus benção nele e vim embora! Eu tô, sozinha não existe mais ninguém. Só que não morri eu fiquei para semente. Chorava e apertava os olhos. Era de força e ao mesmo tempo um fragilidade”*.

O que dizer para uma pessoa que está esperando a morte para ser feliz? Para se livrar da condição da velhice, está sozinha e sabe, tem a plena convicção de que esse fim ou recomeço está próximo. Apesar do meu jeito, do meu desconforto, desespero de estar diante daquela a situação, única coisa que consegui disser foi: “Calma dona Euceni Deus tem um plano para cada um de nós. Olha que eu não acreditava nisso, mas agora cada dia que passa eu acredito cada vez mais nisso. Isso aqui é só um tempo e uma passagem e a senhora vai ver todo mundo do lado de lá ainda, nem que seja de longe ou só uma vez. Olha que não sou da religião. Até porque para que serviria viver tudo isso? Se não fosse para a gente melhorar em alguma coisa...”

Diante de muitas coisas, acredito que deus verdadeiro é o Deus da Polinésia do programa humorístico *“portas do fundo”*.

Banzo, generosidade, melancolia. Porque aquela mulher se abriu pra mim? A abertura desses interlocutores durante todos os trabalhos de campo, pediram de mim atenção. A mesma que os idosos de Ecléa Bosi pediu dela em Memória e Sociedade Lembranças de Velhos quando choravam, quando acompanhavam ela até o portão e perguntavam se ela iria voltar, e contava as coisas que eles se policiaram e não contaram durante a entrevista.

Foi inevitável não lembrar a minha vó. Quando ela chegava em casa no dia de domingo de manhã, minha mãe não estava. Ligava a televisão na Inezita Barroso, no programa VIOLA MINHA VIOLA de música caipira, e moda de viola são duas expressões musicais distintas. As modas de viola são representações sociais, pois apresentam-se como uma maneira de interpretar e pensar a “realidade” cotidiana do caipira. No estudo Moda de viola e modos de vida: Representações do rural na moda de

viola, Meneses (2008) analisa as obras de Antônio Candido¹⁵ relata que a moda de viola é um ritmo de origem rural, mais especificamente de áreas do interior das regiões centro-oeste, sudeste e uma parcela do estado do Paraná. Coincide, aproximadamente, ao que ele chamou de “lençol da cultura caipira”.

Minha avô, sentava em uma cadeira, na área em frente a porta da sala, ficava assistindo e conversando sobre como era a vida antigamente, lá no interior de São Paulo em Piratininga, no tempo em que ela era criança. Depois falava de quando chegou em Goiás e se mudou de um povoado chamado Milho Inteiro, que existia em Senador Canedo, para o Jardim América, no tempo que as ruas de lá eram trieiros.

São as mesmas histórias. Não são histórias semelhantes porque a dona Anita e a dona Euceni não são a mesma pessoa. Hoje eu tenho confiança em dizer para qualquer professor dos diferentes institutos aos quais passei e fiz disciplina buscando compreender e entender e aceitar que a escala da Geografia é diferente quando se estuda o movimento do corpo do sujeito, e não apenas os processos que condicionaram a trajetórias que esses sujeitos realizaram sobre o território goiano.

Figura 29: Isto é uma birosca remanescente do armazém Alvorada dona Aparecida seu Jorge Japonês.



Fonte: (trabalho de Campo, 09/2017).

¹⁵O que é música sertaneja? Livro: Literatura e Sociedade de Antônio Cândido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Roosemberg Rodrigues. **Família Patriarcal e Nuclear: Conceito, características e transformações**. II Seminário de Pesquisa da Pós- Graduação em História UFG/UCG. Set/2009. Goiânia Goiás.

ARRAIS, Tadeu Alencar. **A Produção do Território Goiano: Economia, Urbanização**. Metropolização. Editora UFG, 2013.

_____. **Seis Modos de ver a Cidade**. Editora Câneone 2006.

BENJAMIN, Walter. **Paris do Segundo Império**. In: Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Obras escolhidas III. São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____. Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

Disponível em: http://www.transcricoes.art.br/wp-content/uploads/2016/05/NC_-O-narrador-walter-benjamin-2.pdf Acesso: out/2017

BORGES, Humberto Crispim. **História de Anápolis**. Goiânia: Kelps, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. Lisboa / RS, Difec/ Berthand, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Reflexões Sobre como Fazer Trabalho de Campo**. Revista Sociedade e Cultura. V.10. n.01. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fchf/article/view/1719> Acesso: jul: 2015

BOSI, Ecléia, **Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos**. 3ª edição São Paulo: Companhia das letras, 1994.

CERTAU, Michael de. **A Invenção do Cotidiano: A Arte de Fazer**. 3 ° Edição. Editora Vozes. Petrópolis 1998.

CHAUL, Nars Fayad. **Caminhos de Goiás: da Construção da Decadência aos Limites da Modernidade**. Goiânia. Editora UFG 2010.

Cruz Terra Santa. **Santos e Ícones Católicos**. Disponível em: <http://cruzterrasanta.com.br/historias-de-santos.aspx?idsanto=129#c>

Acesso: out/2017.

Goiás. Assembleia Legislativa de Goiás. **Perfil Biográfico**
<https://portal.al.go.leg.br/deputado/perfil/deputado/1642>

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro**. 6ª edição Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ESTEVAM, Luís. **O Tempo da Transformação Estrutura e Dinâmica da formação econômica de Goiás**. 2ª ed. – Goiânia: Ed. da UCG, 2004.

FRAZÃO, Dilva. **Anita Revolucionária brasileira**. Disponível em:
https://www.ebiografia.com/anita_garibaldi/ Acesso Out/2017.

GUIMARÃES, Maria Tereza Canesin. **Formas de Organização Camponesa em Goiás (1954- 1964)**. 2 ed.- Goiânia: Editora UFG, 2014

LE GOFF, Jacques. Tradução Bernardo Leitão. **Memória e História**. In [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios) Disponível em:
<http://memorial.trt11.jus.br/wp-content/uploads/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf> Acesso: nov/ 2017

MARX, Murillo. **Cidade No Brasil Terra de Quem? São Paulo**: Nobel Editora da Universidade de São Paulo 1991.

MATTOS, CLG. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso 18/ 08/2016.

MAURICE, Halbwach. **A Memória Coletiva**. Tradução editorial LAURENTE LEON SCHAFFTER. Edições Vértices. Edição 1990 – São Paulo – SP, Brasil.

PALMERO, Mario. **O Vila dos Confins**. Editora Abril Cultural, 1983. Disponível.
<file:///C:/Users/monica/Downloads/Vila%20dos%20Confins%20-%20M%C3%A1rio%20Palm%C3%A9rio.pdf> . Acesso: nov/ 2017

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

Disponível em: <http://www.sergiofreire.pro.br/ad/Pecheux-DEA.PDF> . Acesso 10 / ago/ 2017

PEREIRA, Valeria Cristina. **A Janela Caleidoscópica: Educação e Sensibilidade Através da Geografia da Arte**. Revista. Geograficidades | v.2, n.1, Verão 2012. Acesso: out/2017.

_____. **A cidade no labirinto: descortinando metáforas da pós-modernidade**. Revista Sociedade & Natureza, Uberlândia, 21 (1): 147-158, ABR. 2009. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/sn/v21n1/v21n1a10.pdf>. Acesso: out/ 2017

POLONIAL, Juscelino. **Anápolis das Origens do Povoado á Revolução de 1930**. 100 anos: Anápolis em pesquisa/ Org Mirza Seabra Toschi. - Anápolis: [s.n.], 2007 (Goiânia: E.V) 227p.: il.

PUCCINELLI, Eni Orland. **Discurso Fundador (A Formação do País e a Construção da Identidade Nacional**. Campinas, SP: Pontes, 1993, - (Linguagens / crítica).

POLLAK, Michael. MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL. Tradução: Monique Augras. A edição é de Dora Rocha. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1997, p. 200-212

POLONIAL, Juscelino Martins. **Ensaio Sobre A História De Anápolis**. Goiânia Kelps, 2011.

SABOURIN, Eric. **Camponeses do Brasil entre a troca mercantil e a reciprocidade**. Traduzido por francês por Leonard Milani. – Rio de Janeiro: Gramond, 2009. 336.: il.- (Terra mater).

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço Técnica e Tempo Razão e Emoção**. 2ª Edição. Editora. Hucitec São Paulo, 1997.

_____. **O Tempo Nas Cidades**. Conferência O Tempo na Filosofia e na História. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v54n2/14803.pdf>. Acesso: jun/2017

SANTOS, Lori Marli. **Alan Kardec**. Instituto André Luís. Disponível em: <http://www.institutoandreluiz.org/andreluiz.html> Acesso out/2017.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso Sobre as Ciências**. 5 ° Cortez Editora.

SANTOS, Milton. **O espaço Geográfico com Categoria Filosófica**. Revista Terra Livre, São Paulo. N.5,p.9-20.

SILVA, Júlia Bueno De Moraes. **O Interior E Sua Importância No Projeto Centralizador Do Brasil: Anápolis Anos 20-30.** (Dissertação em História) - Departamento em História das Sociedades Agrárias, Universidade Federal De Goiás, Goiânia 2010. f.136. Disponível em: https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/SILVA__J_lia_Bueno_de_Morais._1997.pdf. Acesso em: 09/mar/2016.

SILVA, Rusvênia Luiza Batista Rodrigues. **Patrimônios Espaços e Lugares: Estudo das vilas de Cibebe e Caiçara e seus Conteúdos.** São Paulo, 2008.

SILVA, Paula Carine Mayer. Campos, Luciene Jung. **O Discurso fundador na História do município de Canelas.** VI Seminário de Estudos em Análise de discurso 1983-2013. Michel Pexeus: 30 anos de uma presença. **Porto alegre de 15 a 18 outubro de 2013.** Disponível em: <http://analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/6SEAD/PAINEIS/ODiscursoFundadorNaProducao.pdf>. Acesso 10/ jun/ 2017

SILVA, Leicy Francisca da. **Eternos Órfãos da Saúde [manuscrito]: medicina, política e construção da lepra em Goiás (1830-1962).** Universidade Federal de Goiás Faculdade de História – tese - 2013. 358 f. :Disponível em: https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/LEICY_FRANCISCA_DA_SILVA.pdf Acesso: nov /2017.

Uriarte, Urpi Montoya « **O que é fazer etnografia para os antropólogos** », *Ponto Urbe* [Online], 11 | 2012, posto online no dia 14 Março 2014, consultado o 18 Novembro 2017. URL : <http://pontourbe.revues.org/300> ; DOI : 10.4000/pontourbe.300

RELF, Edward. **Reflexões Sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar.** In. Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenologia/ [org. de Eduard Marandola Jr., Werther Holzer, Lívia de Oliveira- São Paulo: Perspectiva, 2012. 21il. (Estudos; 302).

RAMOS, Hugo de Carvalho. **Tropas e Boiada.** Disponível em : <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/cb000001.pdf>. Acesso out/ 2017.

Revista Hospitalidades V. XII n.01 Jun/ 2015 “Primórdios de Canela”: o engendramento do discurso fundador de um destino turístico **Disponível em:** <https://www.revhosp.org/hospitalidade/article/view/556/652>

QUEIROZ, Maria Laura Silveira. **O catolicismo Rustico no Brasil.**
:file:///C:/Users/monica/Pictures/thay/Catolisismo%20rural%20maria%20laura%20silveira.pdf Acesso out/ 2017

TEXEIRA NETO, ANTÔNIO. **Os Caminhos de Ontem em Direção á Goiás-Tocantins.** Blog Família Pioneira. TEXEIRA. Dulce Loyola.

ANEXO 1 - SOMBRAS**Triste, Louca ou Má – Francisco, El Hombre**

Triste, louca ou má

A receita cultural

Do marido, da família

Cuida, cuida da rotina

Só mesmo rejeita

Bem conhecida receita

Quem não sem dores

Aceita que tudo deve mudar

Que um homem não te define

Sua casa não te define

Sua carne não te define

Você é seu próprio lar

Ela desatinou

Desatou nós

Vai viver só

Eu não me vejo na palavra

Fêmea: alvo de caça

Conformada vítima

Prefiro queimar o mapa

Traçar de novo a estrada

Ver cores nas cinzas

E a vida reinventar

E um homem não me define

Minha casa não me define

Minha carne não me define

Eu sou meu próprio lar

Ela desatinou

Desatou nós

Vai viver só

Entre conversas, desacordos risos e broncas as minhas sessões de orientação com a Rusvênia estiveram regadas também de quitandas e café forte. Desde a primeira vez, como um jeito de aproximar, quando eu sabia que iria encontra-la, fazia um bolo. Começou com o bolo de fubá. Depois fui testando outras receitas. Levava com a fôrma, deserformava e comíamos o bolo.

Ao término da reunião de orientação eu ganhava uma carona e ficava com a expectativa de rever. Ficava com vontade de levar um trabalho no qual estivesse grafado o resultado das conversas e das descobertas que a cada reunião foram comentadas.

Mas fiz o que fiz. Seguem as receitas testadas.

BOLO DE FUBÁ

Ingredientes:

Um copo americano de leite

Um copo de queijo ralado

Um copo americano de açúcar

Um copo de fubá

Meio copo americano de óleo

Dois ovos

Uma colher de sopa de pó Royal (fermento biológico seco)

Preparo:

Junte todos os ingredientes líquidos, coloque no liquidificador depois coloque o fubá. Bata tudo até misturar todos os ingredientes por último a crescente o fermento. Coloque em uma forma untada e enfarinhada. Leve ao forno pré- aquecido 180° por aproximadamente trinta minutos.

MANE PELADO

Ingredientes:

Um prato de massa de mandioca ralada e espremida

Um prato de queijo ralado

Meio prato de açúcar

200 gramas de manteiga

Uma colher de sopa de pó Royal (fermento biológico seco)

Dois ovos aproximadamente.

Preparo:

Em um recipiente, coloque a massa de mandioca, manteiga, açúcar, queijo ralado misture. Por último acrescente o fermento. Coloque em uma forma untada com margarina leve ao forno pré- aquecido aproximadamente quarenta e cinco minutos.

BOLO DE BANANA

Sete bananas marmelo maduras

Cinco de sopa de açúcar mascavo

Três colheres de chocolate em pó

Um copo de farinha de rosca

Uma colher sopa de pó Royal (fermento biológico seco)

Uma pitada de bicarbonato

Meio copo de óleo

Três ovos

Preparo:

Preparo junte todos os ingredientes e bata no liquidificador; óleo, bananas, açúcar, ovos, chocolate. Transfira a mistura para um recipiente e acrescente a farinha o pó royal e o bicarbonato, misture bem e leve ao forno pré aquecido 180° por 35 minutos.

BOLO TATATAN

Ingredientes

Um pacote de mistura para bolo sabor de laranja

Um pacote de mistura para bolo sabor baunilha

Seis ovos

Quatro colheres de sopa de manteiga

Trezentos ml de leite

Recheio

Doze maçãs

Dois limões

120 gramas de manteiga de leite sem sal

Calda

Doze laranjas

Cinco colheres de açúcar de

Um envelope de gelatina sem sabor

Cobertura

Creme de confeiteiro

Quinhentos ml Leite

Três gemas

Duas colheres de sopa de maisena

Uma lata de leite condensado

Duas colheres de sopa de essência de baunilha

Uma colher de sopa de manteiga.

Preparo:

Massa: siga as instruções da embalagem da massa de bolo.

Calda: pegue as laranjas retire o caldo, coe em peneira com filtro de papel para retirar todos os gomos do bagaço. Leve ao fogo o açúcar deixe ficar em ponto de calda fina em seguida acrescente a gelatina hidratada.

Receio: retire o suco dos limões coloque em um recipiente. Corte as maçãs em fatias e deixe repousar na água de limão para não empertigar. Coloque a manteiga de leite na frigideira com o açúcar e frite lentamente.

Cobertura: em uma panela coloque leite, leite condensado, baunilha, manteiga, maisena faça um creme quando estiver cozido acrescente as gemas peneiradas e deixe cozinhar bem.



Só Para Si - Mario Quintana

Dona Cômoda tem gavetas.

E um ar confortável de senhora rica.

Nas gavetas guarda coisas de outros tempos,

Só para si.

Foi sempre assim, dona Cômoda:

ANEXO II - CHÃO



Anexo II - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS E CONVERSAS

Nome:
Mirandolina Pereira de Lima
Ano de nascimento:
07- abril de 1913
Profissão:
Lavradora
Endereço:
Rua Antônio Roncato setor Centro Nerópolis – Goiás

Eu- Quando a senhora chegou aqui?

Mirandolina - trinta e dois para trinta e três.

Eu - Aqui tinha muita casa? Fala com ela. Eu não sei falar com ela.

Filha - Tinha muita casa aqui? Aqui tinha muita casa?

Mirandolina - Tinha casa, tinha casa. Era pouquinha casa. Aqui era pouquinho morador. Aqui pra riba quase não tinha ninguém. Aqui quase que não tinha ninguém. Só tinha, oh! Só tinha uma casa, tinha ali.

Eu- Só uma?

Mirandolina - subia aqui para riba, quase não tinha ninguém. Só tinha essa casa ali, oh! Sabe oh! Ali tinha dois morador.

Eu – dois moradores?

Mirandolina - É, dois. Para o lado de lá, tinha a cadeia. A candeinha.

Filha- ela não esta respondendo.

Eu- Não pode deixar. O que mais a senhora lembra? Eu não sei falar com ela.

A minha falta de ação ou melhor constrangimento de falar gritando com a dona Mirandolina. Porque é apenas assim que ela ouve, tem problema de audição devido à idade. Então era necessário aumentar o tom de voz para ela ouvir. Sua filha chega bem próximo ao ouvido dela e fala bem auto para que ela ouvir com clareza. Dessa forma ela ouviu e conseguiu entender o que estávamos dizendo. Sem haver a necessidade de ficar repetindo a conversa mais de uma vez.

Eu- pergunta para ela se ela conheceu algum Taveira?

Filha- A senhora lembra dos Taveira?

Mirandolina - Hã?

Filha- A senhora conheceu algum Taveira? A senhora lembra de um pessoal que se chamava Taveira?

Mirandolina - Cadeira?

Filha: Taveira?

Eu- Da fazenda

Filha – Do povo que se chamava Taveira

Mirandolina – Você falou cadeira?

Filha -[risos] a praça é nossa.

Eu- Tadinha...

Filha- A senhora conheceu um povo chamado Taveira?

Mirandolina - Não! Não!

Filha – lembra não.

Eu – Daqui, a senhora lembra das pessoas que já estava aqui, quando a senhora chegou, se lembra?

Filha- Do povo que estava aqui. Quem a senhora conheceu?

Mirandolina - conheceu?

Filha- é!

Filha- é, para contar ué! Contar como que era? Quando a senhora chegou aqui? Como que era aqui? E para contar uai?

Mirandolina - Ai! oh! Tinha uma casa ali. Deixa eu ver. Tinha uma casa, ali. Pra baixo da cadeia. A mulher do Afonso e mulher do velho. Deixa eu ver com que é meu Deus. O velho se chamava Afonso. E mulher do velho. Deixa eu ver. Se chamava Maria. Mais ela mudou daí, para o caminho de Goiânia. Ela mudou daí foram lá para o caminho de Goiânia O velho tinha uma venda. Ele tinha uma venda. Ai o que ele fazia?

Às vezes a pessoa chegava, para comprar. Comprar o que comer. O que ele fazia?

Ele chegava a pinga. Dava pinga pra pessoa. Chegava um para comprar alguma coisa. Para comprar alguma coisa para comer. Dava pinga. Ele embebedava. Até a pessoa cair no chão. Ele roubava. Ele roubava. Disse que matava, ele matava e enterrava.

Eu – Enterrava?

Mirandolina – enterrava, acolá oh! De traz da cadeia.

Eu- da cadeia?

Mirandolina - É. Ele tinha uma venda, eu esqueci o nome do velho. [Risos dona Mirandolina]. Tinha a venda ali, perto da cadeia. Aí quando esta fechado o Gantuiador.

Aqui cada um corria, a traz de espingarda. Carabina! A aqui tudo era de carabina. Aqui cada um tinha, uma carabina. Deixa eu ver, por tudo eles atiravam. Aqui quando escurecia. Fechava as portas. Todo mundo, fechava as portas. Tinha medo de bala. Era tudo, porta fechada. Era só porta fechada. Você não via ninguém. Só ouvia o barulho. Fazia barulho assim, ôh! ziiu, ziiu, ziiu. [Risos, filha e neta]. Ai meu pai tomou conhecimento com ele. Com o homem da venda. Meu pai estava trabalhando, e um amigo dele que chamava Juliano. Meu pai tomou conhecimento com ele. Ele falava êh! conterrâneo. Ai! o rapaz passou, passou na carreira, caiu lá na rua. Eu te mato desgraçado, eu te mato desgraçado [três vezes]. [Risos dona Mirandolina] Aí meu pai falou para minha mãe eu vou acalmar Julieta. Ai, meu pai falou, calma Juliano calma acalmou, acalmou ele. Ai meu pai disse: êh! Juliano, não mata ele é o meu conterrâneo. Meu pai chegou abraçado com ele. Ai ele amansou, pai meu pai foi conversando com ele. Ai meu pai disse mata não ele e meu conterrâneo. Quando ele foi embora. Fechou a venda. Acabou. Acabou a arruaça não tinha bagunça mais. A rua ficou boa, sossegada. Tinha um pé de coqueiro. Ali ô dessa grossura. Lá da cadeia para cá. Ai fechava.

Eu- o que?

Mirandolina - Ali oh! Para baixo da cadeia. Tinha pé de coqueiro. Por poucas vezes.

Eu- o que?

Mirandolina - Tinha um pé de coqueiro ali ó. Dessa grossura. Lá na porta da cadeia, para cá. Fechava os atirador. Carabina! Aí estava fechado o catuiador.

Eu- Pergunta como foi a viagem que ela fez para chegar até aqui.

Filha- Ela quer saber como foi a viagem da Bahia até aqui. O que a senhora fez para chegar até aqui. Como que foi quando a senhora chegou aqui. O que a senhora passou. E para contar uai? Contar como a senhora chegou aqui da Bahia.

Mirandolina - A gente sofreu muito. A gente veio de a pé. Só a minha mãe e meu pai vieram montado. Só os velhos. Eu, a Orlina quatro [...], vieram seis. Seis de a pé. Ai! Tinha dia que a gente chorava, chorava chegava em algum lugar perigoso, tinha onça. Tinha dia que a gente, não dormia, tremia de medo de noite. O Paraná? Você já ouviu no rio Paraíba? A gente atravessou ele de noite e dormimos dentro da mata. Tinha onça. Tinha tudo quanto era bicho do mato. Ai meu pai derrubou mato, e fez fogo. Meu tio

também, por causa de cobra. Xá, xá xá, o barulho do fogo. Ai a gente passou a noite, quando o dia amanheceu ô levantar. Num frio, levantar para gente viajar. Eu passei aperto. Hoje quase nada. Por naquele tempo, quase não tinha ninguém. Daqui só longe, muito longe tinha fazendeiro. Andava, andava, só no outro dia para ver outro fazendeiro. Era bom. Era muito bom quando a gente chegava. O Fazendeiro agradava nos, quando a gente chegava, dava agua, os cavalos descansava. Tinha pouquinha gente, mais era bom. Era bom. Quando a gente viajava, descansava para viajar. Viajar para chegar aqui para trabalhar. Nós chegamos aqui dia três de outubro, oh! Eu cheguei aqui em outubro, em Janeiro passou para trinta e três. Meu marido, não era meu marido. Ele era casado, tinha trazido uma mulher com ele da Bahia. Aí ela teve um filho. E, outubro quando fez um ano que a gente chegou aqui, ela teve um filho. E aí ela morreu. Quando ela foi criar o menino, ela morreu? Mais não passou bem quando foi de noite. Teve a chuva. A primeira chuva do mês. Foi uma chuva brava. E a casinha dela era assim, ruim de folhinha e adobe. Ela dormiu só. Porque a irmã dela morava pertinho. Mais a chuva era brava, brava, entrou na casinha dela e molhou tudinho. A irmã dela foi lá. E ela estava molhadinha na cama. A ela pegou uma febre no leito, não aguento.u Ela morreu. O filho dela uma comadre pegou para criar, foi morar em uma fazenda chamada Muarama. Depois de muitos anos nós ficamos sabendo que ele tinha ido lá para o Paraná. E por lá ele morreu, deve ter deixando família por lá.

Eu- Pergunta quando ela chegou tinha gente que morava aqui perto, a baixo da praça. ? Como e onde eles trabalhavam?

Filha- ela quer saber o que vocês faziam aqui? No que vocês trabalhava? Como era Nerópolis?

Mirandolina - O que a gente fazia? A gente trabalhava na roça. E ai, as despesas, os donos não tinha despesas não. Eles mandaram a gente, para umas terras lá na Macaúba. Ai, lá agente trabalhava arrendado. Nos, trabalhamos, trabalhamos, ai a despesas era a meia. Calculou quanto que a gente comeu, o milho. Ai meu pai pagou, no final deu pouquinha coisa. Ai! Nós fomos trabalhar, outra vez. Para poder comer. Trabalhava, trabalhava ufa! Trabalhava na roça. Eu, minha irmã, a outra irmã mais nova, três. Eu a mais velha e o Manezim trabalhava. Tinha outra a mais velha trabalhava na roça, não. Ficava para poder ajudar a minha mãe. E ficava para ajudar a minha mãe, pois é ajudava a minha mãe. Nós, sofremos, sofremos, quando chegamos aqui, sofremos,

sofremos. Para trabalhar. Trabalhando. Oh! Era léguas, caminhava era léguas para chegar nessa. Chegar na roça. Chegava lá, pegava na enxada até de noite. Até a hora de vir embora. E quando tinha chuva? Oh! Tam, tam, tam, até de noite. Naquele tempo chovia muito né. Era chuva, dia e noite e nos de baixo cuidando de café e arroz. Depois de trinta anos meu marido morreu. Ele era trabalhador Eu casei com ele. Ele era solteiro. Ai, eu ajuntei com ele. Depois de pouco tempo ele era açougueiro. Ele trabalhou, ele era açougueiro. Juntamos dinheiro, juntamos dinheiro, compramos a fazenda. Pagamos as despesas. Sempre que pagava as despesas, sobrava um pouquinho. Eu ia juntando, depois de um tempo ficou fácil. Ai, oh! Ele disse: deixa eu ver o dinheiro que tem aí. Contou o dinheiro e deu para comprar. Aí ele disse: nega vou comprar a fazenda. Ele e a irmã dele. Compraram a fazenda juntos. Daqui a uma légua é a fazenda. Ela chama Embira. Quando ele comprou nós fomos para lá. Eu mudei para lá oh! Aí, eu não fui para roça mais, não! Eu trabalhei, só na cozinha. Eh! Ali eu morei trinta anos. Nós moramos na fazenda trinta anos. Aí eu mui....aí eu falei vamos embora para Nerópolis. Aí ele arrumou essa casa. Ele arrumou ela e nós viemos para cá. Lá estava muito perigoso. Nós viemos para cá porque lá estava muito perigoso. Os meninos foram crescendo. Eu criei quinze filhos. Quinze filhos. Ficou seis. Três casaram nos estavam ficando sozinho. Aí eu falei: vamos embora. Vamos para Nerópolis. Todo dia estava chegando gente. Gente doido. Quando chegava de noite, tinha gente mexendo no tanque. Gente oh! Parecia ladrão, nós tínhamos medo de ir olhar. Ai eu falava para ele vamos embora. Nós, tínhamos um cafezinho. Ai a gente apanhou o cafezinho. Chegou um homem, pediu a casinha que tinha lá. Ele arrendou o cafezinho a gente veio embora. Esperei até dia dez. aí a gente veio embora. Ê....

(Pausa)

Os ladrão ficava tudo no meio mato aparecia lá em casa. Lá tinha um rio. E o capim ô tampava os olhos no escuro. Chegava de noite começava a chamar. Quando chegava lá e abria a porta eu dava café para eles. Aí meu marido perguntava, vai para onde? Eu vou para Goiânia. Quando abriram o asfalto, todo dia aparecia gente, ia para Goiânia. As vezes era só um, as vezes era muita gente. E casa não dava.

Eu- pergunta para ela de quem ela comprou a fazenda?

Filha- Ela tá perguntando de quem a senhora comprou aquelas terras? A senhora lembra?

Mirandolina - As terras, velho Neco. Velho Neco de Nova Veneza. Ele já morreu muitos anos. A mulher dele eu não sei. Aí meu marido comprou a fazenda ele mais o irmão dele, eles foram pagar ele, lá em Nova Veneza. Nós, ficamos sem dinheiro, o lugar era muito bom, né. Aí o povo falava, a senhor Gerônimo, fala quanto o senhor quer no dinheiro. Mas, ele falava não. Porque o lugar é bom. O lugar era certo. Deram lá oito mil reis, mais ele não quis não. Ai, o povo falava ô senhor Gerônimo. Ele comprou lá em trinta e sete. Trinta e sete foi o ano que eu ganhei menino. Menininho estava de resguardo ai ele foi lá, pagar. Ele comprou. Comprou lá. Ele pagou no mesmo ano.

Eu – Pergunta para ela se tinha missa aqui em Nerópolis? Como era a igreja?

Filha- Aqui em Nerópolis tinha igreja? Toda a vida foi neste lugar ai?

Mirandolina - Era, ela pequena. Ai eles arrumaram ela. Ai, eles arrumaram ela, fizeram ela maior. Arrumaram ela porque ela Era pequeninha, a igreja.

Filha – E a praça? Toda vida essas praça foi aqui?

Mirandolina – Essa praça aqui? Ai era uma roça. Era um matão. Todo ano nós fazíamos mutirão, para limpar ela. Ai, juntava tanta gente de enxada, capinando e limpava ela. Quando era, no outro ano retornava. Ai o carrapicho. O carrapicho grudava na gente.O Correto! O Correto, esse correto ai? Quando eles foram arrumar ele. Abriram a cava dele. Abriram a cava para fazer o correto, tinha gente. Tinha ossada de gente, tinha costela ai ô. Era muita sepultura. Tinha muita sepultura oh! Quando eles cavoucavam achava sepultura certinho ai. Ali era tudo sepultura. Eles pegava e colocava tudo dentro do saco, tinha pé, costela, tinha tudo. Tinha pedaços de ossos.

Eu- pergunta para ela se tinha escola aqui?

Filha- tinha escola aqui? Senhora lembra da escola?

Mirandolina - tinha, não. Tinha escola. Tinha um lá em cima, ai eles desmancharam. Perto da casa do Astofo. O homem chamava Astofo. Ele tinha só uma filha, a mulher dele eu lembro como se chamava. Meu pai conhecia ele. Foi muito tempo de amizade, ai largou.

Eu- pergunta para ela se ela lembra de alguma fazenda tinha aqui?

Filha- Quando a senhora chegou, aqui não chamava Nerópolis?

Mirandolina - Não. Aqui chamava Cerrado. Depois que colocaram o nome de Nerópolis. Municipalizaram ai colocaram o nome de Nerópolis. Ai, quando ia arrumar negócio. Ia tudo para Anápolis. Anápolis que tinha carta, cartório. Ai, ia tudo para Anápolis, arrumava tudo lá. Ai, arrumaram Nerópolis, né. Municipalizou colocaram o nome de Nerópolis.

Eu – pergunta para ela, se ela lembra quando fizeram a abertura das ruas?

Filha- A senhora lembra, quando eles abriram essas ruas aqui?

Mirandolina - quando municipalizou, né. Quando municipalizou eles abriram as ruas. Já estavam traçadas. As ruas já estavam traçadas né, ai eles arrumaram elas.

As estradas de Anápolis, esse fundo ai, de Nova Veneza de Inhumas. Foi tudo na mão oh! Enxada, enxadão, picareta, foi tudo na mão. De Anápolis para Goiânia esses caminhos ali, para passar por lá, Nova Veneza. Veio gente da Bahia para trabalhar aqui. Para dorme de noite, tinha fazer as casinhas de tapua todos os dias. Por causa de onça.

Eu- delegacia?

Filha- tinha delegacia aqui? Quem mandava na delegacia? Tinha soldado?

Mirandolina - não lembro. Tinha soldado.

Eu- o bairro Botafogo, ela sabe de quem era as terras quando lotearam?

Filha- A senhora sabe quando eles fizeram bairro Botafogo? Se tinha casa lá?

Mirandolina - não lembro, morava na roça.

Aqui eram poucas casas aqui, aculá, para lá tinha uns rancho. Quando municipalizou eles fizeram lote. Ai povo foi comprando.

Filha- Como vocês iam para Goiânia? Antigamente como vocês levavam as coisas da Embira para Goiânia? Era de carro de boi?

Mirandolina - Goiânia, era Goiânia não era Campinas. Tinha Goiânia não. Eles fizeram Goiânia depois, quando a gente chegou não tinha Goiânia. Só tinha a Campinas.

Depois que a gente chegou, trabalhamos compramos a fazenda né.

Plantamos cana, ai moía. Tinha gado. Tinha feijão. Fazia manteiga de garrafa, moía a cana fazia a rapadura, sapão. Ia vender em Campinas

Eu- pergunta sobre a estrada, por onde eles iam.

Filha – E a estrada por onde vocês iam.

Mirandolina - An! A estrada. Era a estrada carreira. De chão. A estrada era a mesma até Campinas. A gente não ia direto não. Passava por riba. Ia até Campinas e passava, por riba para chegar em Goiânia.

Filha- quando vocês iam da Embira para Campinas, vocês passavam por onde? Pela venda?

Mirandolina - Pela venda? A estrada velha. Chegava na venda e cortava, ai chegava lá em campinas. Passávamos dentro de córregos. Depois que eles fizeram mata burro.

Ai não precisava passar dentro de córrego.

Eu – pergunta para ela quando o trem de ferro ia vi par cá?

Filha- senhora lembra de quando o trem ia vir para cada.

Mirandolina - Aqui tinha trem de ferro não. O povo viajava de trem de ferro quando ia para longe. Para o Rio. O Rio de Janeiro. Quando ia para longe. Lá em Goiânia tinha trem. O trem de ferro fizeram um trem parecendo mata burro e o trem passava.

Meu cunhado comprou a terra no Batumi, ai o meu outro cunhado o mais velho. A nesse ano eu casei. Nós fomos para a festa de trindade. Ai quando a gente voltou ele estava com a febre. A febre que tinha antigamente. Ele ficou aqui tratando, tratando. Ai, a gente foi para lá, trabalhar na roça, tinha nada, fizeram rancho. Para morar até arrumar outra casa. Fizeram criação de gado lá. Ai, ele comprar casa aqui, lote.

Eu- Tinha casa de zona aqui no centro antigamente.

Filha- Aqui antigamente tinha casa de mulher atoa? Mulher vagabunda?

Mirandolina - Tinha. Tinha mulher da rua. Aqui no fim da rua, tinha uma casa de mulherada. Ali era casa de mulherada. Tinha era muita, elas ficavam tudo ai. Dava era

trabalho para os homens. Elas ficavam tudo lá bonita. Ai venderam a casa da zona, eles derrubaram. Quando municipalizou derrubaram. As casa eles derrubaram tudo de machado. A casa da mulherada. Levaram a zona lá para o outro lado, lá na Betel. Ai o prefeito ganhou, limparam ali, levaram elas lá para cima. Lá perto tinha costureira. Lá perto das mulherada tinha costureira. Um dia eu fui lá estava no Trieiro um homem bateu no meu ombro e me disse quer casar comigo morena. Eu não sabia o que fazer, tanta vergonha. Mais nunca mais vê ele. Deve que ele ficou com vergonha e acabou o casamento.

Nome: Elisa Maria Barbosa
Ano de nascimento: 1930
Profissão: Lavradora
Endereço: Rua João Pazzini Guerra Centro Nerópolis – Goiás

Eu- Quando foi que você chegou em Nerópolis?

Elisa- Nós, chegamos aqui em 1944. Nós viemos de caminhão. Pelas estrada de terra de Formosa para, cá nos, pegamos caminhão. Vieram eu, meu marido. Quando eu cheguei aqui não era casada, depois que a gente casou. Quando chegamos, fomos morar na fazenda do senhor Nilo. Porque a minha irmã já morava lá. Naquele tempo, Nerópolis tinha poucas casas. Eram poucas casas. Tinha só uma igreja, ali no mesmo lugar, onde é a praça. E o mato? Era aquele matinho sabe? Malvina dura quando a gente passava, machucava a perna tudo. Ai, depois que eles fizeram um jardim e arrumaram a praça. Mas. Antes tinha só um caminhezinho

Eu- Quando a senhora chegou aqui tinha igreja em Nerópolis?

Elisa - Tinha. Tinha uma igreja era pequena. Igrejinha velha no mesmo lugar lá. Quando eu cheguei tinha era uma igrejinha velha. Ai! Foi melhorando né. Melhorando, melhorando agora tem aquela.

Eu- onde se localizava o Cemitério?

Elisa O cemitério e aquele lá mesmo. Lá em cima. Tinha um cemitério velho quando eu cheguei povo falava que tinha um cemitério, perto ali na praça. Quando fizeram a praça o povo achava osso. Acharam osso lá, naquele tempo. Tiraram caveira, osso de gente. Ali, dentro da praça. Naquele tempo quando eu cheguei. Ali, aonde é o correto. Ali tudo era mato. Quando eu cheguei já tinha a praça, mais o povo falava. Aqui era uma corrutela, não tinha nada disso. Tinha era só umas casinhas, depois de muitos anos que começou a crescer. Só nesta casa tem uns setenta e tanto anos que eu morro aqui. A gente tinha muitas casas. Ali da esquina para cá, essas casas eram todas nossas. Até essa casa aqui, da Adamasia. De lá, até na esquina era tudo nosso. Virando ali na rua de cima. Fora, lá na saída de Anápolis. De trás, da rua que vai para Anápolis, nós tínhamos três casa. Tinha casa lá em cima também. E minha filha nós ajudamos a fazer Nerópolis. Essas casas todas compramos foi o lote. Ai, fomos fazendo as casas, e fazendo negócio né. Agora que o Raul morreu, acabou tudo. Ficou, só essa casa a da Viviam, aonde esta pintado de verde. Tem essa casa, os barracão as casas, só o que eu fiquei. Tinha caminhão, mexia com muita coisa. Mexia com roça, com lenha. Acabou tudo. Ele mexia com peão. Ele trazia peão e colocava eles ali, nos barracões. Teve uma vez, você pode perguntar para os vizinhos, porque eu não estou mentindo. Uma vez, só ele trouxe oitenta. Oitenta peão e colocou ai, pode perguntar. Ele trouxe para uma firma, lá de Goiânia. Esses oitenta peões foi uma firma que pediu para ele trazer. Para trabalhar lá, em Goiânia. Ele foi passou um mês, porque naquele tempo, não tinha asfalto, não tinha estrada, não tinha nada. Teve uma vez que ele foi. Que estavam fazendo a estrada. Ele foi dirigindo o caminhão do lado, porque não tinha estrada. Alguns lugar tinha que esperar os peões da estrada furar buraco. Tinha que ficar esperando. Os peões, daqui não queriam ir, ele ia. Porque naquele tempo ele levava mercadoria e trazia mercadoria. Trazia mercadoria da Bahia, trazia mercadoria, trazia baiano, trazia tudo minha filha. O Raul, graças a deus fez muita coisa, no final ficou com nada. Nunca deram para ele nem o nome de uma rua. Ele ajudou a fazer Nerópolis. Um dia quem sabe depois dele morto eles resolve homenagear ele. Depois de muito tempo que eu, já estava aqui que fizeram o hospital. Foi até um fazendeiro que deu o pedaço de terra. Tinha as freiras que cuidava de tudo lá.

Eu – A delegacia sempre foi naquele lugar?

Elisa - não sei. Quando eu cheguei aqui era menina, mais que eu me lembro sempre foi.

Eu- Quando vocês chegaram trabalham no que?

Elisa - Quando nós chegamos, agente foi trabalhar na cerâmica e na roça. Trabalhamos na roça e cerâmica do Taya e tudo por oito anos. Ai! Nós, nos casamos, viemos embora pra rua. Aqui pra Nerópolis começamos a lutar. Depois de doze de casados que nós chegamos aqui ele comprou o caminhão. O Caminhão que era patrão dele, lá da cerâmica. Ele era tão trabalhador, tão esforçado que comprou o caminhão. Com doze anos que nós chegamos aqui, mais os oito anos de lá. Ele comprou o caminhão. E começou a vida. Ai comprou um pedaço da fazenda dele, do homem lá, Taya. Mais, nos moravam aqui. E ele lutou. Ele ajudou a fazer muitas casas aqui em Nerópolis.

Pode dizer que ele ajudou a construir Nerópolis. Porque ele, tudo ele ajudou a fazer um pouco aqui dentro de Nerópolis.

Eu- Quando vocês compraram aqui era escriturado?

Elisa - Era. Era escriturado, tudo aqui tinha escritura. Nós tínhamos lote, lá na beira do asfalto. Da beira do asfalto para cima, era nosso. Nós compramos, mais era mato. Nós compramos, mais depois a gente loteamos, fomos vendendo. Mais ele ajudou a fazer Nerópolis. O primeiro prefeito que teve aqui. Foi nos que ajudamos a eleger ele. A metade desses baianos que tem aqui. Hoje tem um que é prefeito. Todos que hoje ajuda a eleger prefeito e vereador. Todos eles nós ajudamos. Desde o primeiro nós ajudamos. Pode dizer desde de 1944 para cá. De quarenta e quatro para cá, você precisava ver como que era isso aqui. Nós, fazíamos de tudo, tocávamos roça. Ele tocava, eu tocava roça. Meu marido tocava roça. Meu marido fazia de tudo. Depois ele mexia caminhão. Ele passou trinta anos, mexendo com caminhão, vinha da Bahia para cá. Trazia peão para trabalhar. Ele era trabalhador, vinha de lá trazia gente para trabalhar. Eleitor para votar aqui. Chegava aqui oh! Logo, eles faziam o título para votar. Lá em Anápolis. Depois que transferiram para cá. Mas, não naquele tempo. Porque naquele tempo, não tinha prefeito aqui em Nerópolis. Depois que foi ter o primeiro prefeito

Eu- Quando vocês compram essa propriedade foi de qual fazenda?

Elisa - do Thaya japonês. Desde de muitos anos atrás. Tem setenta anos que eu morro aqui. Meu marido e eu chegamos aqui eu tinha onze anos. Hoje eu vou fazer oitenta e quatro anos. Quando ele morreu, só de casados nós tínhamos cinquenta anos. Sempre moramos aqui, nessas casa. Mais, as escritura eu não sei de nada. Eu não sei como ele

fazia. Mas, tudo tem documento. A gente teve uma chácara, ali na estrada velha de Anápolis, ficamos muito tempo com ela. Era das terras do Taya. Naquele tempo, aqui não tinha nada, mais com setenta anos eles arrumaram muita coisa. Aqui não tinha cartório, não. Era tudo feito em Anápolis. Para você ver, demorou muito tempo para ter prefeito aqui, depois que cheguei. Eu também não me lembro mais de muita coisa. Porque já estou com oitenta anos, e oitenta anos não é oitenta dias. Mais eu me lembro das coisas. Eu lembro mais das coisas antigas do que as que aconteceram agora a pouco tempo. Eu lembro e gosto. Eu gosto mais do que das coisas de agora. Lembro do meu pai. E o meu marido foi um dos mais antigos daqui. Essas eleições daqui tem que agradecer muito a ele também. Porque ele ajudou muito. Ele trouxe muita gente que esta por aqui. Pode perguntar que trouxe muita gente. Trazia para trabalhar. Quando tinha eleições ele trazia para votar. Então, ele fez muita coisa aqui. Mas, morreu ai. Tem muita gente que lembra que sabe. Porque no enterro dele deu muita gente, muita gente. Mais as pessoas maiores, não. Ninguém chegou a fazer ou falar nada. Mais tem muito trabalhador sabe. Ele foi bom marido para mim. Foi um bom pai para as minhas filhas, netos. Ainda criamos oito. Oito filhos dos outros minha casa era cheia de gente toda vida. Eu nunca neguei um prato de comida para ninguém. Esse povo que chegava? Ficava dentro de casa até arrumar serviço. Ficava um mês, ficava mais de um meses. Aqui eles dormiam, comiam até arrumar emprego. Ele arrumava emprego para todo mundo.

Eu – A senhora lembra do nome de algum fazendeiro do tempo que a senhora chegou?

Elisa - dos antigos, dos que já morreram? Aqui por perto não tinha fazenda. Tinha a mata dos velhos. E não. Não lembro disso mais não. Tinha muita gente que morava em fazenda. O Taya, eu sei que mudou para Goiânia. Morreu num assalto lá. Foram assaltar ele. Ele morreu. Ah! Minha filha dos antigos que você está falando morreu tudo. Do meu tem pó que eu cheguei aqui, vivia aqui ou nas fazendas, morreu tudo na cidade já.

Nome:

Altair Pazzini Angelino Guerra

Ano de nascimento:

1941

Profissão:
Lavrador
Endereço:
Rua João Pazzini Guerra Bairro Botafogo Nerópolis – Goiás

Eu- De qual lugar a família do senhor veio? Quando

João Pazzini - Bom minha família e de Minas. Eu não me lembro viu, essas coisas eram meus tios que contavam quando eu era menino. Meu tio que comprou as terras aqui. Ele era de Uberlândia Minas Gerais. Mas ele não veio não. Meu pai e os meus tios que vieram primeiro, ele veio depois com a família dele. Veio morar na cidade em quarenta e cinco. Ele era fazendeiro, no tempo mais antigo. Era filho de migrante, meu pai contavam que ele ficou na frente da municipalização daqui. Quando ele chegou aqui era pequenininho uma corutelinha. Eles tiveram que fazer muita coisa aqui para poder municipalizar ih! O governo de Anápolis, na época, exigiu muitas coisas. Para poder deixar municipalizar, eles tiveram que fazer escola, fazer o arruamento. Naquele tempo, não tinha rua. Eles fizeram tudo. Meu tio teve dar um carro de boi com uma junta de oito bois para pagar as dívidas que ficou. A prefeitura era pequeninha era uma portinha, lá no centro junto do primeiro cartório. O cartório que pegou fogo. Ai ficou muito tempo sem ter cartório. Depois que eles fizeram o prédio da prefeitura. Eu sei que a municipalização ficou cara viu, porque eles tiveram que fazer tudo. Ih! O prefeito de Anápolis na época exigiu, que eles fizesse tudo, no processo de municipalização para provar que eles podiam governar. Para ai, dar a municipalização, eles os fazendeiros tiveram que fazer tudo arrumar para virar cidade. Eles abriram as ruas porque as ruas eram todas tortas. Tinha muito era caminho, trieiros que levava até as casas. Eles abriam as ruas com foice, machado enxada. Quando tinha mutirão vinha era muita gente trabalhar para limpar as ruas, traziam até carro de boi para ajudar. Limpavam as ruas todos anos, nos mutirão. Foi eles fizeram o cemitério novo também, abriu um bairro. O Bairro Botafogo foi aberto por causa disso. Tinha nada aqui quando eu era menino. Eu lembro tinha uma casinha lá, embaixo perto do córrego e só e essas chácara ali no final da rua onde é oficina era do meu pai. Quando eles foram fazer o Botafogo deu briga, deu até tiro, lá.

O povo ficou nervoso, porque era só vire marcar o lote. Tinha uns que invadia durante a noite, os lotes limpo. Ai o povo, tinha que dormir lá, dava briga. Dava muita briga, teve uma vez que colocaram fogo. Pegou fogo nas barracas. Pegou fogo nas barracas, naquele tempo era rancho, né. O pessoal ficou sem nada. Ai eles tiveram que demarca tudo lá, colocar ordem. Era muita briga. A gente ficava aqui em cima. Não ficava, lá perto dava briga, a gente passava lá quando ia na missa no domingo. Ai ficávamos sabendo das coisas, o povo comentava. Quando acabava a missa, ficava aquela fofocaida do lado de fora. Meu pai demorava, ai gente também ficava sabendo do que estava acontecendo todo mundo falava. Os meninos falavam também do fogo e tudo mais.

Eu- Em que os seus pais trabalhavam?

João Pazzini - Meus pais trabalhavam eram na roça. Meu pai fazia caixão, sabe. Naquele tempo aqui não tinha nada. Ele pegava madeira, lá na roça. Ele colocava as tabuas para secar. Aquela madeira fraca sabe. Para poder vender para os caras. Compravam para fazer caixão. Ai quando morria uma pessoa. As pessoas falavam; vai lá no senhor João Pazzini, ali na chácara. Vai lá no João Pazzini que ele tem madeira. Porque ele vende. Madeira mole. Madeira macia. Ai o cara comprara madeira do meu pai, para comprar caixão, lá na roça ou aqui na cidade mesmo. Eu mesmo fiz muito caixão. Depois veio um funerária pra cá. Mais meu pai fez muito caixão. Até quando ele morreu. Ele morreu em setenta e seis. A funéria lá se chamava... ê como era? Nossa Senhora Aparecida. Ele tinha um carro grande, era uma veraneio velha. Esse cara lá fazia. Ele também fazia os caixão pagado. Os caixão da prefeitura era ele que fazia.

Eu- Dona Elisia, falou que marido senhor Raul, trazia baianos para trabalhar em Nerópolis, fazendo calçamento, construção de casas e lavouras senhor lembra?

João Pazzini - Ele levava muitas coisas, que eu nem sei dizer aqui. Ele levava para a Bahia, ele levava mercadoria, para vender. Eu não sei, nem o que que era que ele levava. E depois de lá pra cá, ele trazia baiano, pra trabalhar. Ele trazia os baianos, trinta, quarenta baianos. Chegava aqui ficava tudo na casa dele comendo. Ai! A gente ia lá, e falava assim, eu preciso de dez pessoas para trabalhar. Ai nos falávamos, assim, vou comprar o báia [risos].

Chegava lá, aquele baiano que estava devendo para ele ali, dez reais, um reais. Aliais, naquele tempo valia um cruzeiro. Porque um cruzeiro valia, um dia de serviço. Ai ele pegava, pagava a conta dele para o Raul. Ele ia trabalhar para outro lado. Porque ali ele tinha que dar comida, tinha que dar tudo. Ai, ali quando o caboco pagava ele sumia no mundo.

Eu – O senhor conhece alguém dessa época que veio para trabalhar e ainda esta por aqui?

João Pazzini - Os baianos? Ah! Não sei? Dessas época, acho que já sumiram todos. As vezes pode até ter ficado mais em outro lugar. Porque lá na casa dele ninguém ficou não. Eles começavam a trabalhar e iam embora. Eles mudavam, ia para Goiânia, iam para Anápolis, aqui mesmo. Eles iam para todo lado. Quando eles iam ganhando um dinheirinho, eles iam. Porque ele achavam aquilo ali, uma escravidão né. E outra eles iam achando uma coisa melhor para poder fazer. Eles iam ambientando ai, né. Porque quando eles vinham, eles não conheciam ninguém né. Sabiam de nada, ficava trabalhando para um para outro ai, né. Ai! Mais, depois também, eles não ficavam nem três, quatro meses não. Eles iam lá para fazenda. Ele levavam, punha eles para dormir lá no galpão. Na tuia né. E, ai! Eles iam trabalhando e o Raul pagando eles e descontando um pouquinho. Porque eles também tinham que pegar no dinheiro. Era igual ele. Era igual o que você viu aqui agora. Ele tinha que me dar setenta reais. Ai ele disse deixa para eu te dar na próxima semana. Ai eu deixei porque faltam dez dias só. Ai eu deixei. Então os baianos eram assim, eles ficavam te devendo, mais como eles estavam trabalhando. Eles viam faziam as continhas que eram eles queriam aqui. Mais, pinga do que tudo. Porque eles não largavam a cachaça. Então era isso, ai. Depois eles sumiram no mundo ai.

Eu- Como foi que iniciou o plantio do alho aqui em Nerópolis?

João Pazzini - Abril de setenta e seis. Foi abril de setenta e seis que começou a cultura do alho aqui. Ai? Foi plantando, foi plantando, plantando. Ai o alho começou a dar um dinheirinho. Ai, a turma ficou doida, todo mundo plantou alho, aqui. Todo mundo plantou alho. Até, policial plantou! Quando chegou, quando chegou no ano de noventa e um, noventa e dois, mais ou menos. Ai! foi aquela quebradeira. Choveu demais, ao alho não ficou bom. O alho não teve preço. E ai, a turma teve que vender as propriedades. Muitos tiveram que vender as propriedades. Para poder pagar o banco.

Eu fui um. Tive que vender a casa para pagar o banco. Ai sobrou um dinheirinho para começar essas casa. Mais, para terminar ele foi a custa, da ajuda dos filhos. Eu perde a Santa Branca para pagar o banco. Aquela que eles chamam de eco, ecoturismo. Devia para o banco e o banco levou.

Eu- tinha empréstimo da Emater? Como que era?

João Pazzini - Não. Tinha empréstimo da Emater, mais a gente negociava direto com o banco. Era no banco que a gente negociava. Era no banco do BEG que a gente negociava. Era um banco que tinha antes. A Emater dava ajuda, dava o técnico, dava tudo. O técnico fazia visita, tudo direitinho.

Eu- Como era o processo para adquirir o empréstimo? Como vocês fazia

João Pazzini - A gente ia na Emater fazia a proposta. Dizia quantos equitares que a gente queria fazer, plantar. Ai, o banco analisava aquele projeto todo. E falava o, você pode financiar, dois equitares. Ou você pode financiar, oito dez depende do tanto que você queria. Ai! Você pegava um tanto de dinheiro por equitare, ai você podia, levar. Até você colher. Na hora que você recebia, você pagava o banco.

Eu- As pessoas que trabalhavam para o senhor? Eram daqui mesmo?

João Pazzini - As pessoas que trabalhavam era daqui mesmo do município. Mais, tinha mais era mulher. Eles ficavam aqui, tudo aqui no galpão. Para arrancar alho também. Tinha mulher que nossa senhora, era melhor que homem para fazer o serviço. E arrancar de alho era ruim, porque acabava com a escadeira. Então, era mais fácil para as mulheres, por causa do tamanho. Tinha mulher que agachava aqui e, ia levantar lá. Nessa época, aqui em Nerópolis tinha cento de vinte. Cento e vinte produtores. Produtor. Agora trabalhar, tinha mês que eu trabalhava com cinquenta, setenta pessoas. Naquela época tinha os galpões que faziam o beneficiamento do alho. Hoje ele trabalham com alho importando, ou de Catalão. Porque Catalão mexe ou rio Grande do Sul, Minas, aqui, inhumas ainda anda sobrevivendo. Ai vem, vem alho de Santa Catarina, Rio Grande do Sul vem tudo para cá. Mais é alho importado, vem da China.

Eu- Onde se localizava o núcleo central do cerrado, ou seja a Fazenda Taveira?

João Pazzini - O povoado se localizava ali, onde é a fábrica de doce, a casa da dona Zuca. Nerópolis surgiu, dali a sede fazenda era ali. Próximo ao córrego Capivara.

Eu- O Asilo a Casa São Vicente de Paula o senhor ela recebia e cuidava de pessoas abandonadas ou deficiente mentais? Ali era uma casa que se dedicava a cuidar de gente, depois que virou um abrigo. Agora ali nessa casa, eu não tenho a informação não. Agora, lá no Guardianópolis sim. Porque lá, era do o pai do Wilmar Teixeira. Era do seu Guardiano Teixeira. Ele tinha a fazenda e era muito caridoso, cuidava das pessoas pobres. Ai! começou, ai, foi o primeiro a criar um centro espírita. O primeiro Centro Espirita foi criado lá. E ai vinha gente com perturbações de vários, e vários lugares que vinham para tratar com ele, lá. Como não tinha lugar e era demorado o tratamento. Ele começou a fazer umas casinhas para o povo ficar lá. Ai começou o povoado o Guardianópolis. No meu livro e falei que a casa de doido era lá. Lá no Guardianópolis, e não aqui no asilo.

Gercília

Antigamente é o seguinte. Como não havia hospitais era muito precário o estado de em Goiás e Nerópolis também, não tinha hospitais para doentes mentais. Então o que foi feito curas através de Palmelo Goiás, foi feito clinicas de reabilitação de pessoas com problemas mentais. Foram trazidos para cá. Então primeiro Guardianopolis depois para Nerópolis. E ai! Eram locais de atendimento de pessoas deficientes mentais que saiam dali recuperadas. Como seria feito essas terapias? Essas terapias eram feitas a partir de um processo de cura espiritual. Que hoje, trata através de medicamento de remédios. Porque naquela época, não tinha remédio, nem aonde levar as pessoas para recuperar. Ai! As pessoas eram tratadas, ali naquele ambiente. As pessoas ficavam semanas, meses, até reabilitar. E voltavam para as suas casas em estado normal. Entendeu, eles eram tratados dessas forma. Nessas época, tinha um grupo de pessoas que cuidavam, até eu mesma nessas época era criança meu pai também era membro. Então eu levava, café da manhã, almoço lanche. Então eu levava. Faz tempo na década de quarenta, quarenta e oito, cinquenta sessenta. Eu levavam lanche, essa coisa toda. As pessoas ficavam ali, sem contato com outras pessoas para elas poderem se recuperar. A terapia era feita através de orações, passes e processos com a mão. E era muito interessante, porque hoje a gente compara. Pessoas que fazem tratamento em clínica psiquiátricas com as pessoas que faziam tratamento lá, naquela época e saravam. Entendeu, então era uma coisa muito interessante. Membros da época, seu Aprichio que faleceu agora, seu Arselino. Meu pai que era o Gerônimo Nascimento. Então todos eles eram membros dessas época lá do asilo. Era o senhor José de Paula, a mãe do Rozirom.

Ai! São coisas assim que eu sei daquela época. Porque eu participei. Eles vinham iam para o Guardianopolis e para Nerópolis também. Através do seu Guardiano, o pai do Wilmar Teixeira. Veio gente Paumelo, para o Guardianopolis, do Guardianopolis veio para Nerópolis.

E uma história muito bonita, daquele lar.

A pesquisa melhor que tem aqui? É a minha tia. Mora ali, na praça, conhece ela? É a dona Mirandolina Pereira do Nascimento, ela tem cento e dois anos de idade. Mais para você ver, vai lá fotografa ela conversa com ela para você ver a lucidez. Ela conta tudinho de Nerópolis para você. Sabe onde mora? Sabe onde morava a dona Zica naquela rua comercial. Então a única casa residencial que tem ali, e a dela. Ela é irmã da minha mãe, pode ir lá. O nome dela é dona Mirandolina você vai lá conversar com ela que você vai ver que achado que ela é. Ela tem cento e dois anos, lucida, sabe tudo sobre Nerópolis. Ela mora na rua Artulino Artiaga sabe onde é? É ali, de frente à igreja. E aquela rua debaixo da praça é a única casa residencial que tem ali.

Eu -Como seus pais chegaram em Nerópolis?

Gercilia- Meu pai? Deixa eu contar a história do meu pai. Ele veio de uma terra muito bonita Barreiras na Bahia. Ele veio primeiro, encontrou uma terra aqui muito fértil. Ai, ele voltou para a Bahia e trouxe toda a família dele. Trouxe pai, mãe naquele tempo ele ainda tinha pais, trouxe os irmãos dele, tios primos. Todos vieram para cá. Ele fazia um grande trabalho de tropeiro. Porque naquela época, não tinha caminhão, não tinha transporte. Então o único meio de transporte era o lombo do burro né. Cargueiro de burro e ele pegava de Barreiras na Bahia, até Goiás Velho. Ele trazia era sal de lá, da Bahia e chegava aqui em Nerópolis, ali, aonde é o Galé. Sabe aonde é o Galé? Aquele pasto tudo ali, era pousada dos burros dele.

Então, ele vinha de lá, parava aqui, descansava e seguia para Goiás. Chegava lá, carregava. Pegava o cal colocava no burro. Chegava aqui em Nerópolis, descansava de novo e seguia para a Bahia. Esse era o serviço dele. E com isso ele comprou terra, por tanto estamos com uma polemica tão grande. Ele lutou tanto para ter essas terras Que ali onde é o São Gerônimo era uma fazenda que chamava Candra. Era dele e do irmão dele o marido da minha tia Mirandolina. Ali onde vai ser o polo industrial do lado de cá vai ser o reservatório de água. Aquilo ali, foi comprado tudo no lombo do burro.

Então chega, no prefeito no Wilmar Texeira conhecedor disso tudo faz isso deixa para o prefeito o Gil Tavares resolver. Querem desapropriar a terra para fazer um reservatório da Saneago. Mais nós, não vamos deixar. Vamos lutar contra isso aí, até o final. Porque ali, tem história. Aquilo ali, não foi ganhado, foi com muita luta para comprar aquilo, ali. Eles vieram para cá, atrás de oportunidade. Era uma terra nova propicia com ele era tropeiro, trouxe a família para poder começar a comercializar né.

Agora disso aí, que você saber de Nerópolis antigamente. A única fonte viva que você vai encontrar é a minha tia. Porque uma pessoa com cento e dois anos, tem histórias para contar.

Padre

O senhor Aprigio é um membro muito importante se formos falar do desenvolvimento de Nerópolis. Ele veio para Nerópolis em mil novecentos e trinta e sete e ele já, tinha um outro centro. Funcionava em uma casa residencial na rua Josefina Ludovico na saída de Anápolis. Tinha como coordenador de trabalho o médium João Pedro Junqueira que hoje é a rua Alan Kardec e é também o centro lá, o asilo. Em mil novecentos e trinta e sete, aí vem os fundadores Aprichio, Benedita de Paula Rodrigues, Guardiano Texeira, Alexandrina Gonçalves, Rozirom, Pedro Inocêncio Teles. Em então, em mil novecentos e trinta e cinco foi criado o centro espírita luz e caridade, que funcionou até mil novecentos e noventa e cinco quando foi criado o asilo. Quando se transformou em abrigo para os idosos, ou lar São Vicente de Paula.

Eu – o senhor encontrou algum documento do centro antigo de Nerópolis, no tempo que ele era Distrito de Cerrado. O primeiro cemitério foi na praça, era o cemitério da fazenda. Não tem documentos que fala disso. Mas tem o registro das pessoas mais velhas que falam e falavam desse cemitério. Meu avó falava desse cemitério, meu pai vai fazer noventa anos agora. Ele morava lá na Macaúba e o meu avô falava para ele que tinha um cemitério lá. Aonde é a praça. Quando eles foram fazer a praça eles acharam ossos lá, tinha pé, crânio tiraram muita ossada de lá. Meu avô falava isso.

Padre: Ninguém nem imaginava que Nerópolis ia crescer desse tanto. Porque de Anápolis para cá, da Macaúba para cá era trieiro, nem estrada tinha. Mais, portanto a prefeitura na época não valorizou, não tem documento de nada, lá. Vai procurar a lei da criação do bairro Botafogo não tem. Tem dos bairros novos, quem era os proprietários

quem loteou. Agora do Botafogo que o bairro, mais antigo não tem. Ninguém sabe quem era o proprietário de lá. Nos relatos que eu colhe para fazer o livro. Eles falavam que lá, eram tipo assim, várias chacinhas. Mais ninguém sabe falar que eram os donos. Lembram tinham umas casinhas, tipo um ranchinho. Mais ninguém sabe falar quem era o dono da área. Pelo que eu já perguntei eles não lembram que eram os donos.

Eu – quando foi fazer o arruamento houve algum problemas? As pessoas foram prejudicadas com a nova demarcação das ruas e lotes?

Padre- segundo o depoimento, principalmente da dona negrinha que na época. O bairro Botafogo teve muita briga. Porque o pessoal vinha e invadia. Eles invadiam na época, faziam um ranchinho ali. E depois foi crescendo. Quando o poder público veio organizar fazer a medição. Um falava esse aqui é meu, outro não esse aqui é meu aí, começou a dar muitas brigas. Dai, que veio o nome Botafogo, por causa do fogo, da confusão. Na hora que ia dividir os lotes. E mesma coisa também foi no ordenamento dos terrenos do centro.

O pessoal dividia, dava para as pessoas morar construía. Mais não era nada dividido era só de palavra. Ai! Na hora de remapiar organizar estruturar a zona central. Gerou muita confusão. Porque o pessoal não aceitava porque um falava, é meu este terreno. Eu paguei mais. Esse terreno é meu.

Eu- A história sobre o nome da cidade ser uma homenagem a Nero Macedo é verídica?

Padre- Na verdade, eu achei nenhum documento escrito que fala isso. O que eu achei foi um jornal. Dizia que ele esteve aqui né, quando ainda era distrito. E, aí, ele pegou teria feito esta promessa. Ele prometeu que ia fazer passar por ali, uma estrada de ferro. Que ela viria de Anápolis, ligaria até a capital. Ai, as lideranças daqui fazenda uma média com ele. Denominou o nome da cidade quando deixou de ser distrito de Nerópolis. Fizeram isso em homenagem a ele. Porém, isso nunca aconteceu, ficou só na promessa.

Essa era uma promessa muito vaga né. Deve que era só uma ideia. Teve uma pessoas que me contou uma vez, que eles começaram a roçar mapear o local da estrada. Mais, foi de Anápolis para cá. Aqui mesmos nunca chegou a acontecer nada. Parou mesmo foi ali na Goialândia. Mas, eu nunca consegui confirmar nada. Começaram e terminaram

ali o projeto. Não vingou de certo. Porque eu nunca consegui relatório ou dados sobre isso.

Eu – Nos relatos que o senhor colheu, havia prostibulo?

Padre- no surgimento de toda a cidade tem um lado sagrado e outro profano. Porque esse é marco da nossa história da nossa cultura. Então Nerópolis também não foi diferente. Aqui assim, falando do povoado. Não registros. Foi do que eu consegue apurar com os depoimentos. Que aqui existia vários prostibulo né, cabaré. De fato existiu lá no centro e em vários lugares. Esse é um assunto que eu quero aborda no próximo livro. Porque meu pai que vai fazer agora, noventa anos. Ele diz que ali na década de quarenta e pouco, já existia ali nas imediações. Ali aonde é o centro descendo a biblioteca, era o supermercado do Jorge japonês que hoje não é mais. Porque já fechou. Ali, também existia um prostibulo. Mais também na saída de Anápolis também existia um prostibulo de uma senhora que eu esquece um nome. Na década de trinta, já existia o prostibulo. Próximo da igreja. Porque o lugar era pequeno né. Tinha mato que entrava nas casas, porque aqui tinha só era a igreja, umas poucas casa ali no centro e o prostibulo na saída de Anápolis. Não. Não é o seu Jorge japonês. E o marido da dona Augusta que também era japonês, [risos]. Era próximo as imediações da casa da dela que tinha o prostibulo.

Para o senhor qual é local exato do núcleo inicial de Nerópolis porque com as demarcações que houve no centro não tem muitos vestígios marcado no centro?

Padre- segundo informações que eu colhe com os meus depoimentos. Nerópolis surgiu ali perto da Fábrica de doce são Benedito. O núcleo inicia é ali, onde é casa da dona Zuca do lado de baixo. E logo para frente tem o que? Tem a Fábrica de doce São Benedito. O núcleo inicial de Nerópolis é ali, a sede da fazenda. Bem aonde tem aquela pracinha. Segundo as informações dos mais antigos era ali. Ali surgiu Nerópolis. Agora mais onde que é a praça ficava o cemitério. Em mil oitocentos e oitenta e quatro Joaquim Taveira veio de Anápolis, com alguns agregados fundou um povoado. No cruzamento das ruas Alan Kardec ou Número oito com a rua João Guerra. Em mil oitocentos e oitenta sete, ou seja, penas três anos depois da chegada do pioneiro o número de habitante já era maior. O povoado contava com doze casas bem habitadas.

Eu – o lote onde está localizada a igreja matiz foi doada para igreja?

Padre- foi doada para igreja. Mais agora documentos não existe. Procurei na paróquia, na cúria. Na cúria que deveria ter esse tipo de documento também não existe documento lá. No cartório pode ser até pesquisado? Na cúria que deveria ter não, tem. Naquela época, era só de palavra, doava. É verbalmente, não fazia documentos, nem na cúria existe.

Eu – sobre os Taveiras que fundaram a cidade, o senhor encontrou algum registro sobre eles.

Padre- sobre os Taveiras. O Joaquim Taveiras? Na época em que eu estava escrevendo o livro. Fui lá em Anápolis nos cartórios de lá perguntei sobre ele e da fazenda e não encontrei nada. Porque naquela época, não era assim. As pessoas não faziam registro das coisas como hoje. Tinha muita gente que nem registrada era. Eu fui até na igreja de Santa Anna, lá no centro que é a mais antiga de lá. Não encontrei nada sobre ele. Lá existe registro só de mil e novecentos para cá. Então não existe nada de Joaquim Taveira. A secretaria da igreja, disse que isso dava muito trabalho, aí ele demarcaram a data para arquivar no cartório. A descendente, vou falar para ela. A direta do Joaquim Taveira é a dona Benedita que faleceu, lá, no asilo lá. A vó era vizinha de lá. Tem quanto tempo que ela morreu? Tem uns dois três anos. Mais, ela ficava vagando, ela ficou meio doidinha. Então a única que poderia dar informações era ela.

ANEXO III

FESTEJO AO SANTO PADROEIRO

Festejo em louvor a São Benedito, padroeiro da cidade de Nerópolis acontece desde o tempo do distrito de Cerrado, as novenas iniciam-se dia 22 de julho e terminam no dia 03 de agosto, no dia que se comemora a municipalização. O dia de São Benedito é comemorado pela igreja católica no dia 05 outubro, mas, aqui a festa em seu louvor acompanha a época da colheita do café, que era realizada entre os meses de junho e julho. (CRUZ 2017), São Benedito é um santo italiano negro, filho de escravos etíopios, que foi educado pelo seu senhor, foi canonizado no ano de 1807. Benedito foi convidado para entrar para vida sacerdotal, após sofrer ofensas devido a cor da sua pele aos dezenove anos, reagiu com simplicidade e misericórdia com aqueles que o ofenderam.

O ato foi visto e admirado por um eremita franciscano que o convidou para entrar para a vida monástica. Seu habito marrom traz com semiologia a humildade e simplicidade, pois São Benedito era o cozinheiro do mosteiro, exerceu essa função durante vários anos, cozinhar era tido como uma função *inferior* de menor valor, perante os outros sacerdotes. A cor marrom da sua vestia, também simboliza a cor da *terra* a cor do *húmus* de onde vem a palavra humildade, é a cor da simplicidade.

São Benedito no Brasil é o santo protetor dos *cafezais*, dos *negros* e dos *humildes serviçais*, pois bem, esta aí a ligação da nossa festa em louvor a São Benedito, pois o Distrito de Cerrado era um importante produtor de café da região de Anápolis. Após a queda da produção na região sudeste mais precisamente no interior paulista, devido as mudanças no que se refere a instalação da indústria de bens de consumo primário.

Compreender os ritos e sacramento católicos são difíceis uma vez que fui iniciada nesta doutrina apenas com a cerimonia da pia batismal. Por isso busco ajuda na sociologia rural, para conhecer o catolicismo rustico que foi praticado pelo fieis dá paróquia de São Benedito no Distrito de Cerrado, que permanece até os dias de hoje. Como se fosse uma conversa daquelas ao pé do ouvido quando estamos disperso durante a missa, conversando e olhando a reação dos outros, perante os nosso murmuro (Silveira 2009) explica que o catolicismo rustico brasileiro sofre influencias fundamentais de dois fatores: o catolicismo popular português e a falta de sacerdote nos rincões do sertão. Como em Portugal o catolicismo tinha - e ainda tem como fulcro, ou seja, sustentáculo,

o culto dos santos: cada família, cada aldeia sentia orgulho do seu padroeiro, festejado em datas consagradas.

Tudo isso se transportou para o Brasil, aqui como lá, permanece como base do catolicismo popular o culto ao santo padroeiro. Porém para conhece-lo bem é preciso conhecer dois grupos fundamentais da vida camponesa, *sertaneja*¹⁶ do Brasil; a *família* e o *grupo de vizinhança*. O caboclo brasileiro, ou seja, o *sertanejo*, não habita em aldeias, isso acontece raramente. Ele constrói suas casas na terra que cultiva, e morra isolado dos seus vizinhos. Cada família tem vida econômica independente, um conjunto delas forma um grupo de vizinhança e recebem o nome de *bairro rural*.

O bairro rural geralmente tem como centro uma *capela*. Essa forma de *habitat*, disperso é encontrado em várias partes do país, em regiões que a primeira vista podem parecer desabitadas, mas são pontilhadas de casas que mostram a existência de um grupo de *vizinhança* ao qual a capela serve como um campo de atração. A vida desses grupos é ritmada por períodos de isolamento e de concentração. As famílias trabalham sozinhas nos seus campos, *na roça*, mas, reúnem-se sempre em momentos de festa religiosa.

Quando chega o dia do santo padroeiro eles partem, fecham as portas das suas casas, encostam a suas enxadas e *partem* para o bairro rural, para a *capela*. Sobre a festa em louvor ao santo padroeiro dona Euceni: *Era tudo igual, como nos dias de hoje. No dia da festa tinha os que levavam as coisas para arrematarem. Soltava foguete e tudo. Punham a bandeira junto da cruz, né. A festa do santo, era como agora no mês de agosto. Juntava todo mundo limpava a cidade. Figura: Mutirão de Limpeza da cidade de Nerópolis nos ano de 1950.*

¹⁶ O homem do campo dentro de várias leituras nas ciências sociais é denominado como caipira, camponês, sertanejo. Adoto o termo sertanejo por se tratar dos sujeitos que viveram no sertão goiano. O termo carrega toda uma interpretação sobre esses sujeitos que tem os seus costumes e hábitos ligados a formação social na qual estavam totalmente inseridos e nela mergulhados como modo de garantir a vida nos rincões do centro-oeste. Em oposição a ideologização do discurso de modernidade que submeteu e seduzia o homem da cidade, como um chamado para o devaneio da “modernização”, ou seja substituição de modos de produção tradicionais por atividades ligadas a urbanização e a industrialização. Colocou ambos, o sertanejo e o litorâneo em oposição quanto aos modos tidos com citadinos e sertanejos. Posso ressaltar, que os dois estão presentes e coadunando em um modo de vida sertaneja em Goiás, no Distrito de Cerrado – na cidade de Nerópolis.

Figura 28: Rua Aderbal Antunes de Oliveira – Agenor Caldas – Anos 1950



Fonte: <http://www.neropolisinfoco.com.br/fotoalbum.php?cod=65>

Figura 29: Mutirão de Limpeza da Cidade anos de 1950.



Fonte: (foto: trabalho de campo, 10/ 2014) Arquivo pessoal de Altair Pazzini.

Da festa (Silveira 2009, p.110)” Homens, mulheres e crianças vestem as suas melhores roupas, levam nas mãos os sapatos que não calçarão, senão, a chegar perto do núcleo”. Todos no bairro sentem a obrigação de festejar o santo, a expressão *roupa de ver deus*, é proferida para designar a melhor roupa que se tem no guarda roupa, ou seja, a roupa que é guardada para ser usada em dias especiais.

A festa de São Benedito que acontece todos anos na Matiz da Igreja no centro de Nerópolis, movimenta o comercio da cidade, momento que muitas pessoas compram roupas novas para poderem participar doas novenas e dos leilões em “louvo ao santo”. No entanto, a festa em louvor as São Benedito, “a festa das barraquinhas”, tem como característica - o comércio temporário informal em Nerópolis, nunca contou como barracas vendem roupas, acessórios religiosos como rosários crucifixos, imagens de santos e outros, como acontecem na festa do Divino Pai Eterno na cidade de Trindade ou Nossa Senhora do Carmo em Nova Veneza. O comércio na festa no Distrito e agora cidade de Nerópolis, sempre foi de comida, bebida e jogos de parque de diversão.

Há poucos anos, a direção da igreja em conjunta com administração municipal, unificou as *barraquinhas* que ficavam dispersas em volta da praça da Matiz e do Correto em uma única tenda o *Ranchão*. Lá acontece o tradicional leilão de pratos de comida como leitão assado, costela de vaca, bolo, doces e outros. O último dia de leilão¹⁷, atraem mais pessoas, nele é leiloado as prendas de maior valor econômico novilhas, garotes, vacas prenhas e padrinhos que foram doados pelas famílias mais abastadas da cidade.

Os sertanejos de (Silveira 2009b) assim como, os moradores do Distrito de Cerrado tendia dos campos, da roça, para a *capela*, para a *Matriz de São Benedito*, a reunião e a pratica em comum tornava palpável a noção de que pertenciam ao mesmo grupo social. Para essa população dispersa a capela é por assim dizer um símbolo de um

¹⁷ No dia 03 de agosto de 2017 foi comemorado os 68 anos da cidade, à agência de turismo e lazer da cidade trouxe para realizar um shows o Padre Fabio de Melos, um dos padres midiáticos mais reconhecidos do país. No entanto, apesar do show ter sido amplamente divulgado na cidade com carro de som e nos jornais; O Popular e Nova Opção de circulação estatual, o show contou com público irrisório. Segundo uma das festeira da festa de São Benedito “*depois da missa as pessoas preferiram ir ver o leilão porque tinha novilhas no lote da noite*”. Poderia tecer várias narrativas sobre este ocorrido, mas vou fazer apenas uma pequena observação: a média salarial dos moradores da cidade de Nerópolis circula entre um e dois e meio salário mínimo. Quem compra vaca? As mesmas pessoas de sempre os Teixeira e outras poucas famílias que não conheço o nome. Existe é a necessidade de estar no epicentro dos acontecimentos da cidade, saber quem comprou, quanto pagou, quem foi? Como estava vestida? Com quem saiu? E estar no mesmo círculo que as famílias mais tradicionais da cidade estão esse tipo de coisa movimenta o moinho da fofoca pelos dias que se seguem.

grupo social importante que ultrapassa e sobrepõe ao grupo doméstico. Além da solidariedade familiar existe, também a solidariedade do grupo de vizinhança, que se exprime na ajuda mútua dos seus membros e que se exterioriza de maneira concreta e visível na organização da festa religiosa.

Na época do festejo de São Benedito no então, Distrito de Cerrado os moradores se reúnem para fazer a limpeza da igreja, e das ruas a sua volta. Dona Euceni: Uai? *Era tudo igual, como nos dias de hoje. No dia da festa tinha os que levavam as coisas para arrematarem. Soltava foguete e tudo. Punham a bandeira junto da cruz, né. A festa do santo, era como agora no mês de agosto. Juntava todo mundo limpava a cidade.*

Mas quem faz a festa é o festeiro, e quem organiza também. Na fala de Dona Euceni fica claro a participação da comunidade em torno dos festejos para São Benedito este, costume permanece e movimenta a vida da comunidade católica da cidade de Nerópolis durante todo o ano até culminar com a realização da festa. A festa do santo padroeiro se estrutura sempre do mesmo modo (Silveira, 2009):

Cada ano é escolhido um festeiro ou **“dono da festa”** encarregado de organizar e pagar parte das despesas. Fica a seu cargo, a alimentação de todos que virão, comemorar a data, por isso escolhe-se de preferência um sitiante abastado que disponha de viveres para fazer faces às exigências da posição (Silveira, 2009 p. 110).

Entretanto, desde o tempo do Distrito de Cerrado a figura do fazendeiro abastado que promove, e movimenta a festa, está ao lado dos demais festeiros que pagam pela honraria de participar da organização do louvor ao santo com o trabalho para a igreja, seja levando pratos de comida para serem leiloados, cozinhando, arrumando e servindo comida nas barracas da igreja, e promovendo eventos ao longo do ano para pagar as despesas iniciais da festa.

Dentre os trabalhos distribuídos aos fiéis ao longo do ano, temos o acolhimento de imagens de santos como Maria do Rosário, Nossa Senhora Aparecida e São Benedito, os responsáveis pela guarda da imagem promove novena entre parente e vizinhos que comunga da fé católica, e depositam donativos no cofre que acompanha a imagem. Para (Silveira, 2009)

Todavia, os gastos excedem sempre as posses de qualquer sitiante; a tradição então manda que o festeiro, (ou alguém em seu lugar percorra o bairro todo) e suas adjacências recolhendo oferendas que ajudaram a pagar as despesas. O peditório esta tradicionalmente a cargo de algum grupo a folia, compense de um porta estandarte carregando a imagem do santo acompanhado por dois ou três músicos um animal destinado ao transporte de donativos. A comitiva vai de sitio em sitio (Silveira, 2009, p. 110 c) (grifo nosso).

Hoje existe duas folias totalmente distintas mas, como o mesmo proposito na cidade de Nerópolis a de Reis e a de Nossa Senhora Aparecida a primeira acontece entre os meses de dezembro e janeiro, a segunda no final de junho e início julho. A festa da Folia de Santo Reis é a mais antiga, segue a tradição de servir almoço e janta para a comitiva que sai pedindo donativos.

Figura 30: Reis Comitiva dos Três Reis Magos, Rua Joaquim Nabuco – Setor São Paulo



Fonte: foto (Trabalho de campo, 01/2017)

Conhece quatro campanhas de Falias de Reis da Cidade; Três Reis Magos, Antônio Quincas, Dos Baianos e Santos Reis, companhias que visitam os fies de toda a comunidade, no setor Centro- Distrito de Cerrado e demais bairros, algumas comitivas participam da folia na cidade e outras vão para as roças. Sendo que no Centro- Distrito de Cerrado estão concentrados os grupos mais velhos que vão de encontro com aqueles

que não conseguem mais participar da organização e muitas vezes dos festejos ao santo. As famílias que recebem a folia, oferecem o chamado *pouso*, o local de descanso para a comitiva comer, aliviar as dores do cansaço acumulado dos dias de peregrinação. Tem o *pouso de visita*, na volta do dia, os foliões adentram a casa e fazem uma cantoria, depois se refrescam e continuam a jornada este momento não é aberto para toda comunidade apenas para as pessoas da família que está recebendo, o *pouso de comida* almoços e jantares, é aberto a todos que querem participar e atraem os moradores.

Em algumas *janta de folia*, ainda permanece o costume de oferecer as pessoas que recebem a comitiva de foliões uma *cantoria* depois da janta um *forro*, feito a voz, sanfona e triângulo. Esses ritos anuais, mantém vivo o sentido de bairro rural de comunidade que estava no germe do Distrito Cerrado. A comitiva dos Três Reis Magos visitam as roças, os povoados da Macaúba do Guardianopolis, o setor São Paulo, Alda Tavares, parque das América, Centro e o Botafogo, são sete dias de visita e arrecadação de contribuição. Nesta folia, a *prenda ou o donativo* fica escondido por entre meio os enfeites que fazem do portão da casa um portal, oferece abrigo e descanso, para aqueles que estão viajando de encontro a menino de Belém.

Figura 31: Pagamento da prenda e recebimento da imagem – Setor São Paulo



Fonte: foto (Trabalho de campo, 01/2017)